

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Departamento de Economia



Monografia de Final de Curso

Balança comercial brasileira: os efeitos da ascensão da China

Aluno: Petrus de Carvalho Pereira

Matrícula: 1912471

Orientadora: Eliane Gottlieb

Rio de Janeiro, Brasil

Novembro/2024

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Departamento de Economia



Monografia de Final de Curso

Balança comercial brasileira: os efeitos da
ascensão da China

Aluno: Petrus de Carvalho Pereira

Matrícula: 1912471

Orientadora: Eliane Gottlieb

Declaro que o presente trabalho é de minha autoria e que não recorri para realizá-lo a nenhuma forma de ajuda externa, exceto quando autorizado pelo professor tutor.

As opiniões expressas neste trabalho são de responsabilidade única e exclusiva do autor.

RESUMO

A presente monografia busca analisar a evolução das relações comerciais entre o Brasil e a China ao longo do período de 1997 a 2023, e seus possíveis impactos sobre determinados aspectos da balança comercial brasileira.

É importante salientar que no ano de 2024 comemora-se 50 anos do reestabelecimento de relações diplomáticas entre os dois países, ocorrido em 1974. Hoje, é de conhecimento que o comércio entre os dois países adquiriu grande importância para a economia brasileira.

O trabalho aborda a relação comercial com a China e com os principais parceiros comerciais do Brasil, os valores comercializados, os principais produtos da pauta de exportação e importação. São abordadas algumas bibliografias sobre essa relação bilateral e as suas conclusões são discutidas ao final do trabalho, juntando os dados e informações levantadas e analisando-os à luz dos textos bibliográficos escolhidos.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. REVISÃO DA LITERATURA.....	17
2.1. Sobre as perspectivas para o Brasil, em 2011, das relações bilaterais com a China.....	17
2.1.1. A ascensão da China no sistema de comércio mundial.....	17
2.1.2. Efeitos da crise de 2008 e os impactos na balança comercial brasileira.....	20
2.2. Brasil - China: Uma parceria predatória ou cooperativa?	21
2.3. Uma visão do comércio com a China e a desindustrialização do Brasil.....	24
2.4. Oportunidades de aumento das exportações de produtos agrícolas do Brasil para a China e possíveis acordos de cooperação entre os dois países.....	26
2.4.1. Produtos agropecuários com maior potencial de expansão de exportações.....	27
3. EVOLUÇÃO DA BALANÇA COMERCIAL POR REGIÕES/PAÍSES: EUROPA, ESTADOS UNIDOS, CHINA, ÁSIA, AMÉRICA DO SUL E RESTO DO MUNDO.....	29
3.1. Correção dos valores de exportação e importação para final de 2023.....	29
3.2. Saldo comercial, exportações e importações do Brasil com as seis regiões/países.....	31
4. EVOLUÇÃO DA BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA POR GRUPOS DE PRODUTOS, EM TERMOS AGREGADOS E COM AS SEIS REGIÕES/PAÍSES.....	36
4.1. Os 66 itens do critério CUCI Divisão subdivididos pelos cinco Grupos de Produtos.....	37
4.2. Evolução do total das exportações pelos cinco Grupos de Produtos.....	40
4.3. Evolução das exportações para as seis regiões/países segmentadas pelos cinco Grupos de Produtos.....	41
4.4. Evolução das importações agregadas dos cinco Grupos de Produtos.....	45
4.5. Evolução das importações dos cinco Grupos de Produtos provenientes das seis regiões/países.....	47
4.6. Evolução dos custos de frete & seguro das importações dos seis países/regiões.....	50

5. EVOLUÇÃO DOS PRODUTOS DE EXPORTAÇÃO - o aumento das vendas de produtos da agropecuária e da extrativa, com destaque para a China, e a redução das vendas de máquinas, equipamentos e veículos, destacadamente para a América do Sul.....	52
5.1. Os produtos relacionados ao crescimento das exportações para a China.....	52
5.2. Os gráficos dos valores financeiros totais, das toneladas negociadas e dos valores por tonelada, calculados pela divisão dos valores financeiros totais pelas toneladas negociadas.....	54
5.2.1. Sementes e frutos oleaginosos.....	55
5.2.2. Minérios metálicos e sucata.....	56
5.2.3. Petróleo e produtos e materiais relacionados.....	58
5.2.4. Carne e preparações de carne.....	59
5.2.5. Celulose e resíduos de papel.....	61
5.2.6. Fibras têxteis e seus resíduos e Fios têxteis, tecidos e artigos confeccionados.....	62
5.3. A redução das exportações de Máquinas, Equipamentos e Veículos pós-crise de 2008.....	63
6. EVOLUÇÃO DOS PRODUTOS DE IMPORTAÇÃO - China se torna um dos maiores fornecedores de Máquinas, Equipamentos e de Produtos Industriais Intermediários, como também, de quatro destacados Produtos Industriais de Consumo	66
6.1. Importações de Máquinas e Produtos Industriais Intermediários da China	69
6.1.1. Máquinas e aparelhos elétricos	69
6.1.2. Veículos rodoviários	70
6.1.3. Máquinas em geral e equipamentos industriais e peças de máquinas	72
6.1.4. Equipamentos de telecomunicações e de gravação e reprodução de som	73
6.1.5. Materiais e produtos químicos	74
6.1.6. Produtos metálicos.....	76
6.1.7. Ferro e aço.....	77

6.1.8. Impactos positivos das importações de insumos produtivos da China – Máquinas e Equipamentos e Produtos Industriais Intermediários – sobre a competitividade brasileira.....	78
6.2. Composição das importações de Produtos Industriais de Consumo e os quatro produtos que a China passou a ser o principal ou um dos principais fornecedores.....	79
6.2.1. Composição das importações de Produtos Industriais de Consumo: farmacêuticos e outras quatro categorias de produtos somam 91% das importações, de 1997 a 2023.....	80
6.2.2. Produtos Industriais de Consumo que a China passou a ser o principal ou um dos principais fornecedores, junto com o restante da Ásia.....	82
6.2.2.1. Artigos manufaturados diversos.....	82
6.2.2.2. Artigos de borracha.....	84
6.2.2.3. Fios têxteis, tecidos e artigos confeccionados e artigos de vestuário.....	85
6.2.2.4. O aumento das importações de fios têxteis, tecidos e artigos confeccionados e das exportações de fibras têxteis e a queda das exportações de fios têxteis do Brasil.....	88
7. CONCLUSÃO.....	90
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	94

RELAÇÃO DE QUADROS

Quadro 1: Taxas anuais de variação do *Consumer Price Index* (CPI) dos Estados Unidos.

Quadro 2: Evolução dos produtos de exportação, sombreados em azul os produtos relacionados com exportações para China, e em laranja os produtos de máquinas, equipamentos e veículos.

Quadro 3: Evolução da participação percentual das seis regiões/países no total das exportações de 22 produtos, em 1997-2003 e 2017-2023, em termos de valores em US\$ corrigidos para 2023

Quadro 4: Valor médio anual, em US\$ MM corrigidos para 2023, das exportações dos principais produtos de Máquinas, Equipamentos e Veículos, em 2004-2008, cinco anos anteriores à crise de 2008, e 2019-2023, últimos cinco do período pesquisado.

Quadro 5: Evolução dos principais produtos de importação, em ordem de maiores valores médios no período 2017 a 2023, com destaque aos produtos que a China passou a ser o principal ou um dos principais fornecedores.

Quadro 6: Participação percentual média das seis regiões nas importações dos principais produtos da pauta brasileira, em 1997-2003 e 2017-2023, em valores de US\$ MM.

Quadro 7: Participação percentual dos 11 itens dos Produtos Industriais de Consumo no total importações, no período de 2017 a 2023, últimos sete anos do período pesquisado.

RELAÇÃO DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Exportações totais do Brasil entre 1997 e 2023, em valores nominais por milhões de dólares e em valores por milhões de dólares corrigidos para 2023

Gráfico 2: Importações totais do Brasil entre 1997 e 2023, em valores nominais por milhões de dólares e por valores em milhões de dólares corrigidos para 2023

Gráfico 3: Saldo da balança comercial do Brasil de 1997 a 2023, em valores nominais por milhões de dólares e por valores em milhões de dólares corrigidos para 2023

Gráfico 4: Saldo comercial do Brasil com as seis regiões/países, em US\$ milhões corrigidos para final de 2023

Gráfico 5: Exportações do Brasil para as seis regiões/países, em US\$ milhões corrigidos para final de 2023

Gráfico 6: Importações do Brasil com as regiões/países, em US\$ milhões corrigidos para final de 2023

Gráfico 7: Exportações do Brasil - participação percentual pelas seis regiões/países

Gráfico 8: Importações do Brasil - participação percentual pelas seis regiões/países

Gráfico 9: Exportações totais do Brasil pelos cinco Grupos de Produtos, em US\$ milhões corrigidos para valores de final de 2023

Gráfico 10: Participação percentual no total das exportações segmentadas pelos cinco Grupos de Produtos

Gráfico 11: Exportações para a China pelos cinco Grupos de produtos, em US\$ milhões corrigidos para valores de final de 2023

Gráfico 12: Exportações para a Ásia (sem China e Oriente Médio) pelos 5 Grupos de Produtos, em US\$ milhões corrigidos para valores de final de 2023

Gráfico 13: Exportações para a Europa pelos cinco Grupos de Produtos, em US\$ milhões corrigidos para valores de final de 2023

Gráfico 14: Exportações para os Estados Unidos pelos cinco Grupos de Produtos, em US\$ milhões corrigidos para valores de final de 2023

Gráfico 15: Exportações para a América do Sul pelos cinco Grupos de Produtos, em US\$ milhões corrigidos para valores de final de 2023

Gráfico 16: Exportações para o Resto do Mundo pelos cinco Grupos de Produtos, em US\$ milhões corrigidos para valores de final de 2023

Gráfico 17: Importações totais do Brasil pelos cinco Grupos de Produtos, em US\$ milhões corrigidos para valores de final de 2023

Gráfico 18: Participação percentual no total das importações segmentadas pelos cinco Grupos de Produtos

Gráfico 19: Importações de Máquinas, Equipamentos e Veículos (Máquinas) das seis regiões/países, em US\$ milhões corrigidos para 2023

Gráfico 20: Importações de Produtos Industriais Intermediários das seis regiões/países, em US\$ milhões corrigidos para 2023

Gráfico 21: Importações da Indústria Extrativa das seis regiões/países, em US\$ milhões corrigidos para 2023

Gráfico 22: Importações de Produtos Industriais de Consumo das seis regiões/países, em US\$ milhões corrigido para 2023

Gráfico 23: Importações de Agropecuários e de manufaturas relacionadas, das seis regiões/países, em US\$ milhões corrigido para 2023

Gráfico 24: Custo percentual médio anual de frete mais seguro sobre o valor FOB das importações, pelos cinco Grupos de Produtos

Gráfico 25: Custo percentual médio anual de frete mais seguro sobre o valor FOB das importações, pelas seis regiões/países

Gráfico 26: Exportações de sementes e frutos oleaginosas para os quatro principais mercados, em US\$ milhões corrigidos para 2023

Gráfico 27: Exportações de sementes e frutos oleaginosas para os quatro principais mercados - valores médios anuais em US\$ milhões por milhares de toneladas, corrigidos para 2023

Gráfico 28: Exportações de minerais metálicos e sucata para os quatro principais mercados - valor em US\$ milhões corrigidos para 2023

Gráfico 29: Exportações de minerais metálicos e sucata para os quatro principais mercados - volume em milhares de toneladas

Gráfico 30: Exportações de minerais metálicos e sucata para os quatro principais mercados - valores médios anuais em US\$ milhões por milhares de toneladas, corrigidos para 2023

Gráfico 31: Exportações de petróleo e produtos relacionados para as seis regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023

Gráfico 32: Exportações de petróleo e produtos relacionados para as seis regiões/países - valores médios anuais em US\$ milhões por milhares de toneladas, corrigidos para 2023

Gráfico 33: Exportações de carnes e preparações de carne para quatro regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023

Gráfico 34: Exportações de carnes e preparações de carne para quatro regiões/países - valores médios anuais em US\$ milhões por milhares de toneladas, corrigidos para 2023

Gráfico 35: Exportações de celulose e resíduos de papel para cinco regiões/países - volume em milhares de toneladas

Gráfico 36: Exportações de celulose e resíduos de papel para cinco regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023

Gráfico 37: Exportações de fibras têxteis e seus resíduos para três regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023

Gráfico 38: Exportações de fios têxteis, tecidos e artigos confeccionados para as seis regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023

Gráfico 39: Exportações de produtos de Máquinas, Equipamentos e Veículos - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023

Gráfico 40: Exportações de veículos rodoviários para as seis regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023

Gráfico 41: Exportações de máquinas em geral e equipamentos industriais e peças de máquinas para as seis regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023

Gráfico 42: Importações de máquinas e aparelhos elétricos de quatro regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023

Gráfico 43: Importações de máquinas e aparelhos elétricos de quatro regiões/países - volumes em milhares de toneladas

Gráfico 44: Importações de máquinas e aparelhos elétricos - valores médios anuais por mil toneladas em US\$ milhões

Gráfico 45: Importações de veículos rodoviários das seis regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023

Gráfico 46: Importações de veículos rodoviários das seis regiões/países - volumes em milhares de toneladas

Gráfico 47: Importações de veículos rodoviários das seis regiões/ países - valores médios anuais por mil toneladas em US\$ milhões

Gráfico 48: Importações de máquinas em geral e equipamentos industriais e peças de máquinas das seis regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023

Gráfico 49: Importações de máquinas em geral e equipamentos industriais e peças de máquinas das seis regiões/países - volumes em milhares de toneladas

Gráfico 50: Importações de máquinas em geral e equipamentos industriais e peças de máquinas das quatro principais regiões/ países - valores médios anuais por mil toneladas em US\$ milhões

Gráfico 51: Importações de equipamentos de telecomunicações e de gravação e reprodução de som de quatro regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023

Gráfico 52: Importações de equipamentos de telecomunicações e de gravação e reprodução de som de quatro regiões/países - valores médios anuais por mil toneladas em US\$ milhões

Gráfico 53: Importações de materiais e produtos químicos de cinco regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023

Gráfico 54: Importações de materiais e produtos químicos de cinco regiões/países - valores médios anuais por mil toneladas em US\$ milhões

Gráfico 55: Importações de produtos metálicos de quatro regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023

Gráfico 56: Importações de produtos metálicos de quatro regiões/países - volumes em milhares de toneladas

Gráfico 57: Importações de produtos metálicos de quatro regiões/países - valores médios anuais por mil toneladas em US\$ milhões

Gráfico 58: Importações de ferro e aço de quatro regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023

Gráfico 59: Importações de ferro e aço de quatro regiões/países - valores médios anuais por mil toneladas em US\$ milhões

Gráfico 60: Importações de farmacêuticos e medicinais das seis regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023

Gráfico 61: Importações de farmacêuticos e medicinais das seis regiões/países - volume em milhares de toneladas

Gráfico 62: Importações de farmacêuticos e medicinais das seis regiões/países - valores médios anuais por mil toneladas em US\$ milhões

Gráfico 63: Importações de artigos manufaturados diversos das seis regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023

Gráfico 64: Importações de artigos manufaturados diversos das seis regiões/países - volumes em milhares de toneladas

Gráfico 65: Importações de artigos manufaturados diversos das seis regiões/países - valores médios anuais por mil toneladas em US\$ milhões

Gráfico 66: Importações de artigos de borracha das seis regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023

Gráfico 67: Importações de artigos de borracha das seis regiões/ países - volumes em milhares de toneladas

Gráfico 68: Importações de artigos de borracha das seis regiões/ países - valores médios anuais por mil toneladas em US\$ milhões

Gráfico 69: Importações de têxteis, tecidos e artigos confeccionados das seis regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023

Gráfico 70: Importações de têxteis, tecidos e artigos confeccionados das seis regiões/países - volumes em milhares de toneladas

Gráfico 71: Importações de têxteis, tecidos e artigos confeccionados das seis regiões/países - valores médios anuais por mil toneladas em US\$ milhões

Gráfico 72: Importações de artigos de vestuário das seis regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023

Gráfico 73: Importações de artigos de vestuário das seis regiões/países - volumes em milhares de toneladas

Gráfico 74: Importações de artigos de vestuário das seis regiões/países - valores médios anuais por mil toneladas em US\$ milhões

1. INTRODUÇÃO

A partir da década de 1980, graças a reformas implantadas em sua economia e a abertura do seu comércio exterior, a economia da China começou a crescer rapidamente alcançando altas taxas de crescimento anual de seu PIB nominal. Isso possibilitou que, no século XXI, a economia chinesa emergisse como uma potência global e se tornasse a segunda maior economia do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos.

A China se tornou uma peça central na cadeia de suprimentos global, participando ativamente do comércio internacional e estabelecendo parcerias estratégicas com outras economias. Um dos países que aumentaram muito suas relações com a China foi o Brasil. De fato, a China se tornou seu maior parceiro comercial nos últimos anos.

A presente monografia busca analisar as relações comerciais entre o Brasil e a China ao longo do século XXI, seu impacto transformador na balança comercial brasileira e os efeitos detectáveis destes impactos sobre a economia brasileira, a partir da evolução dos dados das transações comerciais.

O comércio bilateral entre esses dois países aumentou significativamente ao longo das últimas décadas, no que se transformou em uma das parcerias comerciais mais robustas do mundo. Isso ocorreu justamente por se tratar de economias complementares. Enquanto o Brasil possui abundância de recursos naturais, a China desenvolveu uma grande capacidade industrial para processar e transformar esses recursos em produtos finais. Além disso, seu grande mercado consumidor passou a ser explorado pelo Brasil, no sentido de ser uma volumosa demanda para suas exportações de produtos agropecuários e da indústria extrativa. Já em relação às importações, a China passou a fornecer diversos produtos industriais que, presumivelmente, o Brasil não produz com a mesma eficiência.

A monografia analisa os dados da balança comercial brasileira e sua evolução ao longo dos anos de 1997 a 2023, expondo a evolução das transações com os principais países e regiões, como também em termos dos principais grupos de produtos comercializados – entre as commodities e os produtos industriais -, a evolução dos valores totais, dos volumes e dos valores médios comercializados. O trabalho busca relacionar o aumento desse comércio bilateral com o aumento no volume de exportação brasileira e com a evolução do total do comércio exterior do Brasil, avaliando a importância da China para a balança comercial brasileira.

Embora o saldo comercial com a China tenha sido constante e crescentemente positivo, há controvérsias se essa relação não estaria impactando negativamente o desenvolvimento econômico brasileiro, principalmente após a crise econômica e financeira de 2008. De acordo com artigos publicados, a tendência de especialização do Brasil em produtos primários poderia estar sendo prejudicial para outros setores da economia, enfraquecendo sua indústria. Outro ponto negativo nessa relação, também abordado pela literatura, é que há a possibilidade de estar se formando uma alta dependência do Brasil em uma pauta de exportações concentrada em produtos primários voltada para o mercado chinês.

No capítulo 2, é feita uma breve revisão da literatura, com quatro artigos publicados entre 2011 e 2022 sobre o tema em foco. O primeiro artigo, do IPEA, traça uma evolução da história recente da China e comenta os impactos da crise de 2008. O segundo e o terceiro artigos, do pesquisador Altemani, de 2016, e de Diegues e Sugimoto, de 2022, analisam os impactos do aumento do comércio com a China, levantando pontos positivos e negativos dos seus efeitos sobre a economia brasileira, principalmente com relação ao período posterior à crise dos subprimes de 2008, que impactou diretamente os países ocidentais. O quarto artigo, também do IPEA, de 2022, explora as oportunidades de comércio e de acordos com a China no setor agropecuário.

O capítulo 3 inicia a apresentação das séries de dados tratados pela presente pesquisa, baseada no banco de dados no Comex do Ministério do Desenvolvimento, Comércio, Indústria e Serviços (comexstat.mdic.gov.br), mostrando a evolução das transações da balança comercial do Brasil, com as exportações e importações de 1997 a 2023, referentes às cinco principais países/regiões que comercializam com a Brasil – Europa, Estados Unidos, América do Sul, China (mais Hong Kong) e Ásia (sem Oriente Médio e China) – e o restante, denominado de Resto do Mundo.

O capítulo 4 apresenta a evolução das transações comerciais brasileiras segmentadas por cinco Grupos de Produtos – agropecuários e produtos manufaturados relacionados; produtos da indústria extrativa; máquinas, equipamentos e veículos; produtos industriais intermediários; e produtos industriais de consumo. Estes Grupos foram formados com base nas estatísticas dos 66 produtos que segmentam as transações comerciais conforme o critério Classificação Uniforme para Comércio Internacional (CUCI Divisão). São apresentadas as séries agregadas de exportação e de importações destes cinco Grupos de Produtos e as transações comerciais das seis regiões/países segmentadas também por este critério. Este capítulo também traça a evolução, nitidamente decrescente, dos custos de seguro e frete, especialmente das importações provenientes da China.

Os capítulos 5 e 6 são voltados a analisar as exportações e as importações dos principais produtos comercializados com a China, destacando a evolução dos valores totais negociados e da participação da China no comércio. Para as importações, no capítulo 6, também são apresentados os volumes transacionados e os valores médios anuais por toneladas negociadas, de 1997 a 2023. Diversos resultados apontaram para a tese de que as importações de produtos industriais da China poderiam ter gerado, nos últimos anos, impactos positivos sobre a competitividade da economia brasileira. Tais conclusões são analisadas a luz dos artigos escolhidos como base para a revisão da literatura.

O capítulo 7 apresenta as principais conclusões a respeito dos impactos da relação comercial do Brasil com a China sobre a balança comercial ao longo de todo período, o saldo comercial, e os eventuais efeitos, detectáveis, deste comércio sobre a indústria brasileira, comparados com conclusões obtidas, anteriormente, nos artigos apresentados na revisão da literatura.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. Sobre as perspectivas para o Brasil, em 2011, das relações bilaterais com a China

Em 2011, o “Grupo de Trabalho sobre China” do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), publicou um artigo sobre “*As relações Bilaterais Brasil – China: A ascensão da China no sistema mundial e os desafios para o Brasil*”¹. Este artigo apresenta uma perspectiva de como o estado brasileiro deveria avaliar os diferentes desafios que se formavam nas relações econômicas com a China. Projeta as possíveis tendências das diversas frentes que se formavam, para apresentar um quadro das oportunidades e ameaças desta relação na década dos anos 2010, que se iniciavam, e abordou as trocas comerciais e os impactos na economia.

O comércio mundial já havia passado por significativas transformações nos anos 90, especialmente na primeira década do século XXI, e ambas as economias haviam atravessado amplos processos de transformação, principalmente a China. Como destacado pelos técnicos do IPEA, os desafios ao Brasil se apresentavam relevantes “*num contexto marcado pela forte ascensão deste país ao longo dos anos 2000 e pela tentativa de mudança em curso do padrão de crescimento da China após a crise de 2008, (...)*”.

2.1.1. A ascensão da China no sistema de comércio mundial

A parte I da publicação abordou os movimentos internos e externos que proporcionaram à China se tornar o maior centro de produção industrial do mundo. Os principais condicionantes do “milagre chinês” foram a capacidade de planejamento, mobilização e realização do Estado, da sociedade e de suas organizações. Além disso, houve aspectos históricos envolvendo os interesses políticos e econômicos dos Estados Unidos durante um longo período: a guerra fria contra a União Soviética, nos anos 70, a busca por contenção da força competitiva da economia japonesa, na segunda metade dos anos 80, e os interesses econômicos das grandes corporações americanas, que descobriram as oportunidades de desenvolver capacidade competitiva e obter ganhos a partir da instalação de unidades produtivas na China.

¹ *As relações Bilaterais Brasil – China: A ascensão da China no sistema mundial e os desafios para o Brasil*, Acioly, Luciana; Pinto, Eduardo Costa; Cintra, Antonio Macedo, técnicos de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Relações Econômicas e Políticas Internacionais (Dinte/Ipea)

Em 1972, o presidente americano Nixon retomou as relações com a China, iniciada com uma visita ao país, marcando sua abertura diplomática, após décadas de isolamento. Essa iniciativa fazia parte da estratégia, que existia desde o final da 2ª Guerra Mundial, de isolar ainda mais a União Soviética. Em 1978, após mais de 10 anos de Revolução Cultural (1966 a 1976), Deng Xiaoping iniciou amplas reformas internas que visavam uma nova estratégia de desenvolvimento econômico, voltado, principalmente, para a modernização da indústria.

As intenções desta política de Deng Xiaoping eram a descentralização das decisões econômicas, através da delegação de maior autonomia de decisão às províncias e a adoção de modelos gerenciais e tecnológicos do ocidente. Foram criadas as Zonas Econômicas Especiais, voltadas para o processamento de exportações, que possibilitaram um espaço de aprendizado das práticas econômicas estrangeiras e que foram absorvidas dentro da cultura chinesa. Assim, foram criadas 14 “cidades abertas” denominadas Zonas de Desenvolvimento Econômico e Tecnológico, que poderiam negociar novos incentivos para atrair capital estrangeiro.

A crise da praça da Paz Celestial, em junho de 1989, e o fim do Partido Comunista da União Soviética, em 1991, geraram um relativo retrocesso nas tendências de abertura econômica da China, decorrente da volta da centralização do poder no PCC e o fortalecimento do planejamento central. Contudo, em 1992, com o apoio dos líderes provinciais, do Exército de Libertação do Povo e de diversos segmentos do partido, entre os quais, os marxista-leninistas e os tecnocratas, Deng Xiaoping conseguiu implementar o “Grande Compromisso”, que estabeleceu um processo de aprofundamento das reformas e de abertura econômica por um período de 100 anos. O lema foi “*tornar a China uma nação rica e poderosa na metade do século XXI*”. Além da expansão das Zonas Econômicas Especiais, foram criadas as Zonas de Desenvolvimento de Alta Tecnologia e as empresas estatais passaram por um intenso processo de reformas.

A política cambial chinesa implementada cumpriu um importante papel no estímulo das exportações e no controle das importações. Houve a unificação dos mercados cambiais e o controle dos fluxos financeiros, o que possibilitou que o Banco Central controlasse a estabilidade da taxa de câmbio da moeda chinesa. Desta forma, foi possível a manutenção do valor da moeda, em termos nominais, atrelada ao dólar. Em termos reais, a moeda poderia se manter desvalorizada, viabilizando a geração de grandes saldos comerciais.

Por outro lado, para impulsionar a produção industrial, houve uma elevação dos investimentos públicos em infraestrutura, subsídio ao crédito e a implementação de políticas para a geração de ganhos gerenciais e produtivos. Foram criados incentivos fiscais para investimentos estrangeiros em setores de alta tecnologia. Tais investimentos também eram

atraídos em função do grande mercado chinês e pelo baixo custo da mão-de-obra. Os variados estímulos aos investimentos externos diretos (IED), proveniente de empresas das economias desenvolvidas, principalmente americanas, eram condicionados à transferência de tecnologia, pois era requerida a produção de conteúdo por empresas locais, em algumas etapas do processo produtivo.

Neste mesmo período, o Japão exercia um papel de liderança no adensamento de produção industrial formado com os “tigres asiáticos”. Esses países desenvolveram, nos anos 80 e 90, um modelo de crescimento sincronizado e integrado, com Japão, Coréia do Sul, Hong Kong, Cingapura, Taiwan e as Zonas Econômicas Especiais da China, conhecido como “gansos voadores”. Contudo, a produção “*made in Japan*” começava a incomodar as empresas americanas, vindo a se refletir na opinião pública dos Estados Unidos. Por essa razão, o governo americano pressionou para a realização do Acordo de Plaza de 1985, no qual representantes da Inglaterra, França, Alemanha e do Japão, se comprometeram a implementar políticas de valorização de suas moedas em relação ao dólar, induzindo a uma desvalorização cambial do dólar e à conseqüente perda de competitividade das exportações japonesas. No início dos anos 90, ocorreu o estouro da bolha de ativos da economia japonesa. Tais movimentos possibilitaram que a China começasse a emergir, a partir dos anos 90, como centro dinâmico da produção e da economia asiática, beneficiando as corporações americanas que lá já estavam instaladas e atraindo ainda mais fluxos de IED.

Em 2001, a China entra na Organização Mundial do Comércio (OMC), facilitando em muito a inserção deste país no comércio internacional. Nos anos 1990 e 2000, a complementariedade e parceria da economia chinesa e americana se fortaleceram, com o aumento da corrente de comércio mundial, a elevação do déficit comercial americano com a China e os decorrentes investimentos do governo chinês em títulos do governo americano. Houve um grande aumento das exportações chinesas, inclusive de produtos com maior valor agregado, para os Estados Unidos e, na seqüência, para todo o mundo.

As empresas chinesas, principalmente suas estatais, e as empresas americanas instaladas na China, passaram a liderar o processo integrado de produção formado pelo bloco de países asiáticos, em especial após 2002, através da formação de acordos comerciais com a Associação de Nações do Sudeste Asiático.

2.1.2. Efeitos da crise de 2008 e os impactos na balança comercial brasileira

Com a crise financeira de 2008, o governo chinês buscou se adaptar à nova realidade da economia mundial e manter suas taxas de crescimento, através de um redirecionamento do poder de compra interno, reforçando o consumo das famílias. Buscou também a desconcentração dos investimentos, direcionados para regiões do país que não haviam sido foco dos investimentos, além das Zonas Econômicas Especiais. No denominado 12º Plano Quinquenal (2011-2015) foram estabelecidas, entre diversas metas, um crescimento médio de 7% do PIB, a ampliação dos investimentos em Pesquisa e Desenvolvimento, o aumento da produção de grãos, a melhoria dos serviços públicos e a renovação de milhões de casas e apartamentos para as famílias de baixa renda.

Para manter a taxa de expansão, o Estado Chinês estabeleceu foco para garantir o fornecimento de três fatores sobre os quais eram necessários uma estratégia de atuação externa: alimentos, matérias-primas e recursos energéticos. Sobre esses três fatores, as relações comerciais e de IED da China com o Brasil, com a América Latina, entre outras regiões, passou a representar especial importância. Neste sentido, em paralelo à manutenção do ritmo de expansão das exportações chinesas, também mantiveram suas importações, como verificado na manutenção das exportações brasileiras para a China, concentradas em produtos primários.

A crise financeira e econômica de 2008 gerou forte impacto nos países desenvolvidos, que se refletiu também nos países em desenvolvimento. Contudo, como a China manteve seu ritmo de crescimento, a participação deste país no PIB mundial aumentou de 5% para 9,3%, entre 2005 e 2010, tendo gerado um efeito positivo de transmissão sobre os outros países da Ásia e os países em desenvolvimento, que aumentaram suas participações no PIB global de 8,9% para 14,7% e de 23,8% para 33,5%, respectivamente, no mesmo período.

Neste sentido, o artigo do IPEA de 2011 já havia captado o forte impacto da crise de 2008 sobre o total das exportações do Brasil, com a queda registrada em 2009 de US\$ 200 bilhões para US\$ 150 bilhões, declínio acentuado que contrastou com a manutenção do ritmo de crescimento das vendas do Brasil para China entre 2008 e 2010. Em relação às importações, o artigo já destacava o começo da expansão das compras provenientes da China, que entre 2000 e 2010, aumentava de algo pouco acima de US\$ 1 bilhão para US\$ 25 bilhões em 2010, já indicando que superaria, nos anos subsequentes, as importações dos EUA, que registravam US\$ 27,5 bilhões naquele mesmo ano.

Na primeira década do século XXI, o total das exportações brasileiras já haviam evoluído de um patamar de US\$ 55 bilhões para US\$ 200 bilhões. Dentro deste quadro de

grande crescimento das exportações, verificava-se uma concentração das exportações em produtos com baixo teor tecnológico. Nesse sentido, no ano de 2000, cerca de 50% das exportações brasileiras eram de produtos primários e manufaturas intensivas em recursos naturais, contudo, em 2009, essa participação havia se elevado para quase 2/3. Os produtos considerados de alta, média e baixa tecnologias representavam, conjuntamente, cerca de 51% do total exportado em 2000, participação se reduzindo a 32,7% em 2009.

Houve um expressivo crescimento da participação dos produtos primários e de manufaturas intensivas em recursos naturais na pauta de exportação para a China, ao longo da primeira década do século XXI. Como destacado no artigo, em 2010, minério de ferro e seus concentrados, sementes e oleaginosas, e petróleo já respondiam por 82% das exportações para aquele país. Por outro lado, no lado das importações provenientes da China, já era observável o aumento do peso de produtos de alta tecnologia, de US\$ 487 milhões em 2000 para US\$ 8 bilhões em 2008 e quase US\$ 10 bilhões em 2010.

2.2. Brasil - China: Uma parceria predatória ou cooperativa?

A presente seção destaca trechos do artigo “*Brasil-China: Uma parceria predatória ou cooperativa?*”, publicado pelo doutor e pesquisador Henrique Altemani de Oliveira², em 2016, que aborda questões problemáticas e pontos positivos das relações econômicas e comerciais do Brasil com a China.

Com um caráter de retrospectiva histórica, inicialmente o texto destaca a intensa relação comercial e de investimentos do Japão com o Brasil e outros países da América Latina, durante a guerra fria. Naquela época, esses países forneciam matéria prima e produtos agrícolas, enquanto o Japão exportava insumos industriais e bens de capital. Já prevalecia a tendência de padrão de relacionamento com os países asiáticos, onde o Brasil é fornecedor de produtos primários, capaz de suprir déficits em produtos agrícolas e minérios. Com o fim da guerra fria e as mudanças políticas e econômicas domésticas do Brasil, intensificou-se a tendência do leste asiático se tornar uma área de expansão estratégica no processo de inserção internacional brasileira.

O processo chinês de inserção no comércio internacional, iniciado em 1978, fez com que a China e o Brasil começassem uma parceria estratégica nos anos de 1990, até que, em

² ALTEMANI DE OLIVEIRA Henrique. *Brasil-China: uma parceria predatória ou cooperativa?* Revista tempo do mundo. Rtm. v.2. n.1, jan. 2016.

2001, com a entrada da China na OMC, essa parceria atingiu um novo patamar. Em 2009, destaca Altemani, esse país teria ultrapassado os EUA como o maior país-parceiro comercial do Brasil e as exportações brasileiras para a Ásia passaram a superar as exportações para a União Europeia. Isso, somado ao fato de que, no lado das importações, a Ásia também passou a ser a principal origem das importações brasileiras. Tal evolução do comércio exterior brasileiro, fez com que a Ásia, vista como um bloco econômico, se consolidasse como a principal parceria comercial do Brasil, quando comparado diretamente com os Estados Unidos ou com a União Europeia.

O artigo destaca que a ampliação da participação do comércio com a Ásia e a tendência de declínio da predominância das economias ocidentais desenvolvidas no comércio mundial refletem não apenas os efeitos da crise financeira global iniciada em 2008, mas também as mudanças que estariam se processando na estrutura do comércio internacional, em que a Ásia estaria assumindo um papel central. A China se tornou a “fábrica do mundo”, contudo o produto chinês seria mais asiático do que apenas chinês, devido ao estabelecimento de uma cadeia regional produtiva no continente, liderada, à princípio, pelo Japão desde os anos de 1960. A China, agregada como uma das últimas economias a fazer parte desse grupo, entrou com o papel da produção manufatureira e passou a liderar essa cadeia global de valor (CGV).

Nesse sentido, o autor aponta para uma condição estrutural, que predomina desde os anos de 1960, em que esses países da Ásia se tornaram o centro da produção manufatureira do mundo. O Brasil não estaria nela inserido, que se tornou a principal cadeia de produção industrial do mundo. Logo, o autor indica que, ao invés de optar por limitar o comércio com esse grupo, seria mais produtivo para a economia brasileira se adequar e aproveitar os pontos positivos que esse comércio pode gerar.

O autor faz importantes considerações quanto ao posicionamento comercial brasileiro frente a China, conforme o trecho destacado abaixo³:

“Em primeiro, apesar da forte assimetria e do efeito deslocamento, tem-se a consciência que o relacionamento comercial foi e continuará sendo extremamente positivo enquanto supre cortes de importações por parte de outros países, em especial no decorrer da crise econômico-financeira de 2008/2009 e em sua retomada em 2011 e em seguida. Objetivamente, a China tem um papel fundamental na manutenção de *superávit* na balança comercial brasileira.

³ ALTEMANI DE OLIVEIRA Henrique. *Brasil-China: uma parceria predatória ou cooperativa?* Revista tempo do mundo. Rtm. v.2. n.1, jan. 2016, páginas 151 e 152.

Em segundo, o Brasil não se distingue somente pela posse de recursos naturais, mas igualmente por um setor manufatureiro complexo e forte, bem como por um sistema de ciência e tecnologia com acentuado potencial. Consequentemente, a capacidade agrícola do país decorre de uma ampla sinergia entre insumos, máquinas e equipamentos, fazendo com que o agronegócio represente uma íntima conexão entre agricultura e indústria.

E, em terceiro, o Brasil, por sua vez, concentra as importações provenientes da China em produtos eletroeletrônicos e em máquinas e aparelhos mecânicos que, parcialmente, estão sustentando a retomada do desenvolvimento industrial brasileiro. ”

Esses três pontos realçam uma perspectiva positiva para o Brasil em relação ao aumento do comércio com a China, em contraposição a outros artigos mais voltados em abordar os impactos negativos sobre a indústria brasileira. O trecho acima destaca a função essencial do comércio com a China para manter uma balança comercial positiva, de que as exportações agropecuárias também dependem de insumos, máquinas e equipamentos industriais e que as importações de produtos eletroeletrônicos e de máquinas e aparelhos mecânicos, fornecidos em parte pelas importações chinesas, são importantes para a retomada do desenvolvimento da indústria nacional.

Reforçando o último dos três pontos, Altemani de Oliveira cita um trecho de Sennes e Barbosa (2011, página 133)⁴, no qual destaca que a China seria um “*fornecedor de insumos baratos que elevam a competitividade dos produtos brasileiros (tanto para o próprio mercado doméstico como para exportação)*.”

Entre as Considerações Finais, Altemani destacou que, apesar da perda de competitividade e da incapacidade das exportações indústrias brasileiras frente aos produtos chineses e asiáticos, o “*relacionamento com a China se apresenta relativamente positivo, pois sua demanda de commodities compensa receitas perdidas pela retração das importações de manufaturados (...)*. Também num sentido positivo, Altemani destaca efeitos benéficos das importações industriais provenientes da China: “*(...) a concentração das importações brasileiras oriundas da China em produtos da indústria de transformação possibilita relativa sustentação da produção industrial.*”

⁴ SENNES, R. U.; BARBOSA, A. F. China-Brasil: uma relação multifacetada e dinâmica. In: FUNAG – FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO (Org.). Brasil e China no reordenamento das relações internacionais: desafios e oportunidades. Brasília: Funag, 2011.

2.3. Uma visão do comércio com a China e a desindustrialização do Brasil

O artigo de Diegues e Sugimoto⁵ de 2022, “*A China e a desindustrialização brasileira: um olhar para além da especialização regressiva*”, faz um levantamento das origens do processo de crise do setor industrial no Brasil, dos efeitos do surgimento da China como um “gigante” exportador de manufaturas e seus impactos nos diferentes segmentos da indústria brasileira, através de uma análise quantitativa baseada em indicadores definidos pelos pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas.

A desindustrialização ocorrida no Brasil, iniciada nos anos 1980, aprofundada nos 1990 e continuada ao longo do século XXI, teria sido simultânea a uma mudança estrutural em direção ao setor de serviços, sem que a economia tivesse alcançado um nível de maturidade tecnológica industrial, como foi observado nas economias desenvolvidas. Nesses países, no entanto, a redução da participação da indústria na economia foi consequência do aumento da produtividade manufatureira, decorrente de avanços tecnológicos e do aumento da renda per capita média.

Neste processo, as atividades econômicas desses países centrais se direcionaram para indústrias com maior tecnologia e para o setor de serviços, principalmente os intensivos em conhecimento. Ao mesmo tempo, os diversos segmentos industriais com menor intensidade tecnológica se deslocaram e se concentraram nas economias em desenvolvimento, na medida em que se intensificou a globalização, a partir dos anos de 1990, em um ambiente de expansão das Cadeias Globais de Valor.

Sobre a desindustrialização “prematura” pela qual passou a economia brasileira, os autores destacaram relevantes contribuições, entre estas, o trabalho de Coutinho⁶, que diagnosticava, já em 1997: i) os problemas na capacidade de organização e competição da indústria brasileira, diante das grandes transformações tecnológicas, com o surgimento, por exemplo, da eletroeletrônica; ii) as limitações impostas pelo Plano Real de controle da inflação, que manteve o câmbio sobrevalorizado e aumentou a abertura comercial; e iii) as limitações da indústria nacional diante do cenário mundial, à margem das cadeias globais de valor, que começavam a centralizar os processos produtivos mais competitivos da indústria mundial, conduzindo a indústria brasileira a uma “especialização regressiva”.

⁵ Sugimoto, Thiago Noronha e Diegues, Antônio Carlos. *A china e a desindustrialização brasileira: um olhar para além da especialização regressiva*, Nova Economia, v.32, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6351/6975>

⁶ COUTINHO, L. C. *A especialização regressiva: um balanço do desempenho industrial pós-estabilização*. In: Velloso, J.P.R. (Org.) Brasil: desafios de um país em transformação. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

A “especialização regressiva”, segundo Coutinho, se caracteriza pela combinação de uma desindustrialização generalizada, uma desnacionalização da estrutura produtiva e uma reorganização empresarial. Esse fenômeno responde por uma incapacidade da indústria de gerar novos ciclos de investimentos que consigam transformar a estrutura produtiva e viabilizar o crescimento das exportações.

Entre os outros autores mencionados no artigo de Sugimoto e Diegues, cabe destacar as contribuições de Rodrik (2016)⁷ e de Sarti e Hiratuka (2018)⁸, que analisam a inserção diferenciada dos países da periferia nas Cadeias Globais de Valor. Enquanto os países do leste e sudeste asiático foram bem sucedidos em atrair investimentos referentes às etapas manufatureiras mais avançadas e implementar estratégias de desenvolvimento tecnológico endógeno, os latino-americanos ficaram a margem desse processo, sendo direcionados para uma industrialização regressiva, baseada em “*vantagens comparativas estáticas*” provenientes da exploração de produtos primários, além de terem sofrido, segundo os dois últimos autores, “*uma reversão no processo de substituição de importações*”.

Sobre tais argumentos, vale destacar que os países asiáticos, além de terem recebido grandes fluxos de capital americano durante as últimas décadas do século XX, são sociedades que tem demonstrado uma maior capacidade de poupança e de organização produtiva, se tornando o principal polo atrativo para instalações industriais de CGVs, principalmente a partir dos anos 1990. Por outro lado, os países latino-americanos, ficaram a margem deste processo de formação de grandes CGVs e mantiveram, de maneira geral, suas capacidades produtivas nos setores da 2ª Revolução Industrial, principalmente de bens intermediários e da indústria pesada, que passaram a assumir características típicas, na evolução dos preços e nas margens, de *commodities*. Ou seja, mantiveram as indústrias tradicionais que surgiram nos diversos processos de substituição de importações, mas não conseguiram se ligar aos processos produtivos interligados referentes às novas indústrias, com produtos de maior valor adicionado e com a incorporação das novas tecnologias, oriundas da 3ª Revolução Industrial.

Na análise das relações comerciais com a China, a partir de 2000, Sugimoto e Diegues ressaltam que o Brasil foi beneficiado com o grande crescimento das exportações de *commodities* e que o índice de termos de troca foi favorável até 2011, conforme Bastos (2015).⁹

⁷ RODRIK, D. *Premature deindustrialization*. Journal of Economical Growth, n. 21, pp. 1-33, 2016.

⁸ SARTI, F.; HIRATUKA, C. *Desempenho recente da indústria brasileira no contexto de mudanças estruturais domésticas e globais*. In: CARNEIRO, R., BALTAR, P.; SARTI, F. Para além da política econômica. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2018.

⁹ BASTOS, E. K. X. *Termos de troca, ganhos de comércio e crescimento da renda interna bruta real no Brasil de 2001 a 2014*. Carta de conjuntura. Brasília: IPEA: 2015.

Segundo os autores, apesar da renda obtida com as exportações e da melhoria relativa dos termos de troca, o aumento do consumo de bens duráveis na economia brasileira, a partir dos anos 2000, foi acompanhada de um crescente vazamento da demanda de bens de capital, bens de consumo final e bens intermediários, na forma de maiores importações. Sugimoto e Diegues ressaltam que a indústria brasileira não conseguiu absorver esse aumento da demanda, sendo a China origem preferencial dessas importações.

Sobre as mudanças ocorridas no âmbito da competitividade do comércio internacional pós-crise de 2008, Sugimoto e Diegues destacam uma das conclusões de De Conti e Blikstad¹⁰, a respeito de “*outra faceta da ascensão da China*”:

“Em decorrência de um contexto de acirramento da concorrência internacional no pós-crise financeira de 2008, observa-se uma crescente substituição, no âmbito regional, das exportações de manufaturados brasileiras por manufaturados chineses. Diante de um cenário de excesso de capacidade ociosa na China e, em face da queda da demanda dos países centrais, os mercados latino-americanos tornaram-se um destino estratégico para a expansão das exportações de manufaturados do país asiático.”

Na primeira década dos anos 2000, o “Efeito China” sobre a demanda de commodities dos países latino-americanos teria impulsionado, indiretamente, as exportações brasileiras de industrializados para esses países. Contudo, na década seguinte, após a crise internacional de 2008, o “Efeito China” teve efeito inverso, como sintetizado no trecho acima: acirramento da competição, a queda da demanda dos países centrais - Europa e Estados Unidos - e o aumento da capacidade ociosa na China. Por isso, os mercados latino-americanos passaram a ser alvo intensificado das exportações de manufaturados chineses.

2.4. Oportunidades de aumento das exportações de produtos agrícolas do Brasil para a China e possíveis acordos de cooperação entre os dois países

O IPEA, através do Diretoria de Estudos Internacionais (DINTE), publicou em março de 2022, a Nota Técnica China-Brazil Agriculture Trade Research, de autoria de técnicos chineses e brasileiros - Li Wei, Zhou Mi, Kou Chunhe, Marcelo José Braga Nonnenberg, Uallace Moreira Lima, Scarlett Queen Almeida Bispo, Mateus Araujo, Fernanda Pedrosa.¹¹

¹⁰ DE CONTI, B.; BLIKSTAD, N. *Impactos da economia chinesa sobre a brasileira no início do século XXI: o que querem que sejamos e o que queremos ser*, 2017. (Texto para discussão, n. 292).

¹¹ WEI, Li; MI, Zhou; CHUNHE, Kou; NONNENBERG, Marcelo José Braga; LIMA, Uallace Moreira; BISPO, Scarlett Queen Almeida; ARAUJO, Mateus; PEDROSA, Fernanda. *China-Brazil Agricultural Trade Research*, DINTE, IPEA; Março, 2022.

O trabalho apresentou um quadro do comércio de produtos agropecuárias entre os dois países, principalmente das exportações brasileiras, com números detalhados dos mercados chineses destes principais produtos, abordando também as regulamentações e tarifas, entre outros fatores. São apresentados números dos mercados de produtos agrícolas consumidos pelos chineses com potencial de exploração para os produtores brasileiros, desafios deste comércio bilateral, as potenciais áreas de cooperação e sugestões para o desenvolvimento do comércio de produtos agrícolas entre os dois países.

O trabalho destaca que a China desenvolve e aplica modernas tecnologias que ajudam a transformar e melhorar seus métodos de produção na agricultura. Segundo o artigo, o país asiático tem uma grande população, uma quantidade limitada de terras, escassez de recursos agrícolas e condições naturais insuficientes para o desenvolvimento da agricultura, diante da enorme demanda interna. Os progressos tecnológicos e científicos, como vacinação de animais e produtos agrícolas relacionados aos desenvolvimentos da biotecnologia, levaram o país a se posicionar como uma liderança do setor no mundo. A aplicação de tecnologias da informática, da manufatura, de novos materiais e de novas fontes de energia teriam penetrado em vários campos da produção agrícola da China. As contribuições da tecnologia e de ciência aplicada na agricultura teriam alcançado quase 60% da produção e a taxa de mecanização das colheitas teria superado 70%.

2.4.1. Produtos agropecuários com maior potencial de expansão de exportações

Segundo os dados apresentados no estudo do IPEA, haveria um considerável percentual do mercado de importações chinesas que os produtores brasileiros poderiam buscar expandir suas vendas. No sentido de identificar um conjunto de produtos agropecuários que o Brasil poderia aumentar suas exportações para a China, foram listados os produtos brasileiros cuja participação no mercado chinês se apresentava com maiores potenciais de crescimento e os casos em que o valor das importações chinesas já se mostravam relativamente altas.

As exportações de produtos agrícolas do Brasil para China foram divididas em três grupos, sendo que os produtos do grupo com as menores parcelas de mercado, na ocasião da pesquisa, são referidos como produtos sensíveis ou estratégicos. Os autores do trabalho interpretam estes como um conjunto de produtos de oportunidades ainda não aproveitadas pelas exportações brasileiras para a China, que poderiam ser passar a ser mais exploradas.

Nos produtos cujas exportações brasileiras alcançam um *market share* acima de 20%, destaca-se a carne bovina, com 37,7% do mercado de importações chinesas e cujas exportações

para a China somam 47% do total exportado. Nos produtos com *market share* entre 10% e 20%, por exemplo, no mercado de celulose, com importações totais chinesas de US\$ 12,3 bilhões, as exportações brasileiras poderiam se expandir nos restantes 80,4% deste mercado.

O terceiro grupo, que apresenta 21 produtos, reúne os que as exportações brasileiras têm um *market share* abaixo de 10% das importações chinesas. Em alguns deles, como café e milho, o Brasil exporta valores totais vultuosos, mas a China não importa muito destes produtos. Um dos produtos com baixo *market share* brasileiro e relativamente alto valor das importações totais chinesas, que poderia ser objeto de interesse do país, seria de miúdos de carne bovina, com importações totais de US\$ 4 bilhões e um *market share* de apenas 9,1%. Os autores destacam como reais oportunidades de aumento das vantagens comparativas nos mercados de frutas cítricas, peixes, frutas e nozes e crustáceos: “*o Brasil é um grande produtor destas mercadorias e podem ser reais as oportunidades no mercado chinês.*”

O artigo enfatiza que o senso de que a aplicação de novas tecnologias nos processos de produção agrícola aumenta a produtividade da terra e a qualidade dos produtos. Novos materiais, como fertilizantes, podem ajudar na gestão das colheitas e na produção de aves e gados. A biotecnologia se apresenta com grandes perspectivas de adquirir importante papel no desenvolvimento da produção agrícola, no sentido de fortalecer-se diante do surgimento de pestes ou de intempéries naturais, o que vem se tornando cada vez mais efetivas na direção de reduzir a necessidade de trabalho intensivo na produção das fazendas. A aplicação de tecnologia também pode aumentar a eficiência no uso dos recursos e aumentar a renda obtida na produção, reduzindo os desperdícios destes recursos.

O artigo do IPEA enfatizou a possibilidade de diversas áreas potenciais de cooperação no campo da agricultura e de que a China deverá ser, cada vez mais, um grande importador de produtos agrícolas e que a expansão deste comércio com o Brasil cria oportunidades também para a China na exportação para o Brasil de produtos relacionados, como fertilizantes e drogas veterinárias. Este trabalho, de 2022, apresenta a particularidade de enfatizar as oportunidades de cooperação, desenvolvimento e aplicação de novas tecnologias na agropecuária, como também a expansão e a diversificação da pauta comercial deste setor. É voltado a fomentar o processo de geração de riqueza da agropecuária no Brasil, com o escopo de que esta geraria benefícios para ambas as economias, sendo, em certo sentido, um contraponto em meio às críticas de que uma especialização excessiva no setor agropecuário poderia estar gerando impactos prejudiciais ao desenvolvimento da economia brasileira.

3. EVOLUÇÃO DA BALANÇA COMERCIAL POR REGIÕES/PAÍSES: EUROPA, ESTADOS UNIDOS, CHINA, ÁSIA, AMÉRICA DO SUL E RESTO DO MUNDO

Para analisar a evolução do comércio exterior do Brasil com a China e compará-la com a dos outros parceiros comerciais e com o comércio internacional do país como um todo, foram levantadas séries sobre o assunto no banco de dados do Ministério do Desenvolvimento, Comércio, Indústria e Serviços (MDCI), no sítio eletrônico do MDCI – comexstat.mdic.gov.br, de 1997 – primeiro ano em que são disponibilizados os dados desagregados – até 2023.

3.1. Correção dos valores de exportação e de importação para final de 2023

Como se trata de séries de dados dos últimos 27 anos – 1997 a 2023 –, mesmo que se tratando de valores em dólares dos Estados Unidos, tendo em vista a perda do poder de compra da moeda americana ao longo do tempo, foi aplicada uma correção dos valores, no sentido de possibilitar uma comparação menos imprecisa entre os valores ao longo deste período. Com base no indicador de inflação mais conhecido para a economia americana, o *Consumer Price Index* (CPI) divulgado pelo *U.S. Bureau of Labor Statistics*, cujas taxas de variação anuais são apresentadas no Quadro 1, abaixo. A variação acumulada no período alcançou 89,79%.

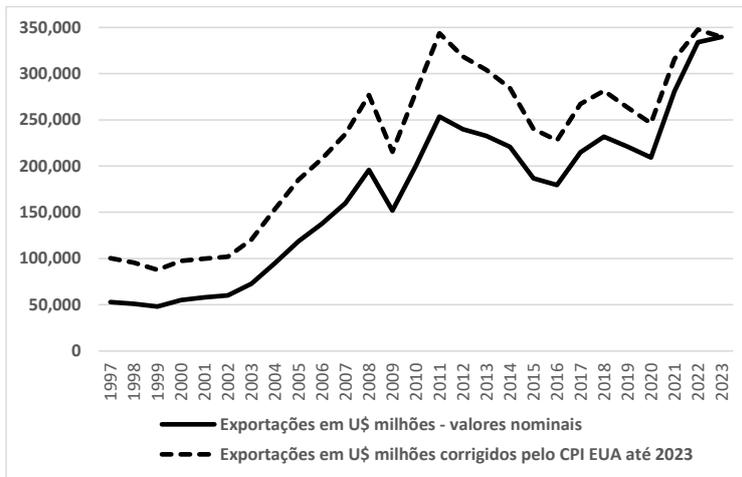
Quadro 1: Taxas anuais de variação do *Consumer Price Index* (CPI) dos Estados Unidos

1998	1.55	2003	2.27	2008	3.84	2013	1.46	2018	2.44
1999	2.19	2004	2.68	2009	-0.36	2014	1.62	2019	1.81
2000	3.38	2005	3.39	2010	1.64	2015	0.12	2020	1.23
2001	2.83	2006	3.23	2011	3.16	2016	1.26	2021	4.70
2002	1.59	2007	2.85	2012	2.07	2017	2.13	2022	8.00
								2023	4.10

Fonte: *U.S. Bureau of Labor Statistics*
Elaboração do autor

Deve-se ter em conta os valores do comércio exterior do Brasil apresentaram uma evolução expressiva no período: as exportações evoluíram de US\$ 52.947 milhões em 1997 para US\$ 339.696 milhões em 2023 – aumento nominal de 542% -, enquanto as importações elevaram-se de US\$ 60.538 milhões para US\$ 240.793 milhões – expansão de 238%. A correção dos valores por um índice que reflita a evolução média de preços, num período de 27 anos, tende a reduzir a parte meramente nominal das variações, decorrentes da perda do valor da moeda americana. Neste sentido, com o reajuste dos valores perda do poder de compra da moeda americana, as exportações teriam se expandido em 298% e as importações em 110%.

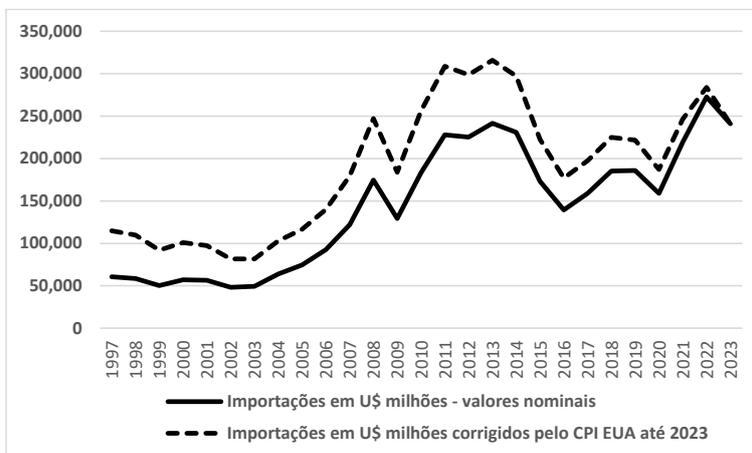
Gráfico 1: Exportações totais do Brasil entre 1997 e 2023, em valores nominais por milhões de dólares e em valores por milhões de dólares corrigidos para 2023



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

Os gráficos 1 e 2 apresentam a evolução das exportações e importações, em termos de valores nominais em dólares e em valores corrigidos pelo CPI dos Estados Unidos. Há uma nítida tendência de aumento dos valores reais do comércio exterior, principalmente nas exportações. Destaca-se, com relação às exportações, no gráfico 1, que em 2011, o valor nominal de exportações de US\$ 254 milhões, corrigidos pela inflação acumulada entre 2012 e 2023, de 35,4%, é reajustada para US\$ 345 milhões em dólares de final de 2023, valor que seria equivalente ao patamar das exportações dos dois últimos anos da série. No mesmo sentido, as importações acumuladas nos anos de 2011 a 2014, no gráfico 2, pelos valores corrigidos, se situariam num patamar entre US\$ 300 a 315 milhões, acima dos US\$ 241 milhões de 2023.

Gráfico 2: Importações totais do Brasil entre 1997 e 2023, em valores nominais por milhões de dólares e por valores em milhões de dólares corrigidos para 2023

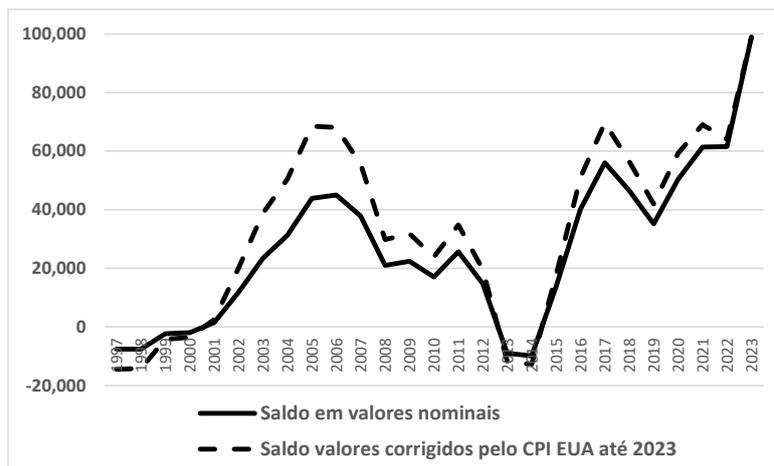


Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

Apesar das inevitáveis distorções, os valores corrigidos por índices de inflação possibilitam comparações menos imprecisas entre valores distanciados por maiores lapsos temporais, de 10 ou 20 anos. Além disso, um dos focos do presente trabalho é comparar a evolução do comércio exterior do Brasil com e China e com os outros parceiros ao longo do tempo, ou seja, a comparação de valores relativos nos diversos períodos e ao longo dos 27 anos.

Com base nestes valores corrigidos, o saldo da balança comercial do Brasil é apresentado no gráfico 3, abaixo. São distinguíveis três nítidos períodos: uma grande expansão do saldo comercial entre 1997 e 2005; uma forte retração do saldo de 2007 a 2013; e uma grande elevação de 2015 a 2023, apesar do breve intervalo de queda do saldo em 2018-2019. A pandemia de COVID não impediu a continuidade de tendência de expansão do saldo comercial.

Gráfico 3: Saldo da balança comercial do Brasil de 1997 a 2023, em valores nominais por milhões de dólares e por valores em milhões de dólares corrigidos para 2023



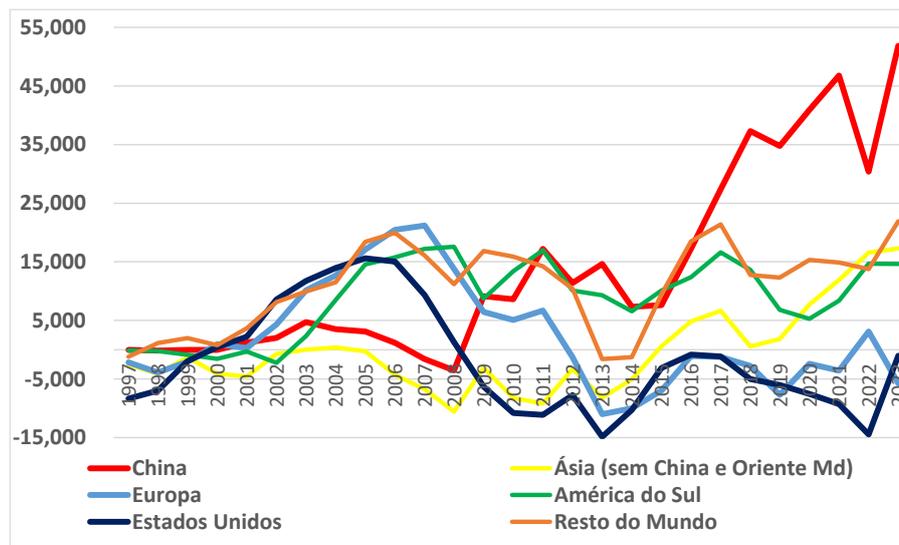
Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

3.2. Saldo comercial, exportações e importações do Brasil com as seis regiões/países

A partir da evolução do saldo comercial global do Brasil, a participação do comércio com os principais parceiros pode ser analisada, destacando-se as relações comerciais com a China. Aos valores comercializados com a China podem ser somados os valores com Hong Kong, que foi reincorporada coincidentemente em 1º de julho de 1997. Os dados disponibilizados pelo MDCI possibilitam traçar a evolução do comércio com os principais parceiros do país: Estados Unidos, os blocos da Europa e da América do Sul e China (mais Hong Kong). Os dados do MDCI também disponibilizam os dados de comércio da Ásia, sem os países do Oriente Médio. Deste “bloco”, se forem subtraídos os valores referentes aos dados da China (e Hong Kong), tem-se a soma do comércio com os países do sudeste asiático, Japão,

Índia, Coréia, Indonésia, Malásia, Cingapura, Filipinas, entre outros. Para completar os dados, se subtraídos do total do comércio exterior do Brasil todos estes cinco países ou regiões – Estados Unidos, Europa, América do Sul, China e Ásia (sem China e Oriente Médio) – tem-se o que pode ser denominado “Resto do Mundo”. O gráfico 4 apresenta a evolução do saldo comercial do Brasil, corrigido para valores de final de 2023, com estas seis regiões/países.

Gráfico 4: Saldo comercial do Brasil com as seis regiões/países, em US\$ milhões corrigidos para final de 2023



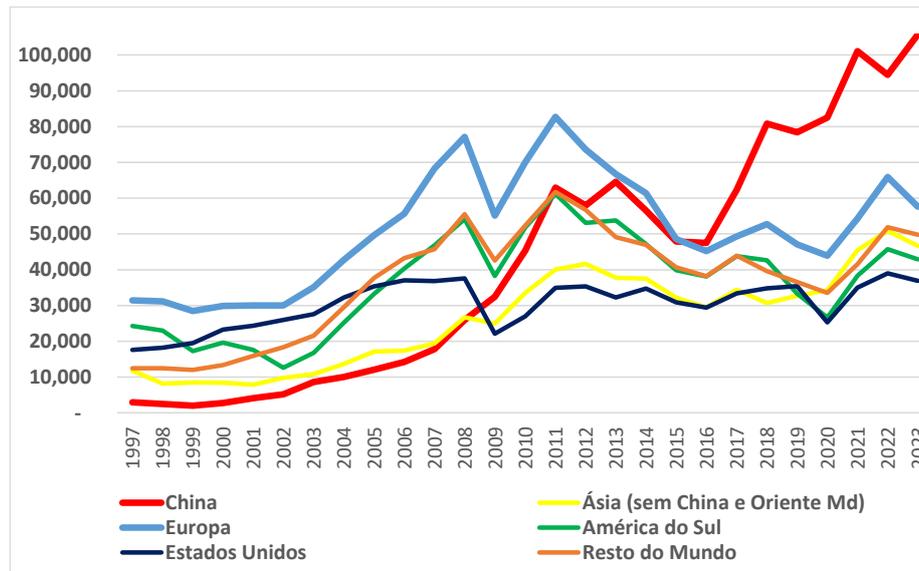
Fonte: MDCCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

Pelo gráfico 4, destacam-se as seguintes evoluções:

- (1) no período de expansão do saldo de 1997-2005 destacaram-se positivamente Estados Unidos, Europa, América do Sul e Resto do Mundo;
- (2) Estados Unidos e Europa: no período seguinte, de retração da balança comercial, o saldo com Estados Unidos e Europa apresentaram forte redução, aprofundada a partir de 2008; tal tendência, de saldo comercial negativo, permanecerá até o final da série, em 2023, para Estados Unidos e Europa, identificados como as potências do Ocidente.
- (3) China e restante da Ásia (sem Oriente Médio e China):
 - (i) saldo comercial também apresentou retração, menos acentuada, entre 2005-2008;
 - (ii) a partir de 2009, o saldo com China começa a apresentar evolução positiva, retomada com forte tendência ascendente a partir de 2016;
 - (iii) a partir de 2015, o saldo comercial com a Ásia também passou a apresentar tendência predominantemente positiva.
- (4) América do Sul:

- (i) o saldo comercial com o restante do continente sulamericano foi ascendente até 2008, quando se aproximou de US\$ 20,000 milhões;
- (ii) posteriormente, passou a oscilar num intervalo em torno de US\$ 10,000 a 15,000 milhões, de 2009 a 2023.

Gráfico 5: Exportações do Brasil para as seis regiões/países, em US\$ milhões corrigidos para final de 2023



Fonte: MDICI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

Para melhor entendimento da evolução da gráfico 4, os gráficos 5 e 6 apresentam a evolução das exportações e importações brasileiras relacionadas aos seis países/regiões em destaque, no período 1997 a 2023.

Sobre as exportações, do gráfico 5:

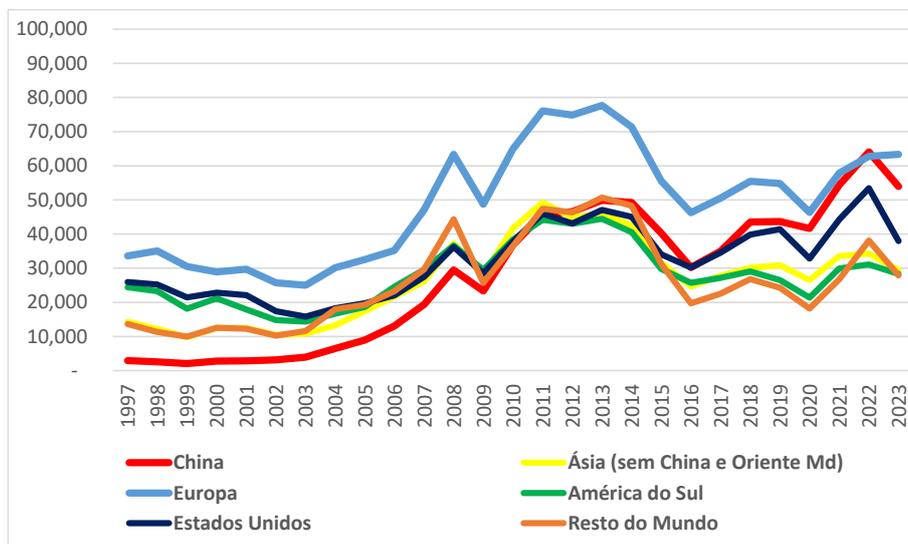
- (i) entre 1997 a 2008, tendência de ascensão das exportações para os seis países/regiões;
- (ii) em 2009, queda geral do valor das exportações, com exceção da China; após a recuperação dos valores exportados em 2010 e 2011, predominou tendência descendente e estabilização dos valores exportados para Europa e Estados Unidos e de ligeiro declínio das exportações para América do Sul e Resto do mundo;
- (iii) as exportações para a China, por outro lado, se elevam fortemente em 2007 até 2011 e, após apresentarem breve retração, em 2014-2015, retomaram fortemente a tendência ascendente de 2017 a 2023.

Sobre as importações, do gráfico 6:

- (i) os valores das importações das seis regiões/países se elevaram de 2004 a 2008 e registraram retração em 2009, possivelmente por impactos da crise de 2008;

- (ii) retomada das importações em 2010-2013, principalmente provenientes da Europa;
- (iii) nítida tendência de queda das importações a partir de 2014-2016, com posterior estabilização ou suave tendência de ascensão de 2021-2022;
- (iv) importações da Europa mantém superioridade em relação às provenientes de outras regiões, mas compras provenientes da China apresentam predominante tendência de ascensão, de 2004 a 2023, alcançando o patamar das importações européias em 2022.

Gráfico 6: Importações do Brasil com as regiões/países, em US\$ milhões corrigidos para final de 2023



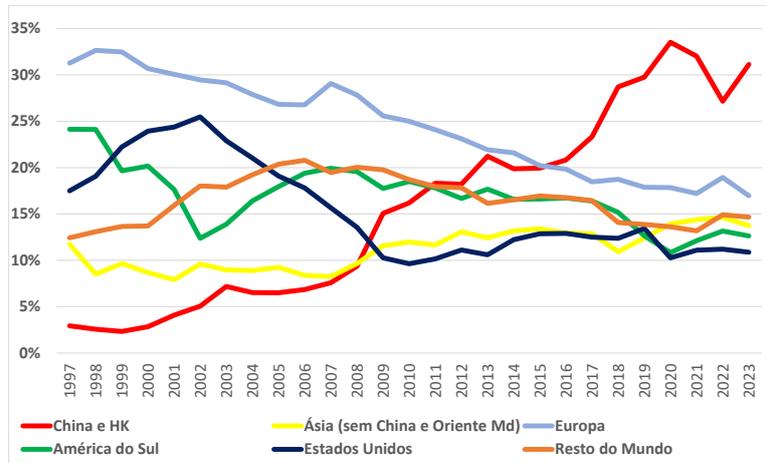
Fonte: MDCCI – comexstat.mdic.gov.br

Elaboração do autor

O aumento relativo da importância do comércio exterior do Brasil com a China pode ser melhor evidenciado pelos gráficos 7 e 8, que apresentam a evolução da participação percentual de cada país/região nas exportações e importações totais.

O gráfico 7 mostra uma evidente expansão da participação das exportações para a China, durante praticamente todo o período, saindo de menos de 5% para superar os 30% do total exportado, enquanto que a participação das exportações para Europa e EUA reduziram de níveis em torno de 30% e 20%, respectivamente, para 17% e 11% do total, em 2023. Nos últimos anos, as exportações para a América do Sul eram superiores às dos Estados Unidos, e as exportações para China e o restante da Ásia (sem Oriente Médio) já superavam as vendas para Europa e Estados Unidos desde 2017.

Gráfico 7: Exportações do Brasil - participação percentual pelas seis regiões/países

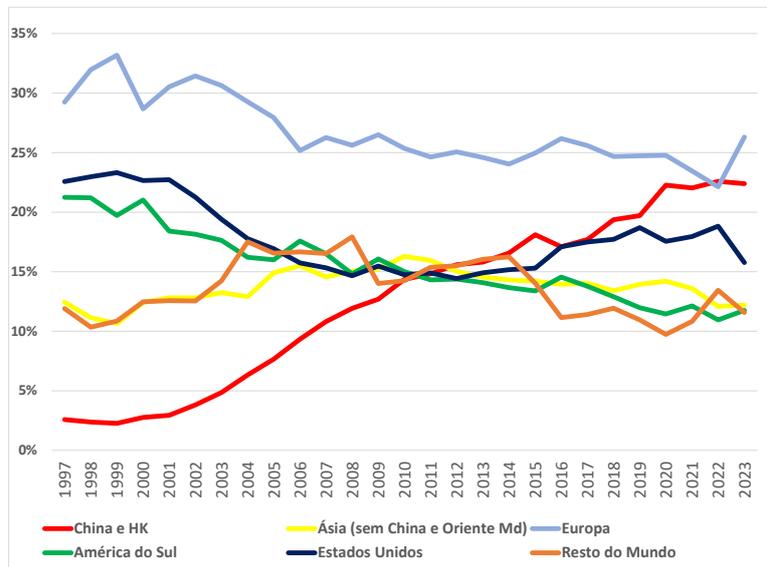


Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br

Elaboração do autor

Com relação às importações, destaque para o contínuo crescimento da participação das compras provenientes da China, que elevam-se ao patamar de 22% do total, e a redução do percentual das importações da Europa, que caem de patamar de 30% para 25%, mas ainda superiores às aquisições provenientes da China.

Gráfico 8: Importações do Brasil - participação percentual pelas seis regiões/países



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br

Elaboração do autor

4. EVOLUÇÃO DA BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA POR GRUPOS DE PRODUTOS, EM TERMOS AGREGADOS E COM AS SEIS REGIÕES/PAÍSES

O objetivo desta seção é analisar como a evolução do comércio exterior com os principais parceiros se subdividiu em termos dos diferentes tipos de produtos, principalmente com relação aos produtos agropecuários e de commodities extrativas, de um lado, e produtos da indústria de transformação de outro, segmentados por bens intermediários, por bens de consumo e por produtos industriais com maior conteúdo tecnológico, como máquinas, equipamentos e veículos.

As séries de dados das exportações e importações brasileiras constantes no banco de dados do Ministério do Desenvolvimento, Comércio, Indústria e Serviços (comexstat.mdic.gov.br, no sítio eletrônico do MDCI) são disponibilizadas a partir dos três seguintes grupos de classificação dos bens comercializados, com suas respectivas segmentações/grupos de produtos:

CGCE – Classificação por Grandes Categorias Econômicas;

ISIC – Classificação Internacional Padrão por Atividades Econômicas; e

CUCI – Classificação Uniforme para Comercio Internacional.

Na busca da subdivisão dos produtos do comércio exterior brasileiro mais apropriada para a presente pesquisa, foram analisados todos os critérios de segmentação disponíveis. A CGCE nível 1 segmenta as transações por cinco grupos - Bens de Capital, Bens Intermediários, Bens de Consumo, Combustíveis e lubrificantes e Bens não especificados anteriormente -, não apresentando grupo relativo aos produtos agropecuários e commodities extrativas. Da mesma forma, a CGCE nível 2 e nível 3 apresentam, respectivamente, 13 e 19 segmentos, ambos predominantemente industriais. A ISIC Classe e a ISIC Grupo são subdivididos em centenas de itens, o que dificulta o tratamento dos dados, sendo muitos itens relacionados ao setor de serviços. A ISIC Divisão apresenta uma centena de itens, muitos deles também com descrição voltada para o setor de serviços. A ISIC Seção, mais simplificada, é subdividida em Agropecuária, Indústria Extrativa, Indústria de Transformação e Outros Produtos e apresenta um destacado percentual no item Indústria de Transformação. Neste total de Indústria de Transformação estariam incluídos os produtos da agroindústria, além de não possibilitar a subdivisão dos produtos industriais intermediários, de consumo e de máquinas e equipamentos.

4.1. Os 66 itens do critério CUCI Divisão subdivididos pelos cinco Grupos de Produtos

Pelos motivos expostos acima, a classificação e subdivisão disponível que se apresentou mais apropriada foi a CUCI Divisão, que se subdivide em 66 diferentes itens e cujas descrições se mostraram adequadas para o objetivo de agrupá-los em cinco categorias de produtos idealizados, conforme as seguintes definições:

1. Agropecuária e manufaturados relacionados (“Agropecuários”);
2. Produtos da Indústria Extrativa (“Extrativa”);
3. Produtos Industriais Intermediários (“Intermediários”);
4. Produtos Industriais de Consumo (“Consumo”);
5. Máquinas, Equipamentos e Veículos (“Máquinas”).

Os 66 itens do critério de classificação CUCI Divisão, informado pelo Comexstat do MDIC, foram distribuídos da seguinte forma pelos cinco Grupos de Produtos:

Produtos da agropecuária e manufaturas relacionadas - 17 itens

- Animais vivos;
- Carne e preparações de carne;
- Laticínios e ovos de aves;
- Pescado, crustáceos, moluscos e invertebrados aquáticos e suas preparações;
- Cereais e preparações de cereais;
- Vegetais e frutas;
- Açúcares, preparações de açúcar e mel;
- Café, chá, cacau, especiarias, e respectivos produtos;
- Alimentos para animais (não incluindo cereais não moídos);
- Produtos e preparações alimentícias diversos;
- Bebidas;
- Tabaco e suas manufaturas;
- Couros e peles, peles finas, em bruto;
- Sementes e frutos oleaginosos;
- Óleos e gorduras animais;
- Gorduras e óleos vegetais, em bruto, refinados ou fracionados;
- Ceras e outros óleos/gorduras de origem animal/vegetal.

Produtos da indústria extrativa - 11 itens

- Borracha em bruto (incluindo sintética e reconstituída);
- Cortiça e madeira;
- Celulose e resíduos de papel;
- Fibras têxteis (exceto tops de lã e outras lãs penteadas) e seus resíduos (não transformados em fios/tecido);
- Fertilizantes em bruto e minerais em bruto (excluindo petróleo, carvão e pedras preciosas);
- Minérios metálicos e sucata;
- Matérias brutas de animais e vegetais;
- Carvão, coque e briquetes;
- Petróleo, produtos petrolíferos e materiais relacionados;
- Gás, natural e manufaturado;
- Energia elétrica.

Produtos industriais intermediários - 16 itens

- Produtos químicos orgânicos;
- Produtos químicos inorgânicos;
- Materiais de tingimento, bronzeamento e coloração;
- Óleos essenciais e resinoides e produtos de perfumaria; higiene, polimento e preparações de limpeza;
- Adubos;
- Plásticos em formas primárias;
- Plásticos em formas não primárias;
- Materiais e produtos químicos;
- Papel, cartão e artigos de pasta de celulose, de papel ou de cartão;
- Minerais não metálicos;
- Ferro e aço;
- Metais não-ferrosos;
- Produtos metálicos;
- Operações especiais e commodities não classificadas de acordo com o tipo;
- Moedas (exceto de ouro), sem curso legal;
- Ouro, não monetário (excluindo minérios de ouro e seus concentrados).

Produtos industriais de consumo - 11 itens

- Produtos farmacêuticos e medicinais;
- Couro, couro e peles finas vestidas;
- Artigos de borracha;
- Manufaturas de cortiça e madeira (exceto mobiliário);
- Fios têxteis, tecidos, artigos confeccionados e produtos relacionados;
- Construções pré-fabricadas; sanitários, canalização, aquecimento e iluminação, acessórios;
- Móveis e suas partes; roupas de cama, colchões, suportes de colchão, almofadas e semelhantes;
- Artigos de viagem, bolsas e artefatos semelhantes;
- Artigos de vestuário e seus acessórios;
- Calçados;
- Artigos manufaturados diversos.

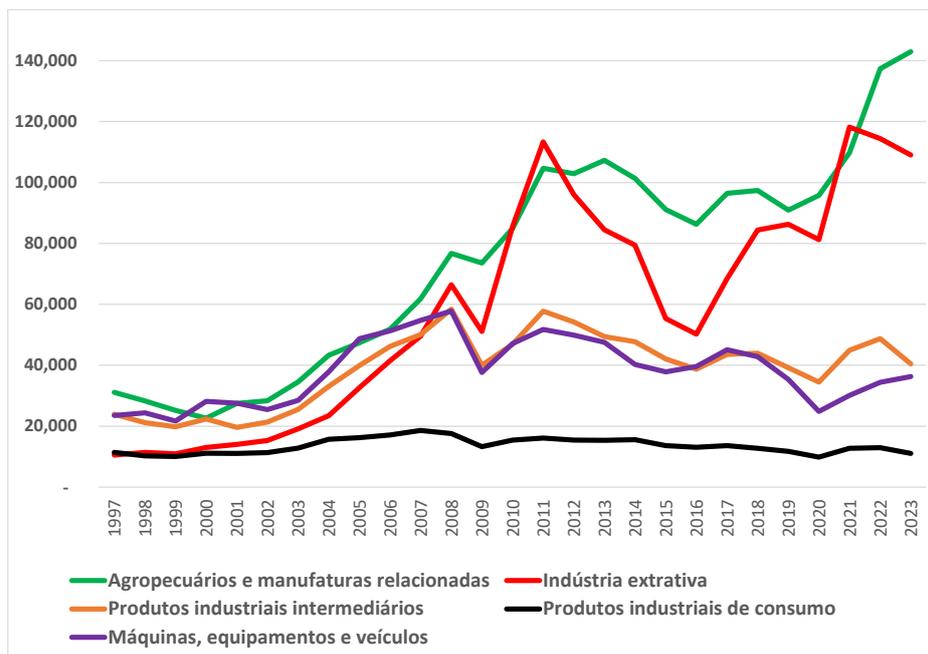
Total de máquinas, equipamentos e veículos - 11 itens

- Máquinas e equipamentos de geração de energia;
- Máquinas e aparelhos especializados para determinadas indústrias;
- Equipamentos metalúrgicos;
- Máquinas em geral e equipamentos industriais, e peças de máquinas;
- Máquinas para escritório e máquinas automáticas de processamento de dados;
- Equipamentos de telecomunicações e de gravação de som e aparelhos de reprodução;
- Máquinas e aparelhos elétricos, diversos, suas partes e peças;
- Veículos rodoviários (incluindo veículos de almofada de ar);
- Outro material de transporte;
- Instrumentos e aparelhos profissionais, científicos e de verificação;
- Aparelhos fotográficos, equipamentos e suprimentos e de ótica, relógios.

4.2. Evolução do total das exportações pelos cinco Grupos de Produtos

A evolução das exportações destes cinco grandes grupos de produtos, estabelecidos conforme a distribuição dos 66 itens do critério de classificação CUCI Divisão, entre 1997 e 2023, pode ser avaliada através dos gráficos a seguir.

Gráfico 9: Exportações totais do Brasil pelos cinco Grupos de Produtos, em US\$ milhões corrigidos para valores de final de 2023



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br

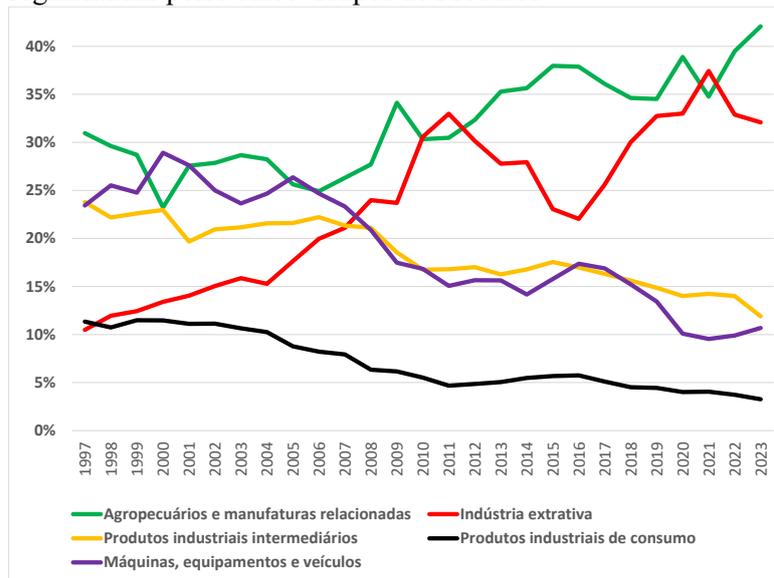
Elaboração do autor

O gráfico 9 mostra a evolução das exportações dos cinco grupos ao longo dos 27 anos. Destaca-se a relevante evolução positiva dos agropecuários, ao longo de praticamente todo o período, e da também tendência ascendente dos valores da indústria extrativa, apesar da abrupta retração de 2012 a 2016.

Por outro lado, as exportações de produtos Industriais Intermediários e de Máquinas, Equipamentos e Veículos, que apresentaram uma tendência de elevação entre 1997 e 2008, passaram a se retrair a partir de 2009 até 2020. A curva referente ao subgrupo de Máquinas, Equipamentos e Veículos (“Máquinas”) apresenta uma evolução crescente entre 1997 e 2008, de US\$ 23,6 bilhões para US\$ 57,8 bilhões. Daí em diante, passa a apresentar uma tendência descendente, declinando para US\$ 36.272 bilhões em 2023. No período 2004-2008, as exportações anuais médias de Máquinas em geral alcançaram US\$ 50 bilhões, caindo para uma média anual de US\$ 32,2 bilhões em 2019-2023 - últimos cinco anos do período analisado -,

significando uma redução de 36% em relação ao quinquênio imediatamente anterior à crise dos subprimes, período de maiores valores de todo o período analisado. O gráfico 10 mostra os dados do gráfico 9 em termos de distribuição percentual sobre o valor total das exportações.

Gráfico 10: Participação percentual no total das exportações segmentadas pelos cinco Grupos de Produtos



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

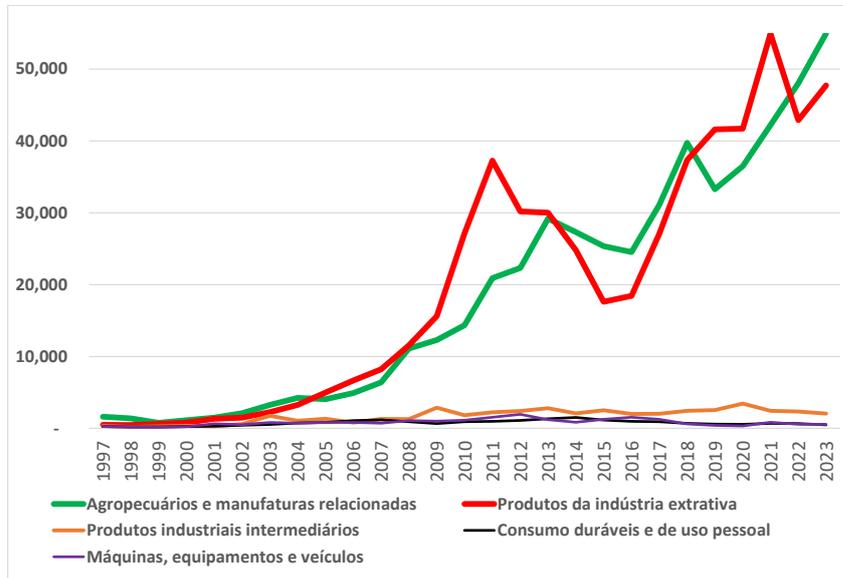
A seção seguinte apresenta uma análise de como as exportações e as importações entre o Brasil e cada um dos seis países/regiões – China (e Hong Kong), Ásia (sem China e Oriente Médio), Estados Unidos, Europa, América do Sul e Resto do Mundo evoluíram no período, subdivididas pelos cinco grupos de produtos destacados na seção acima, possibilitando uma melhor compreensão da evolução comercial do Brasil com seus diferentes parceiros.

4.3. Evolução das exportações para as seis regiões/países segmentadas pelos cinco Grupos de Produtos

Os gráficos 11 a 16, a seguir, apresentam a evolução das exportações para cada um dos seis países/regiões destacados, subdivididas pelos cinco Grupos de Produtos.

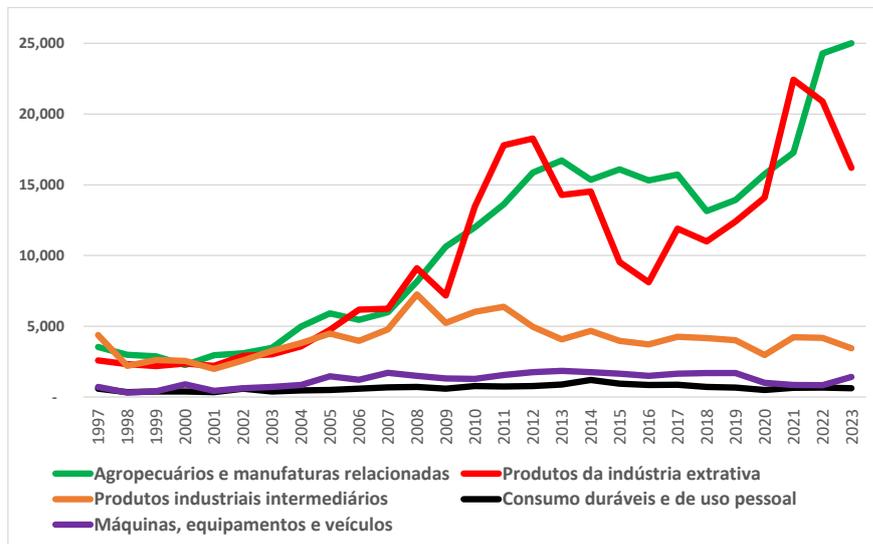
O gráfico 11 destaca a evolução das crescentes exportações dos grupos de produtos Agropecuários e da Indústria Extrativa para a China, que somados alcançaram o patamar de US\$ 100 bilhões nos anos 2021-2023. As vendas para o restante da Ásia (sem o Oriente Médio e China) também apresentaram um destacado aumento nos mesmos dois grupos de produtos, contudo, alcançando um patamar agregado de US\$ 40 a 45 bilhões no mesmo triênio, conforme as curvas do gráfico 12.

Gráfico 11: Exportações para a China pelos cinco Grupos de Produtos, em US\$ milhões corrigidos para valores de final de 2023



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

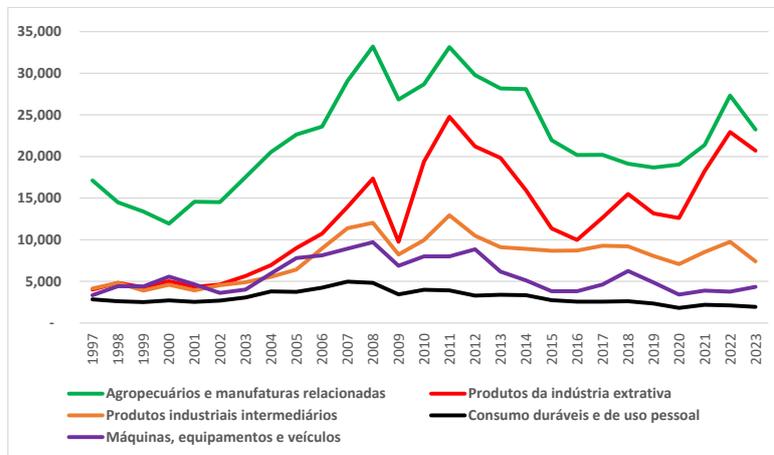
Gráfico 12: Exportações para a Ásia (sem China e Oriente Médio) pelos 5 Grupos de Produtos, em US\$ milhões corrigidos para valores de final de 2023



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

Já as vendas para a Europa (gráfico 13), que foi o maior mercado das exportações do país de 1997 a 2014 (gráfico 5), o período 2009 a 2014 foi marcado pelo início da tendência declinante, com destaque para os Agropecuários, que se reduziram de US\$ 33 bilhões em 2008 para um patamar de US\$ 24 bilhões em 2021-2023 (menos US\$ 9 MM), e Máquinas, cujas exportações também apresentaram nítida retração, de US\$ 9,7 bilhões, em 2008, para US\$ 4,3 bilhões, em 2023 (menos US\$ 5,4 MM).

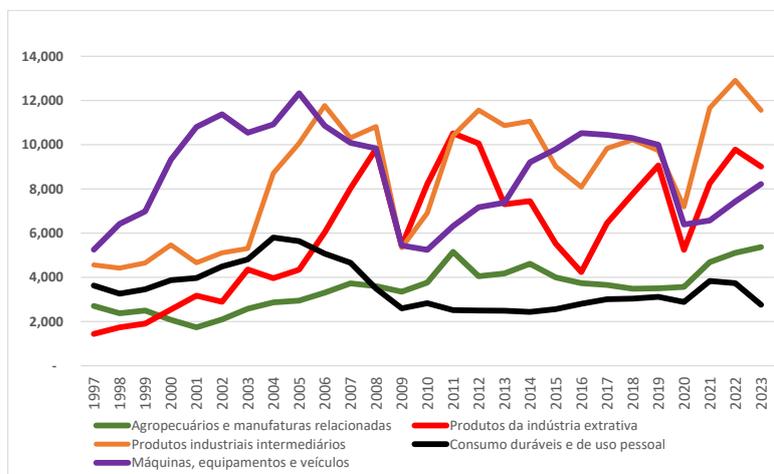
Gráfico 13: Exportações para a Europa pelos cinco Grupos de Produtos, em US\$ milhões corrigidos para valores de final de 2023



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

Com relação às exportações para os Estados Unidos, pelo gráfico 5 é possível notar que apesar não se destacar entre os maiores mercados para os produtos brasileiros, o país conhecido como o mais rico do mundo apresentou exportações anuais crescentes de 1997 a 2008, subindo de US\$ 18 para US\$ 38 bilhões. Após a queda abrupta de 2009, como foi observado com relação a todas as regiões, à excessão da China, quando as exportações americanas se reduziram para US\$ 22 bilhões (retração de 40%), as vendas se recuperaram em 2011, mantendo-se num patamar em torno de US\$ 34 bilhões até 2023.

Gráfico 14: Exportações para os Estados Unidos pelos cinco Grupos de Produtos, em US\$ milhões corrigidos para valores de final de 2023

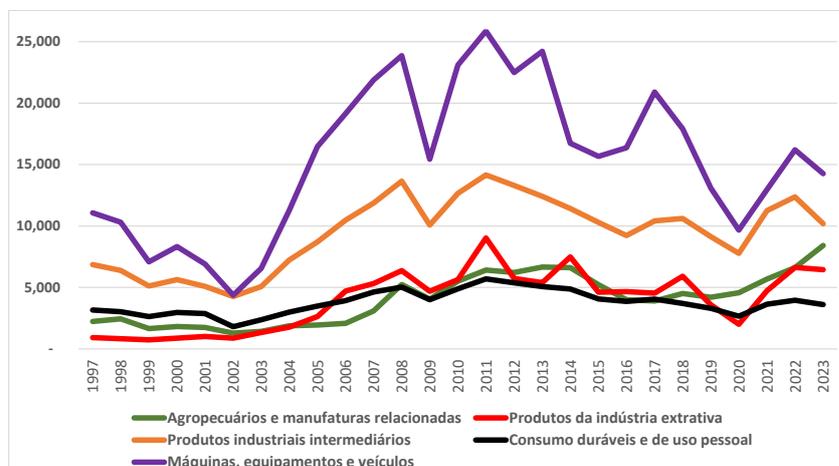


Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

Pelo gráfico 14, a retração de 2009 foi verificada em dimensões absolutas bem próximas com relação às exportações de Produtos Industriais Intermediários, de Máquinas, Equipamentos e Veículos e de Produtos da Indústria Extrativa, com quedas de 45% a 50%. De maneira geral, as exportações permaneceram num patamar inferior ao observado período anterior a 2009.

Com relação às exportações para a América do Sul, o gráfico 5 mostra um relevante aumento das vendas totais de 2002 para 2008, de US\$ 12,6 para US\$ 54,2 bilhões, concentrado nos Produtos Industriais Intermediários, que se elevaram de US\$ 4,3 para US\$ 13,7 bilhões, e, destacadamente, em Máquinas, Equipamentos e Veículos, de US\$ 4,4 para US\$ 23,9 bilhões, conforme o gráfico 15. Contudo, após a crise de 2008 e, principalmente, a partir de 2013, os valores exportados para a América do Sul adquirem tendência de retração, principalmente no grupo de Máquinas, Equipamentos e Veículos: entre 2007 e 2013, as exportações de Máquinas foram em média de US\$ 22,4 bilhões ao ano, quando começam a se reduzir, ao ponto de, no período 2019 a 2023, caírem para um média de US\$ 13,2 bilhões a ano, com redução de 41%.

Gráfico 15: Exportações para a América do Sul pelos cinco Grupos de Produtos, em US\$ milhões corrigidos para valores de final de 2023



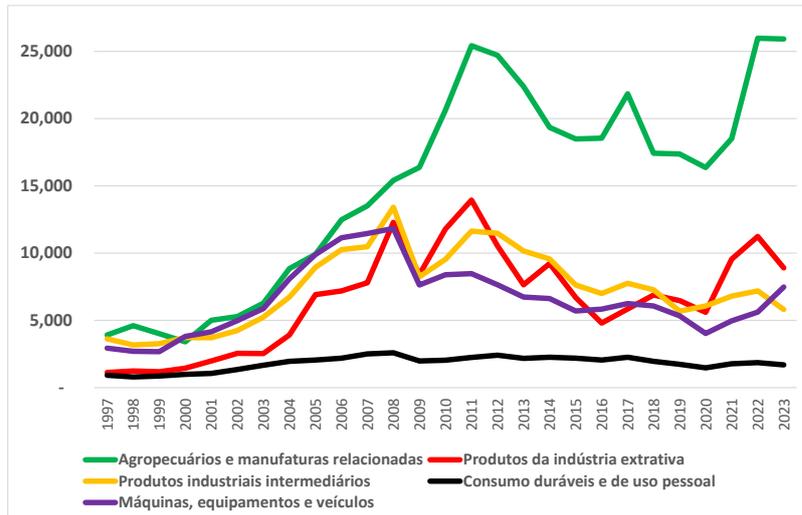
Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br

Elaboração do autor

Com relação às exportações para o “Resto do Mundo”, conforme os dados do gráfico 5, estas se elevaram de um patamar de US\$ 12,3 bilhões em 1997-1999 para US\$ 55,5 bilhões em 2008, expansão real de 350%, quando foi registrada expansão das vendas em quatro dos cinco grupos, conforme o gráfico 16, abaixo. Em 2009, três dos quatro principais grupos de produtos de exportação – Máquinas, Intermediários e Extrativa – apresentaram notável retração e, apesar da recuperação em 2010-2011, predominou a tendência de queda nos valores exportados de 2012 a 2020, quando, ao final, as exportações registraram US\$ 33,5 bilhões,

queda de 40% em relação à 2008 (gráfico 5). As exportações do setor Agropecuário foram excessão, pois se elevaram de US\$ 15,4 bilhões, em 2008, para US\$ 26 bilhões, em 2022-2023.

Gráfico 16: Exportações para o Resto do Mundo pelos cinco Grupos de Produtos, em US\$ milhões corrigidos para valores de final de 2023



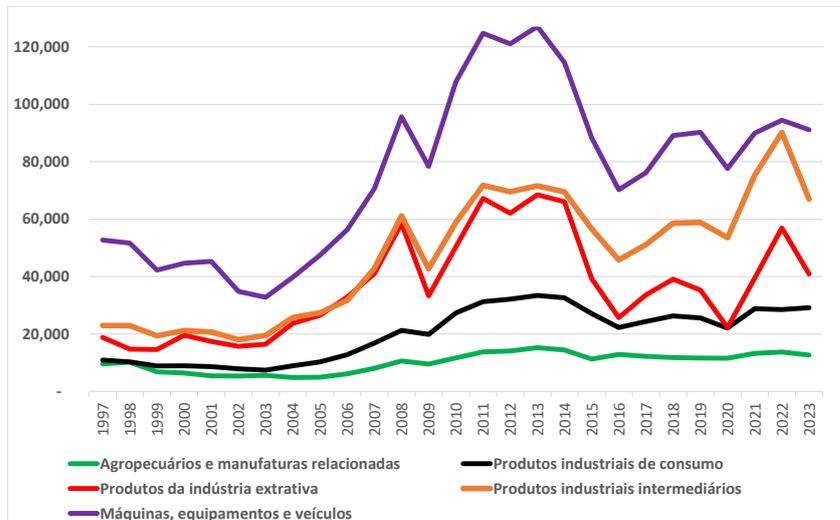
Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

Ficou evidente que, a partir de 2009, sobre as vendas para o Resto do Mundo, enquanto as exportações de Agropecuários continuaram com uma forte tendência de crescimento, como observado nas vendas para China e Ásia (gráficos 11 e 12), suas exportações de Máquinas e de Industriais Intermediários acompanharam a nítida tendência de retração, também observadas nas exportações da Europa e da América do Sul.

4.4. Evolução das importações agregadas dos cinco Grupos de Produtos

O gráfico 17 apresenta a evolução do valor agregado das importações do Brasil pelos cinco grupos de produtos. Em linhas gerais, as importações de Máquinas, Produtos Intermediários e de Indústria Extrativa apresentaram movimento semelhante: (1) expansão dos valores entre 2004 e 2008 e retração em 2009; (2) recuperação e manutenção de patamar superior entre 2010 e 2014 e (3) relevante redução dos valores importados em 2015-2016, quando se mantiveram, posteriormente, num patamar inferior em relação aos valores observados em 2010-2014, com exceção dos Intermediários. O maior patamar de valores de importação de Máquinas, registrado entre 2010 e 2014, não voltou a ser atingido, apesar da evolução positiva das exportações.

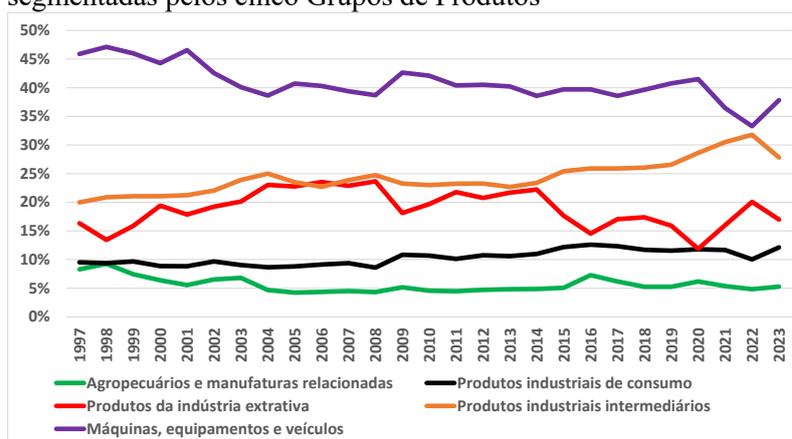
Gráfico 17: Importações totais do Brasil pelos cinco Grupos de Produtos, em US\$ milhões corrigidos para valores de final de 2023



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

O gráfico 18 destaca a importância relativa das importações de Máquinas, que se manteve em torno de 40% do total entre 2002 e 2020. Se destacaram também as importações de Produtos Intermediários, com aumento da participação de 23% para 32% entre 2014 e 2022. A soma do percentual destes dois Grupos - Máquinas e Industriais Intermediários – girou em torno de 65% ao longo do período, oscilando entre 63% e 70%, indicando terem sido a base das necessidades de aquisições do Brasil provenientes do exterior.

Gráfico 18: Participação percentual no total das importações segmentadas pelos cinco Grupos de Produtos



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

A Indústria Extrativa, com uma média de 19% das importações, foi o grupo que apresentou maior oscilação, entre 12% e 24% do total, com a pauta concentrada em carvão, gás e, principalmente, petróleo e produtos e materiais relacionados, tendo estes três produtos

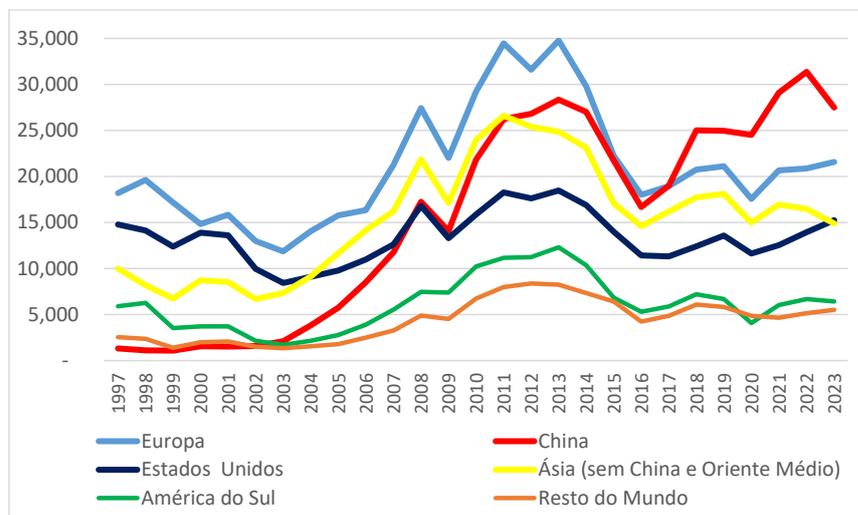
somado, em média, 79% das importações de Indústria Extrativa. Agropecuária e manufaturados relacionados apresentou a menor participação percentual, em torno de 4% a 9% do total.

Quanto às importações de Produtos Industriais de Consumo, estas apresentaram participação de 9% a 12% do total, com uma evolução percentual relativamente estável e sem tendência de aceleração de seus valores financeiros, apesar da folgada disponibilidade de divisas, nos últimos anos.

4.5. Evolução das importações dos cinco Grupos de Produtos provenientes das seis regiões/países

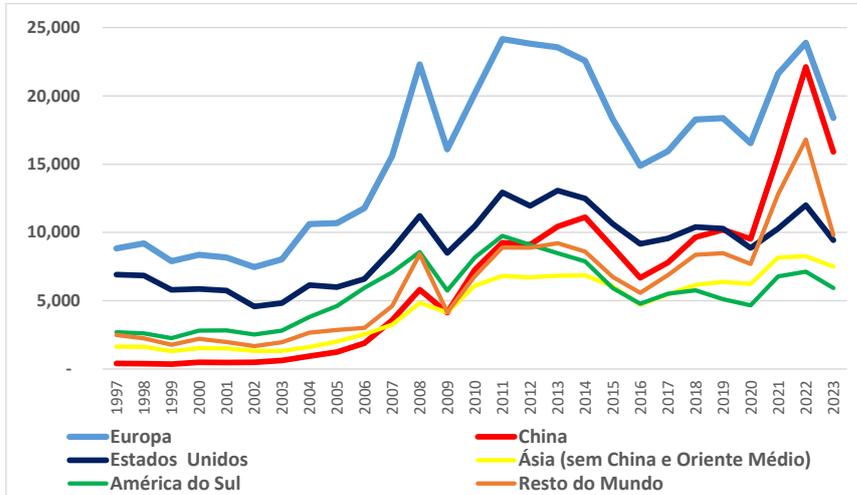
Sobre a evolução das importações, os gráficos 19 a 23 apresentam a evolução de 1997 a 2023 das importações de cada um dos cinco grupos de produtos pelos seis países/regiões. O gráfico 19 apresenta a evolução das importações de Máquinas, Equipamento e Veículos para o Brasil, maior Grupo da pauta de compras externas, conforme o gráfico 17. É evidente o predomínio das importações provenientes da Europa, só superadas em 2017, e, em segunda posição, até 2003, as aquisições provenientes dos Estados Unidos. Contudo, ao longo do período analisado, as importações de Máquinas provenientes da Ásia (sem China) e, principalmente, da China vão crescendo em importância. Já em 2004, as importações da Ásia superam as estadunidenses. Por sua vez, as importações provenientes da China apresentam uma nítida curva ascendente, superando as compras dos Estados Unidos, dos outros asiáticos e tornando-se o maior fornecedor de Máquinas para o Brasil a partir de 2017.

Gráfico 19: Importações de Máquinas, Equipamentos e Veículos (Máquinas) das seis regiões/países, em US\$ milhões corrigidos para 2023



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

Gráfico 20: Importações de Produtos Industriais Intermediários das seis regiões/países, em US\$ milhões corrigidos para 2023

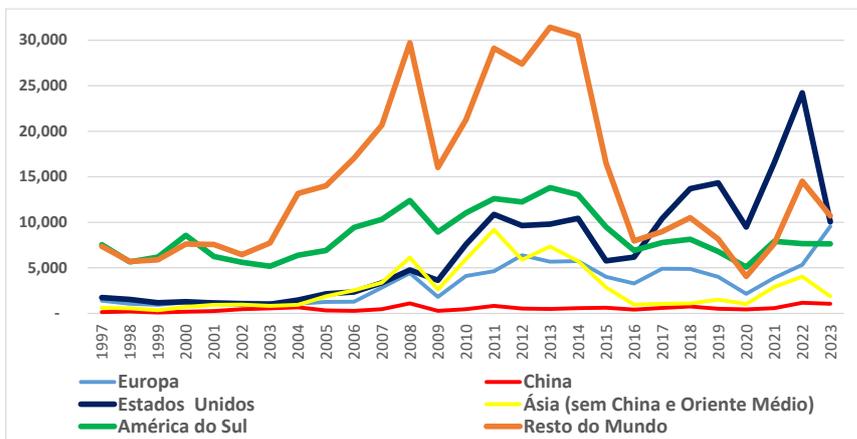


Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

O gráfico 20 apresenta as importações de Produtos Industriais Intermediários. As compras provenientes da Europa predominam durante todo os 27 anos, acompanhadas, “de longe”, pelas importações dos Estados Unidos. Contudo, em 2021, as importações da China e do Resto do Mundo ultrapassam as dos Estados Unidos e se aproximaram das europeias.

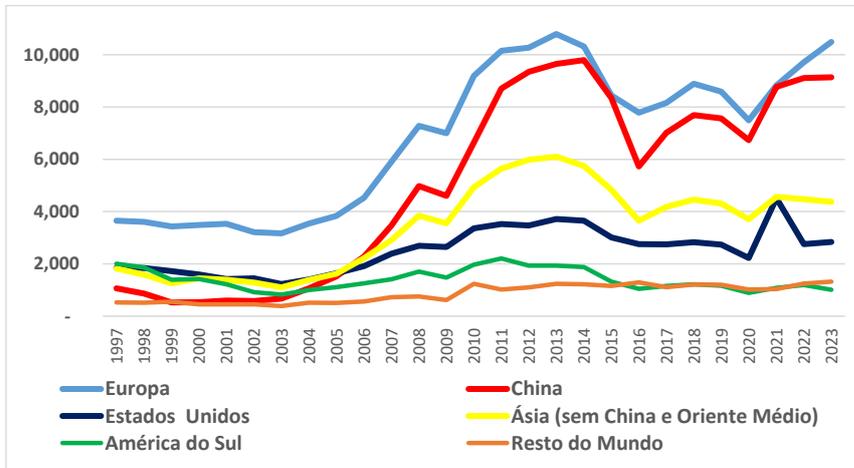
O gráfico 21 mostra a evolução das importações da Indústria Extrativa. Se destacam as importações extrativas do Resto do Mundo, refletindo as compras relacionadas ao petróleo. Tais valores registraram uma acentuada redução de 2014 (US\$ 30,4 bilhões) para 2016 (US\$ 8 bilhões), em paralelo ao crescimento, em menor nível, das importações deste grupo proveniente dos Estados Unidos.

Gráfico 21: Importações da Indústria Extrativa das seis regiões/países, em US\$ milhões corrigidos para 2023



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

Gráfico 22: Importações de Produtos Industriais de Consumo das seis regiões/países, em US\$ milhões corrigido para 2023

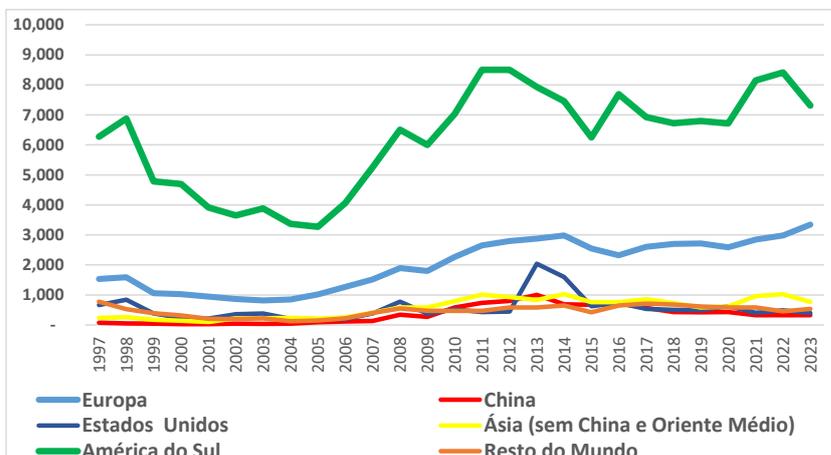


Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

O gráfico 22 apresenta os valores das importações de Produtos Industriais de Consumo proveniente das seis regiões/países. Conforme já abordado, sua participação foi de 9% a 12% do total importado. Os principais fornecedores, como em Máquinas e em Industriais Intermediários, são Europa e China, apesar de tratar-se de menores valores.

Os valores das importações de produtos Agropecuários vindas das seis regiões/países são apresentados no gráfico 23, cujos totais são os menores entre os cinco Grupos (gráfico 17) e concentrados nas compras provenientes da América do Sul, que nos sete últimos anos somou 59%. As compras da Europa, segunda maior origem de importações, somaram 23% do total.

Gráfico 23: Importações de Agropecuários e de manufaturas relacionadas, das seis regiões/países, em US\$ milhões corrigido para 2023



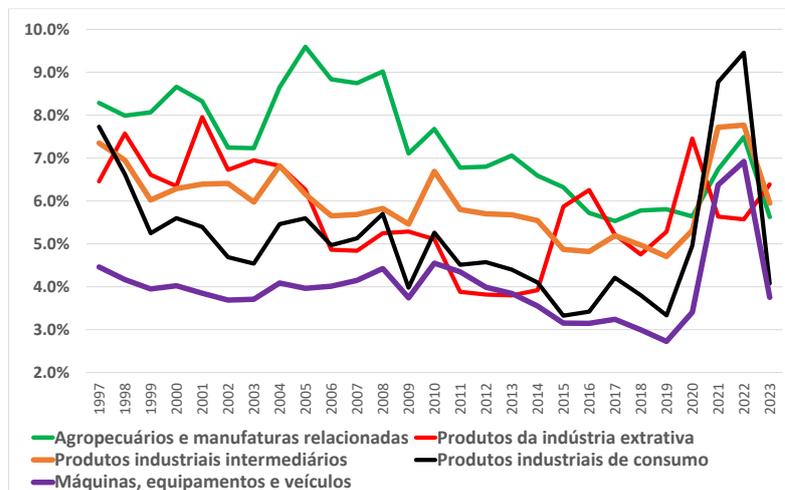
Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

4.6. Evolução dos custos de frete & seguro das importações dos seis países/regiões

O banco de dados do MDIC disponibiliza as séries dos valores referentes aos custos de frete e de seguro das importações. Pela distância da China e dos países asiáticos, em relação aos países ocidentais, os custos relativos ao comércio com aquela região tendem a ser, a princípio, mais elevados. Essa seção apresenta os resultados da evolução destes custos no período, por Grupo de Produtos e pelas seis regiões/países. A sigla CIF - "*Cost, Insurance and Freight*" - pela tradução literal significa "custo, seguro e frete". A sigla FOB - "*Free On Board*" pela tradução literal significa "livre (de custos) a bordo". A soma dos custos de frete e de seguro com o valor FOB resulta no valor CIF. A divisão dos custos de transporte e de seguro pelo valor FOB informa os custos adicionais do comércio exterior sobre o preço de aquisição da mercadoria, em termos percentuais.

O gráfico 24 apresenta a evolução destes custos sobre as importações desagregadas pelos cinco Grupo de Produtos, tratados na presente pesquisa. Pode-se presumir que o custo de frete e seguro dos produtos da Agropecuária, comercializados por valores relativamente baixos em termos de peso e espaço ocupado nos navios mercantes, se situa num patamar superior e aos percentuais destes custos das transações com Máquinas, Equipamentos e Veículos, relativamente mais caras. Contudo, em todos os cinco Grupos de produtos foi verificada uma predominante tendência de redução no percentual dos custos de frete e seguro, ao longo do período 1997 a 2019.

Gráfico 24: Custo percentual médio anual de frete mais seguro sobre o valor FOB das importações, pelos cinco Grupos de Produtos

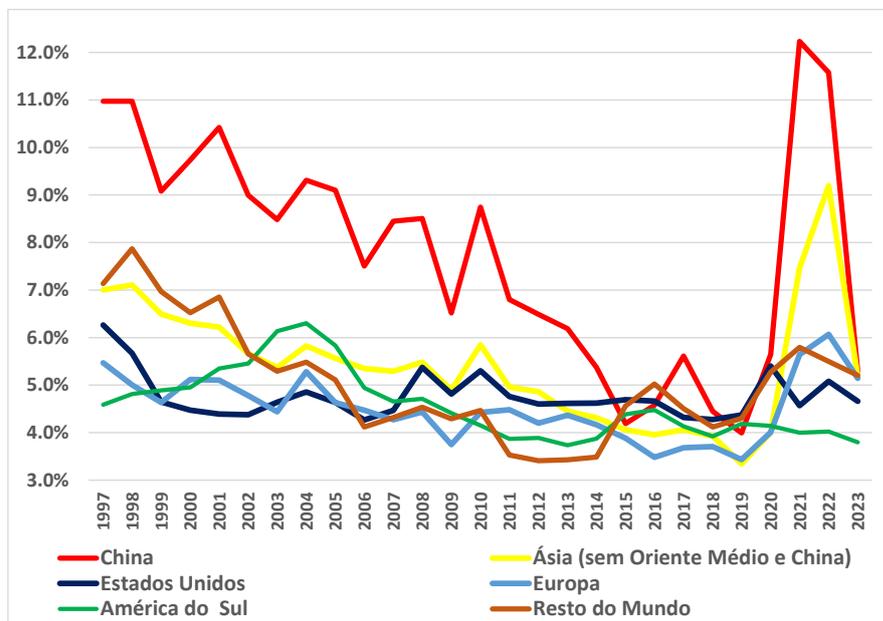


Fonte: MDIC – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

O gráfico 25 apresenta a evolução dos custos médios de frete e seguro das importações provenientes das seis regiões/países. Destaca-se a redução do custo percentual de frete mais seguro sobre o valor das importações provenientes da China, reduzidas de 11% em 1997-1998, para um patamar em torno de 4,5% entre 2015 e 2019, praticamente no mesmo nível de custo percentual das importações provenientes de regiões/países muito mais próximos geograficamente, como Estados Unidos, com 4,5%, América do Sul, com 4,2%, e Resto do Mundo com 4,5%. Os custos relativos de frete e seguro das importações provenientes da Europa situaram-se no menor patamar, de 3,6%, em 2015-2019.

Por outro lado, apesar da redução dos custos de frete das importações da China ao longo de 1997-2019, durante a pandemia foi verificado um extraordinário crescimento dos custos de frete e seguro das mercadorias provenientes da Ásia (sem Oriente Médio e China), que subiu para 9%, e, principalmente da oriundas da China, com o custo médio de 12%, em 2021. Contudo, passada a crise pandêmica, em 2023, os custos voltam rapidamente próximos aos patamares dos anos anteriores, próximos a 5%.

Gráfico 25: Custo percentual médio anual de frete mais seguro sobre o valor FOB das importações, pelas seis regiões/países



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

5. EVOLUÇÃO DOS PRODUTOS DE EXPORTAÇÃO – o aumento das vendas de produtos da agropecuária e da extrativa, com destaque para a China, e a redução das vendas de máquinas, equipamentos e veículos, destacadamente para a América do Sul

Este capítulo, na primeira parte, analisa a evolução dos principais produtos de exportação para a China - da agropecuária e da indústria extrativa - e que têm sido responsáveis pelo grande crescimento das exportações e do saldo comercial positivo brasileiro. Numa segunda parte, é abordada a redução das exportações de máquinas, equipamentos e veículos, ocorrida no período posterior à crise econômico-financeira dos subprimes, a partir de 2008.

Quadro 2: Evolução dos produtos de exportação, sombreados em azul os produtos relacionados com exportações para China, e em laranja os produtos de máquinas, equipamentos e veículos

Principais Produtos de exportação do Brasil por ordem de valor financeiro com base nos valores médios de 2017 a 2023	Grupo do produto	1997 a 2003			2017 a 2023			variação do valor
		valor médio US\$ MM	% do total	Or dem	valor médio US\$ MM	% do total	Or dem	
Total das Exportações		100,454	100%		294,505	100%		193%
Sementes e frutos oleaginosos	Agropec.	4,640	4.6%	4	40,691	13.8%	1	777%
Petróleo, produtos petrolíferos e materiais relacionados	Extrativa	2,629	2.6%	15	40,098	13.6%	2	1425%
Minérios metálicos e sucata	Extrativa	6,179	6.2%	3	38,699	13.1%	3	526%
Carne e preparações de carne	Agropec.	4,265	4.2%	5	21,010	7.1%	4	393%
Ferro e aço	Intermed.	6,639	6.6%	2	14,820	5.0%	5	123%
Veículos rodoviários (incluindo veículos de almofada de ar)	Máquinas	7,958	7.9%	1	12,204	4.1%	6	53%
Açúcares, preparações de açúcar e mel	Agropec.	3,576	3.6%	9	11,203	3.8%	7	213%
Cereais e preparações de cereais	Agropec.	398	0.4%	45	9,374	3.2%	8	2256%
Alimentos para animais (não incluindo cereais não moídos)	Agropec.	3,827	3.8%	8	9,076	3.1%	9	137%
Celulose e resíduos de papel	Extrativa	2,287	2.3%	16	8,306	2.8%	10	263%
Café, chá, cacau, especiarias, e respectivos produtos	Agropec.	4,260	4.2%	6	7,994	2.7%	11	88%
Máquinas e equipamentos de geração de energia	Máquinas	2,925	2.9%	10	5,747	2.0%	12	96%
Máquinas e aparelhos especializados de determinadas indústrias	Máquinas	1,976	2.0%	20	4,944	1.7%	13	150%
Ouro, não monetário (excluindo minérios de ouro e concentrados)	Intermed.	676	0.7%	37	4,519	1.5%	14	568%
Máquinas em geral, equipamentos industriais e peças	Máquinas	2,726	2.7%	14	4,183	1.4%	15	53%
Outro material de transporte	Máquinas	4,143	4.1%	7	4,039	1.4%	16	-3%
Produtos químicos orgânicos	Intermed.	2,060	2.1%	19	3,957	1.3%	17	92%
Fibras têxteis (exc. lã) e resíduos (não transformados fios/tecido)	Extrativa	247	0.2%	52	3,194	1.1%	19	1195%
Plásticos em formas primárias	Intermed.	1,014	1.0%	32	2,558	0.9%	20	152%
Produtos farmacêuticos e medicinais	Consumo	476	0.5%	39	1,464	0.5%	35	208%
Calçados	Consumo	2,726	2.7%	13	1,300	0.4%	37	-52%
Fios Têxteis, tecidos, artigos confeccionados e prod. relacionados	Consumo	1,625	1.6%	24	869	0.3%	42	-46%
Outros 44 produtos		33,204	33%		44,256	15%		33%

Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br

Elaboração do autor

5.1. Os produtos relacionados ao crescimento das exportações para a China

A seção é voltada para a análise da evolução dos produtos que se tornaram os principais geradores de aumento das exportações, principalmente para a China. Inicialmente, os dados de exportação por produto são apresentados pelos seus valores médios nos sete primeiros anos do período considerado – 1997 a 2003 – e nos sete últimos anos do período – 2017 a 2023, conforme o quadro 2, acima. Os produtos estão organizados por ordem de valor das exportações

do Brasil nos últimos 7 anos. Complementando as informações do quadro 2, no quadro 3 são apresentadas as participações percentuais de cada uma das seis regiões/países no total das exportações, por cada produto destacado, nos primeiros sete anos da série – 1997 a 2003 – e nos sete últimos anos – 2017 a 2023.

Quadro 3: Evolução da participação percentual das seis regiões/países no total das exportações de 22 produtos, em 1997-2003 e 2017-2023, em termos de valores em US\$ corrigidos para 2023. (Sombreados em azul os produtos relacionados com exportações para China, e em laranja os produtos de máquinas, equipamentos e veículos)

Principais produtos de exportação do Brasil por ordem de valores financeiros médios de 2017 a 2023	Participação por região/país nas exportações nos dois períodos						
	período	Europa	China	EUA	Ásia	Resto do Mundo	América do Sul
Sementes e frutos oleaginosos	1997-2003	68%	18%	0%	9%	3%	2%
	2017-2023	12%	74%	0%	8%	5%	1%
Petróleo, produtos petrolíferos e materiais relacionados	1997-2003	12%	1%	42%	10%	26%	9%
	2017-2023	16%	40%	12%	17%	6%	9%
Minérios metálicos e sucata	1997-2003	41%	11%	6%	23%	13%	6%
	2017-2023	17%	52%	2%	15%	12%	2%
Carne e preparações de carne	1997-2003	46%	7%	4%	10%	25%	7%
	2017-2023	11%	39%	3%	12%	28%	6%
Ferro e aço	1997-2003	17%	5%	31%	20%	13%	15%
	2017-2023	19%	10%	38%	9%	11%	14%
Veículos rodoviários (incluindo veículos de almofada de ar)	1997-2003	13%	1%	16%	1%	24%	44%
	2017-2023	4%	0%	4%	2%	17%	73%
Açúcares, preparações de açúcar e mel	1997-2003	31%	0%	5%	8%	52%	4%
	2017-2023	6%	10%	4%	22%	55%	3%
Cereais e preparações de cereais	1997-2003	27%	0%	4%	28%	23%	18%
	2017-2023	12%	6%	1%	33%	40%	8%
Alimentos para animais (não incluindo cereais não moídos)	1997-2003	78%	3%	0%	13%	3%	2%
	2017-2023	47%	1%	0%	41%	6%	5%
Celulose e resíduos de papel	1997-2003	43%	7%	26%	21%	2%	2%
	2017-2023	28%	43%	15%	8%	4%	2%
Cafê, chá, cacau, especiarias, e respectivos produtos	1997-2003	57%	0%	17%	10%	7%	8%
	2017-2023	51%	1%	18%	11%	10%	9%
Máquinas e equipamentos de geração de energia	1997-2003	30%	2%	36%	2%	11%	17%
	2017-2023	24%	2%	39%	5%	17%	14%
Máquinas e aparelhos especializados para determinadas indústrias	1997-2003	14%	1%	22%	4%	19%	41%
	2017-2023	9%	1%	30%	3%	21%	36%
Ouro, não monetário (excluindo minérios de ouro e seus concentrados)	1997-2003	21%	0%	78%	0%	0%	0%
	2017-2023	49%	0%	5%	11%	36%	0%
Máquinas em geral e equipamentos industriais e peças de máquinas	1997-2003	18%	2%	33%	3%	14%	30%
	2017-2023	19%	5%	20%	5%	15%	36%
Outro material de transporte	1997-2003	23%	1%	67%	1%	7%	2%
	2017-2023	18%	3%	61%	6%	9%	4%
Produtos químicos orgânicos	1997-2003	23%	2%	24%	17%	10%	24%
	2017-2023	20%	7%	29%	22%	10%	12%
Fibras têxteis (exc. lã) e seus resíduos (não transformados em fios/tecido)	1997-2003	34%	9%	4%	17%	11%	25%
	2017-2023	11%	29%	0%	57%	1%	1%
Plásticos em formas primárias	1997-2003	15%	6%	6%	4%	9%	61%
	2017-2023	15%	6%	9%	5%	8%	56%
Produtos farmacêuticos e medicinais	1997-2003	6%	1%	1%	3%	8%	81%
	2017-2023	11%	1%	14%	7%	11%	56%
Calçados	1997-2003	14%	0%	66%	1%	7%	12%
	2017-2023	22%	2%	18%	5%	15%	39%
Fios Têxteis, tecidos, artigos confeccionados e produtos relacionados	1997-2003	16%	1%	22%	5%	8%	48%
	2017-2023	8%	1%	10%	5%	11%	64%

Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br

Elaboração do autor

Fica evidente, pelas primeiras quatro linhas dos Quadros 2 e 3, que a China se tornou o principal destino dos produtos que tiveram as maiores taxas de crescimento ao longo do período. Os quatro produtos - Sementes e frutos oleaginosos, Petróleo, Minérios metálicos e Carne - somam 48% do total exportado e registraram taxas extremamente altas de crescimento – 777%, 1.425%, 526%, 393%, respectivamente - muito superior à taxa de crescimento médio do total das exportações, de 193%.

Além desses quatro produtos, destacaram-se outros dois nos quais a China se tornou o principal ou um dos principais destinos, como celulose e resíduos de papel e fibras têxteis e seus resíduos. Os dados dos Quadros 2 e 3 reforçam a importância adicional que as vendas para a China apresentaram nos últimos anos, concentrando parte substancial dos mercados dos principais produtos da pauta brasileira de exportação.

O quadro 3 destaca a grande participação percentual da China nas exportações dos quatro principais produtos de exportação – 74%, 40%, 52% e 39% – em termos de valores médios no período 2017-2023. Simultaneamente, verificou-se uma redução relevante na participação percentual das compras da Europa e/ou dos EUA nas aquisições destes produtos, destacando-se as perdas relativas de mercado, do continente europeu. As exportações de celulose e seus resíduos e de fibras têxteis e seus resíduos, apesar de referir-se a valores menores, também são analisados, mais na frente, por também refletirem o crescimento das exportações da China.

5.2. Os gráficos dos valores financeiros totais, das toneladas negociadas e dos valores por tonelada, calculados pela divisão dos valores financeiros totais pelas toneladas negociadas

As subseções a seguir apresentam informações e gráficos sobre as exportações dos seis produtos que a China se destacou como principal mercado para os produtos brasileiros, com a evolução dos valores financeiros anuais, das exportações das principais regiões ou países de destino, de cada um dos seis produtos, conforme os dados fornecidos pelo banco de dados do Comexstat do MDIC, corrigidos para valores de 2023, conforme o CPI dos EUA (Quadro 1).

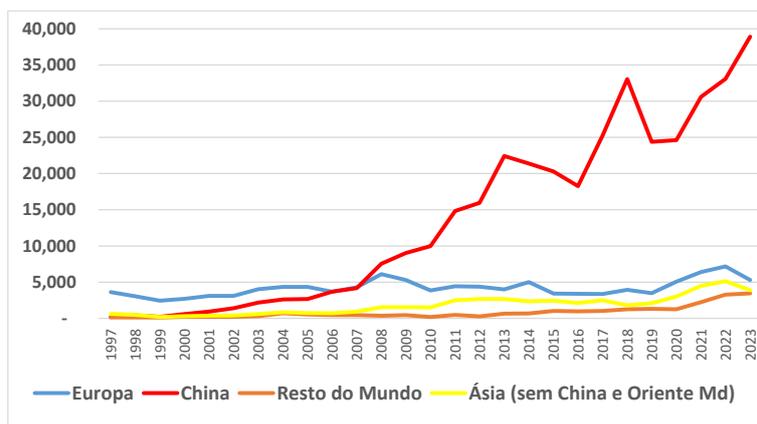
Além disso, para alguns produtos também são apresentados, em gráficos: i) a evolução dos correspondentes volumes anuais negociados com as diferentes regiões/países, em termos de milhares de toneladas exportadas, conforme os dados também fornecidos pelo banco de dados do Comexstat do MDIC; e ii) complementarmente, também são apresentados gráficos com os valores financeiros anuais por tonelagem negociada, calculados pela divisão dos valores

das exportações anuais, em US\$ milhões corrigidos para valores de 2023, pelas correspondentes quantidades negociadas ao ano, em milhares de toneladas, resultando nos valores em US\$ milhões por milhares de toneladas. O valor em US\$ por tonelada pode ser considerado uma *proxi* dos preços de negociação e uma base de comparação dos preços médios relativos negociados com as seis regiões/países e da sua evolução ao longo do período de tempo. Tais gráficos, da evolução do volume em milhares de toneladas negociadas e dos valores por toneladas são apresentados nos casos em que se apresentem com informações de interesse, tanto para os produtos de exportação, a seguir, quanto para os produtos importados pelo Brasil, tratados no capítulo 5.

5.2.1. Sementes e frutos oleaginosos

O gráfico 26 apresenta a evolução das exportações de sementes e frutos oleaginosos cujo principal item é a soja e seus derivados, que nos últimos 7 anos foram o principal item da pauta exportadora brasileira, equivalentes a 13,8% do total. Ao longo dos últimos 27 anos, houve um aumento de mais de 1000% na receita obtida, em termos reais, de US\$ 4,7 bilhões, em 1997, para US\$ 53,9 bilhões, em 2023.

Gráfico 26: Exportações de sementes e frutos oleaginosas para os quatro principais mercados, em US\$ milhões corrigidos para 2023

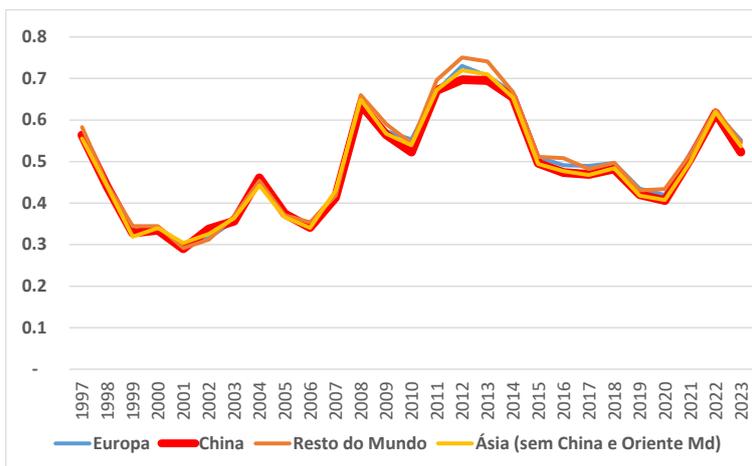


Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

O gráfico 26 destaca que o extraordinário crescimento das vendas foi praticamente todo direcionado para a China, que cresceu de níveis próximos a zero nos primeiros anos da série (300 mil toneladas em 1997), para alcançar um patamar US\$ 39 bilhões e em torno de 60 a 75 milhões de toneladas anuais nos últimos anos. Os outros parceiros se mantiveram em níveis baixos, não superando o patamar de 10 a 12 milhões de toneladas.

Com relação aos preços, por se tratar de uma commodity, com os preços de mercado estabelecido internacionalmente, os valores médios anuais de exportação dos quatro principais compradores de sementes e frutos oleaginosas oscilaram nos mesmos níveis ao longo dos anos, como mostrado no gráfico 27.

Gráfico 27: Exportações de sementes e frutos oleaginosas para os quatro principais mercados - valores médios anuais em US\$ milhões por milhares de toneladas, corrigidos para 2023



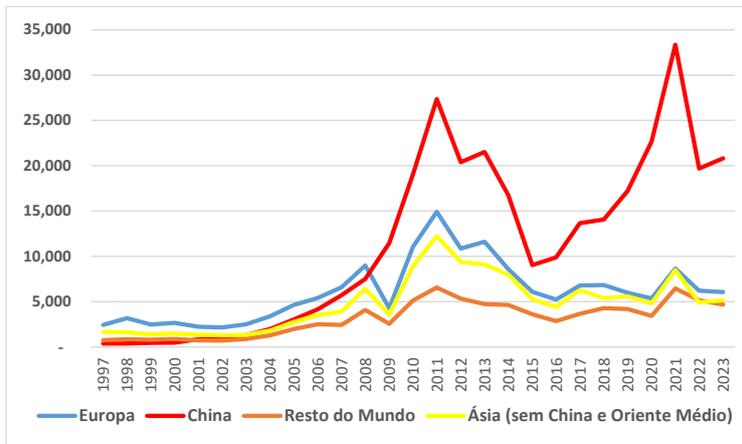
Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br

Elaboração do autor

5.2.2. Minérios metálicos e sucata

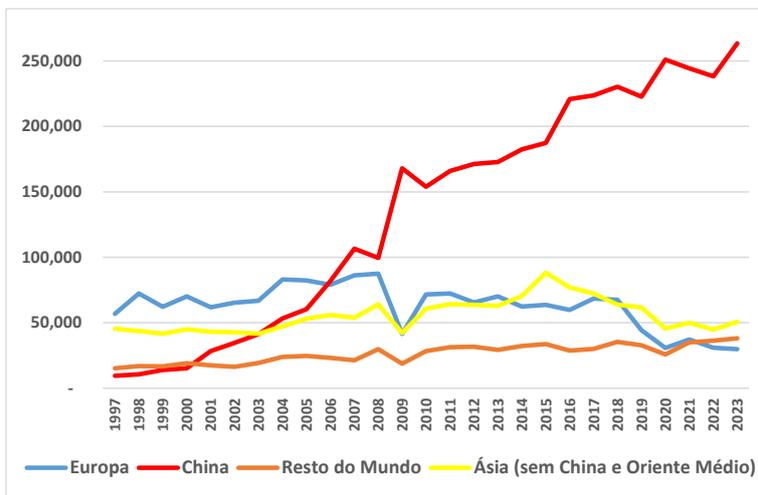
Os gráficos 28 e 29 mostram a evolução dos valores e de tonelagem de exportação de minerais metálicos e sucata para as quatro principais regiões/países compradores do Brasil. Destaca-se o acentuado crescimento dos valores financeiros e do volume de minérios metálicos vendido para a China a partir de 2000, quando saiu de 15 milhões para 263 milhões de toneladas em 2023. Pelo gráfico 29, a partir de 2009, destaca-se a constante queda das vendas para a Europa e para o restante da Ásia.

Gráfico 28: Exportações de minerais metálicos e sucata para os quatro principais mercados - valor em US\$ milhões corrigidos para 2023



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

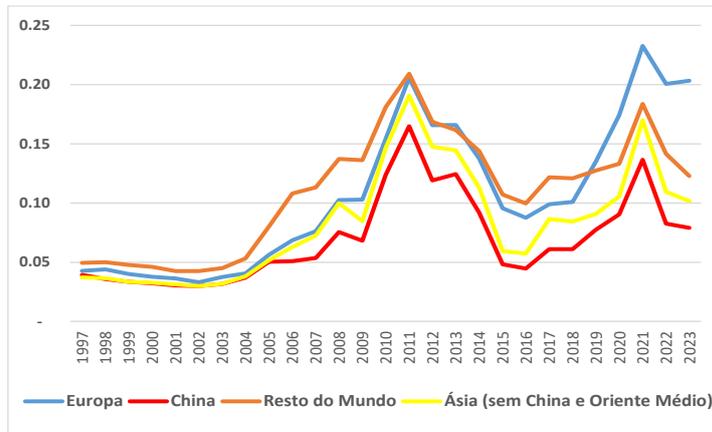
Gráfico 29: Exportações de minerais metálicos e sucata para os quatro principais mercados – volume em milhares de toneladas



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

O gráfico 30 apresenta a evolução dos valores médios anuais, em US\$ milhões, por milhares de toneladas de minerais metálicos e sucata. Destaca-se que, neste mercado, é observável diferenciações de valores negociados, apesar de ser possível identificar uma evolução semelhante dos valores médios negociados pelas diversas regiões. Também é notável o pico de valores em 2011 e a queda generalizada até 2016. No período, os valores médios pagos pela China se situaram abaixo em relação aos pagos pelas outras regiões, possivelmente, em função dos maiores volumes adquiridos através dos contratos efetuados por este país.

Gráfico 30: Exportações de minerais metálicos e sucata para os quatro principais mercados - valores médios anuais em US\$ milhões por milhares de toneladas, corrigidos para 2023



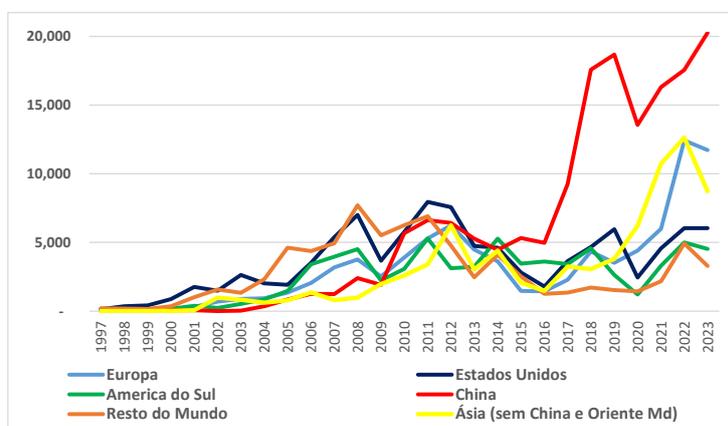
Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

5.2.3. Petróleo e produtos e materiais relacionados

O gráfico 31 mostra a evolução dos valores das exportações de petróleo das seis regiões/países. Houve um primeiro período de crescimento das exportações, entre 2000 e 2010, e um segundo, quando as exportações para China sobem de US\$ 5 bilhões em 2016 para US\$ 20 bilhões em 2023, o que fez do petróleo o 2º produto da pauta de exportações em 2017-2023.

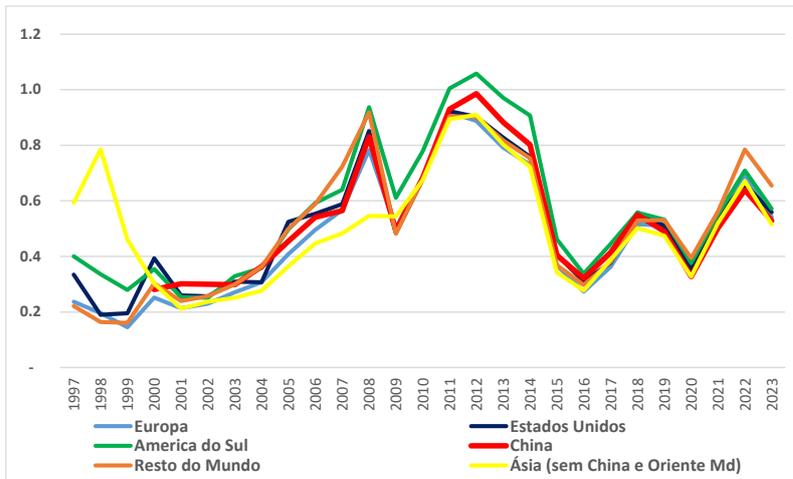
O gráfico 32 mostra a evolução dos valores médios negociados no período, onde se destaca a elevação dos valores, de 2000 a 2012 e a expressiva queda dos mesmos até 2016. É observável também a relativa proximidade dos valores médios transacionados pelas regiões.

Gráfico 31: Exportações de petróleo e produtos relacionados para as seis regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

Gráfico 32: Exportações de petróleo e produtos relacionados para as seis regiões/países - valores médios anuais em US\$ milhões por milhares de toneladas, corrigidos para 2023



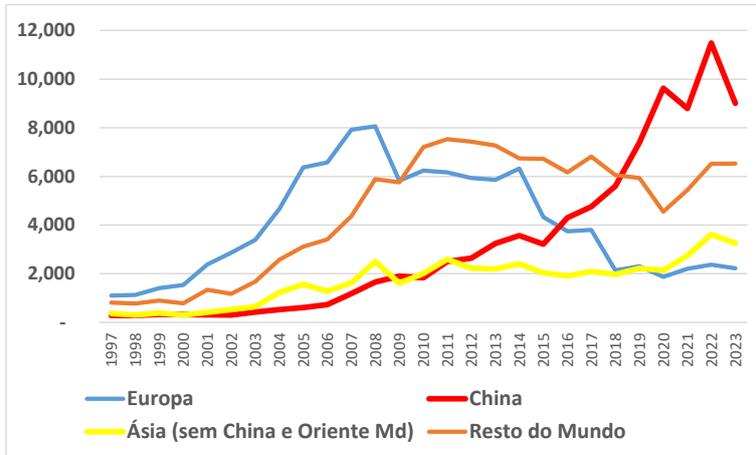
Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

5.2.4. Carne e preparações de carne

As exportações de carne apresentaram uma grande evolução de 1999 a 2005, saindo de um patamar de 900 mil toneladas para 5,7 milhões de toneladas, em decorrência das compras da Europa e do Resto do Mundo. Mais recentemente, apesar da retração das exportações para a Europa, o volume das vendas voltou a aumentar a partir de 2018 até 2023, período em que subiu de 6,4 milhões para 8,7 milhões de toneladas, decorrentes das compras da China. Nos últimos sete anos, esse item se tornou um destacado produto de exportação, concentrando 7,3% do total dos valores exportados.

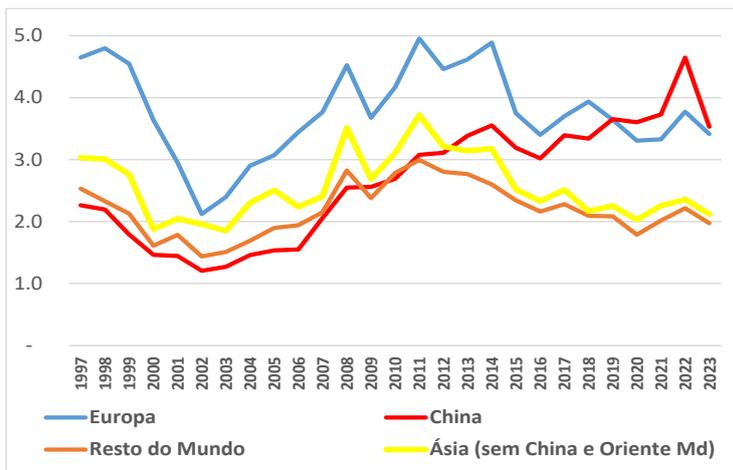
O gráfico 33 descreve a evolução dos valores anuais de compras de carnes das quatro maiores regiões/países exportadoras no período. De 2005 a 2014, as exportações de carne para Europa e Resto do Mundo somaram US\$ 124 bilhões, de um total de US\$ 180 bilhões. Contudo, em 2015 os valores exportados para a Europa começam a se reduzir e, a partir de 2016, as compras da China começam a crescer, em tal magnitude que, entre 2018 e 2023, as exportações para este país alcançaram US\$ 52 bilhões, superando as vendas para Europa e Resto do Mundo, que juntos somaram US\$ 48 bilhões no mesmo período.

Gráfico 33: Exportações de carnes e preparações de carne para quatro regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

Gráfico 34: Exportações de carnes e preparações de carne para quatro regiões/países - valores médios anuais em US\$ milhões por milhares de toneladas, corrigidos para 2023



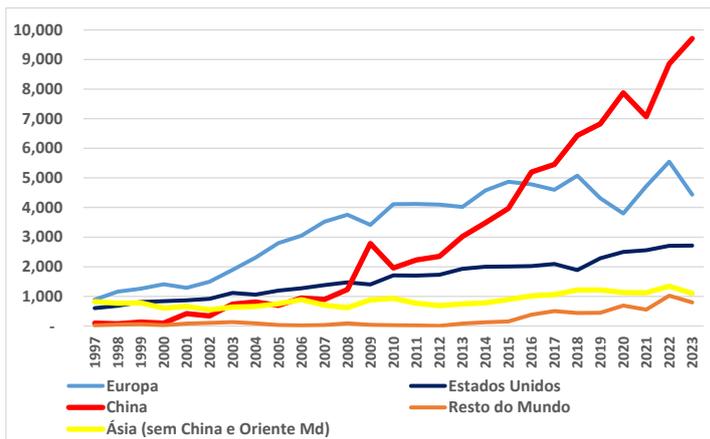
Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

Do gráfico 34, pode-se deduzir que os maiores valores de exportação de carne para a China, conforme o gráfico 33, refletem, em parte, os crescentes valores médios por tonelada adquirida por parte deste país, valores médios que passam a ser superiores aos das outras regiões/países exportadores, a partir de 2020.

5.2.5. Celulose e resíduos de papel

Sobre as exportações de celulose e resíduos de papel, houve um crescimento constante do volume vendido ao longo de todo o período, registrando um aumento de 2,5 para 19 milhões de toneladas entre 1997 e 2023, equivalente a um crescimento de 660%.

Gráfico 35: Exportações de celulose e resíduos de papel para cinco regiões/países – volume em milhares de toneladas



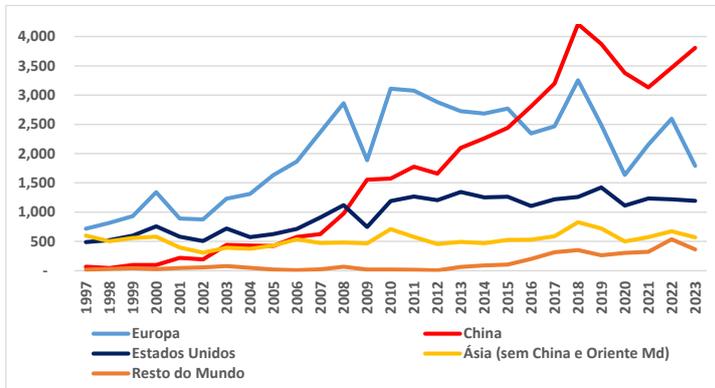
Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

Pelos gráficos 35 e 36, é possível observar o grande crescimento das vendas para a China, especificamente a partir de 2008, em que se elevou de 893 mil para 9,7 milhões de toneladas em 2023, superando a soma das compras da Europa, EUA, Ásia e Resto do Mundo, em termos de volume (9.046 milhares de toneladas), e da Europa, EUA e Ásia, em termos financeiros. Enquanto os valores exportados para a Europa se retraem a partir de 2010, de US\$ 3,1 bilhões para US\$ 1,8 bilhões em 2023, as vendas para a China sobem de US\$ 1,5 bilhões em 2009-2010 para US\$ 3,8 bilhões em 2023, mais do que compensando as perdas de vendas.

Apesar das exportações de celulose e resíduos ainda terem baixa participação, de 2,8% do total, pode ser considerado um produto no qual as vendas para a China têm potencial de crescimento. Conforme observado no artigo do IPEA de 2022, tratado no item 2.4 do Referencial Teórico, a celulose apresentaria potencial de expansão, pois, com base nos dados de 2016-2018, as vendas do Brasil teriam um *market share* entre 10% e 20%, de um mercado chinês total de US\$ 12,3 bilhões, restando ainda 80,4% deste mercado para as exportações brasileiras.¹²

¹² Conforme destacado no item 1.4.1, no Referencial Bibliográfico: “(...) Nos produtos com *market share* entre 10% e 20%, por exemplo, no mercado de celulose, com importações totais chinesas de US\$ 12,3 bilhões, as exportações brasileiras poderiam se expandir nos restantes 80,4% deste mercado.”

Gráfico 36: Exportações de celulose e resíduos de papel para cinco regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023

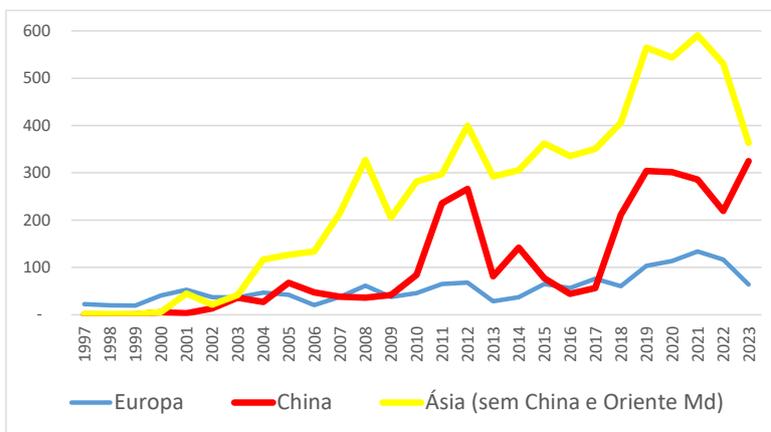


Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

5.2.6. Fibras têxteis e seus resíduos e fios têxteis, tecidos e artigos confeccionados

Houve um grande crescimento do volume total de exportações de fibras têxteis no período: em 1997 era um mercado de apenas 55 mil toneladas, elevando-se em 2020 mais de 2,2 milhões. Apesar de somarem apenas 1,1% da pauta de exportações em 2017-2023, cresceram 1.195% no período, em relação a 1997-2003. No período 2017-2023, China e Ásia, juntas, passaram a concentrar 86% das exportações. O gráfico 37 apresenta a evolução dos valores de exportação do produto.

Gráfico 37: Exportações de fibras têxteis e seus resíduos para três regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023

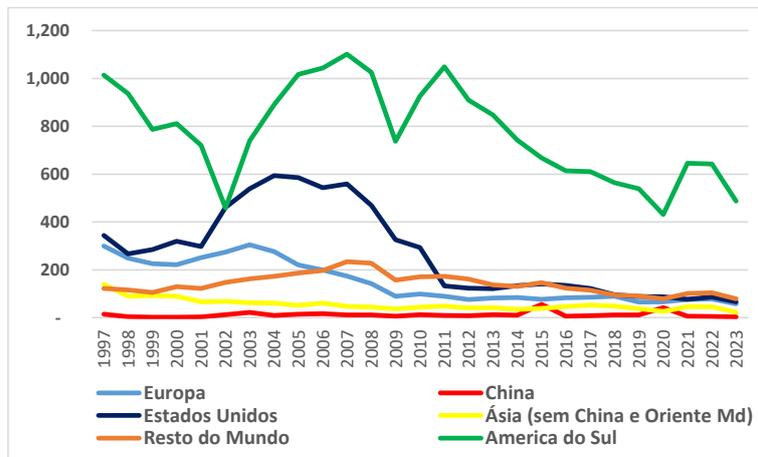


Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

Curiosamente, ocorreu exatamente o oposto com as exportações de fios têxteis, tecidos e artigos confeccionados, último item dos Quadros 2 e 3, produto que se utiliza das fibras têxteis

como matéria prima. Em 1997-2023, suas exportações somavam média anual de US\$ 1.624,6 milhões, se reduzindo em 46%, nos últimos sete anos da série. O gráfico 38 apresenta a evolução dos valores das exportações, com destaque para a América do Sul e os Estados Unidos, que foram reduzindo as compras brasileiras, restando, praticamente, algo em torno da metade das exportações para a América do Sul.

Gráfico 38: Exportações de fios têxteis, tecidos e artigos confeccionados para as seis regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

5.3. A redução das exportações de Máquinas, Equipamentos e Veículos pós-crise de 2008

Sobre a retração dos valores exportados pelo Brasil dos produtos do grupo de Máquinas, Equipamentos e Veículos, cabe descrever como essa retração ocorreu ao longo do período posterior à crise de 2008, os produtos mais afetados e as regiões/países que registraram maiores quedas nas exportações.

O gráfico 9, no Capítulo 3, apresenta a evolução das exportações do Brasil pelos subgrupos de tipo de produtos, em milhões de dólares corrigidos para valores de final de 2023. A curva referente ao grupo de Máquinas, Equipamentos e Veículos apresenta uma evolução crescente entre 1997 e 2008, de US\$ 23.550 milhões para US\$ 57.814 milhões, com crescimento de 145%. Daí em diante, passa a apresentar uma tendência descendente, reduzindo para US\$ 36.272 milhões em 2023.

Buscando segmentar a análise dessa redução por produto, o quadro 4 apresenta os valores financeiros anuais médios (em dólares de 2023) de 2004-2008, cinco anos anteriores à crise de 2008, e de 2019-2023, os cinco últimos anos do período analisado, para os cinco principais produtos de exportação de Máquinas, Equipamentos e Veículos. As maiores quedas

dos valores das exportações foram nos dois produtos de veículos, -39% e -47%. O destaque menos negativo foi em máquinas e aparelhos especializados para determinadas indústrias, com retração de 11% dos valores exportados.

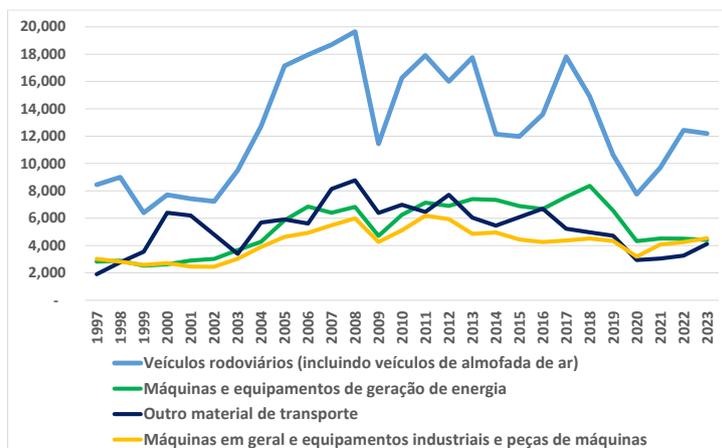
Quadro 4: Valor médio anual, em US\$ milhões corrigidos para 2023, das exportações dos principais produtos de Máquinas, Equipamentos e Veículos, em 2004-2008, cinco anos anteriores à crise de 2008, e 2019-2023, últimos cinco do período pesquisado.

Produtos de Máquinas, Equipamentos e Veículos	2004-2008	2019-2023	Var. %
Veículos rodoviários (incluindo veículos de almofada de ar)	17,233.38	10,538.99	-39%
Máquinas e equipamentos de geração de energia	6,038.44	4,860.25	-20%
Máquinas e aparelhos especializados para determinadas indústrias	5,426.89	4,820.85	-11%
Máquinas em geral e equipamentos industriais e peças de máquinas	4,985.04	4,079.41	-18%
Outro material de transporte	6,823.84	3,616.86	-47%

Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

O gráfico 39 ilustra a retração dos valores totais de exportação de quatro produtos do Grupo, onde fica evidenciada a superioridade dos valores exportados de Veículos Rodoviários.

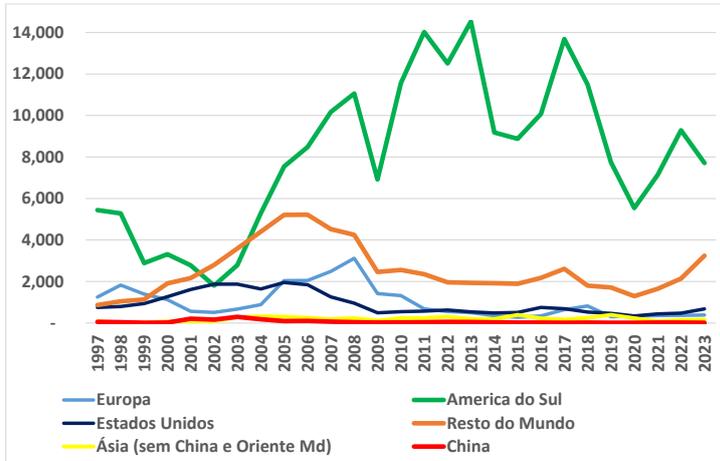
Gráfico 39: Exportações de produtos de Máquinas, Equipamentos e Veículos - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

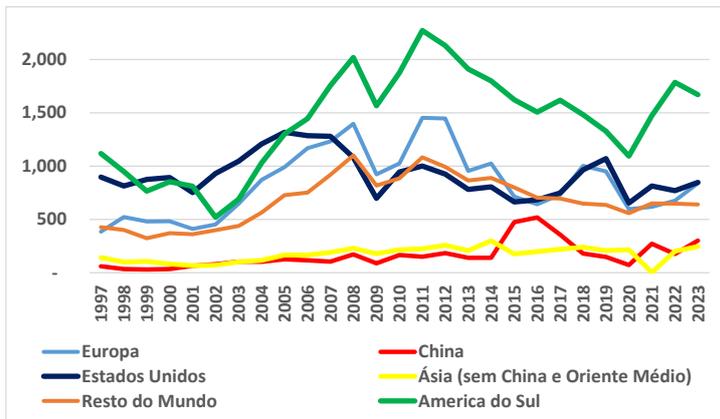
Por sua vez, os gráficos 40 e 41 apresentam a evolução das exportações de veículos rodoviários e de máquinas em geral e equipamentos industriais e peças de máquinas, pelas principais regiões/países. Em ambos os produtos a principal região exportadora é a América do Sul, tendo que registrou maiores quedas das exportações.

Gráfico 40: Exportações de veículos rodoviários para as seis regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

Gráfico 41: Exportações de máquinas em geral e equipamentos industriais e peças de máquinas para as seis regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

6. EVOLUÇÃO DOS PRODUTOS DE IMPORTAÇÃO – China se torna um dos maiores fornecedores de Máquinas, Equipamentos e de Produtos Industriais Intermediários, como também, de quatro destacados Produtos Industriais de Consumo

Entre as seis regiões/países, a China não apenas passou a ser, destacadamente, o maior exportador dos produtos brasileiros, em termos de valores financeiros, como também, em decorrência das predominantemente crescentes importações, desde 2003, passou a ser um dos principais fornecedores de diversos dos produtos das denominadas indústrias de transformação: Máquinas, Equipamentos e Veículos; Industriais Intermediários; e Industriais de Consumo.

Conforme os gráficos 6 e 8, o valor financeiro das importações provenientes da China ultrapassaram as dos EUA em 2012 e, a partir de 2020, se aproximaram dos níveis de importação de toda a Europa, os dois tradicionais parceiros comerciais do Brasil. A seguir, as informações sobre os produtos nos quais a China se destacou como o maior fornecedor, comparando os valores dos últimos sete anos com os primeiros anos analisados.

Quadro 5: Evolução dos principais produtos de importação, em ordem de maiores valores médios no período 2017 a 2023, com destaque aos produtos que a China passou a ser o principal ou um dos principais fornecedores. (os produtos nos quais a China se destacou estão sombreados conforme os três grupos de produtos da indústria de transformação, segundo as informações do Quadro 6)

Principais produtos de importação do Brasil por ordem de valores financeiros médios de 2017 a 2023	Grupo do produto	1997 a 2003			2017 a 2023			variação % valor
		valor médio US\$ MM	% sobre total	Or dem	valor médio US\$ MM	% sobre total	Or dem	
Total das Importações		96,861.1	100.0%		228,876.4	100.0%		136%
Petróleo, produtos petrolíferos e materiais relacionados	Extrativa	9,602.8	9.9%	1	22,703.78	9.9%	1	136%
Máquinas e aparelhos elétricos, diversos, suas partes e peças	Máquinas	8,409.3	8.7%	2	18,730.11	8.2%	2	123%
Veículos rodoviários (incluindo veículos de almofada de ar)	Máquinas	6,920.5	7.1%	3	15,969.15	7.0%	3	131%
Adbus	Intermed.	2,057.1	2.1%	14	13,877.85	6.1%	4	575%
Produtos químicos orgânicos	Intermed.	5,383.5	5.6%	5	13,550.71	5.9%	5	152%
Máquinas em geral e equip. industriais e peças de máquinas	Máquinas	5,525.8	5.7%	4	12,101.21	5.3%	6	119%
Produtos farmacêuticos e medicinais	Consumo	3,105.8	3.2%	10	10,845.92	4.7%	7	249%
Máquinas e equipamentos de geração de energia	Máquinas	4,473.9	4.6%	6	10,322.57	4.5%	8	131%
Equipam. telecom. e de gravação de som, apar. de reprodução	Máquinas	4,053.5	4.2%	8	8,506.80	3.7%	9	110%
Materiais e produtos químicos	Intermed.	1,625.5	1.7%	21	7,315.72	3.2%	10	350%
Plásticos em formas primárias	Intermed.	2,083.4	2.2%	13	5,991.20	2.6%	11	188%
Máquinas e aparelhos especializados para indústrias	Máquinas	4,397.4	4.5%	7	5,751.53	2.5%	12	31%
Metais não-ferrosos	Intermed.	1,788.8	1.8%	18	5,179.41	2.3%	13	190%
Instrumentos, apar. profissionais, científicos e de verificação	Máquinas	2,265.9	2.3%	12	5,142.89	2.2%	14	127%
Outro material de transporte	Máquinas	1,809.8	1.9%	17	5,005.05	2.2%	15	177%
Produtos metálicos	Intermed.	1,625.8	1.7%	20	4,732.42	2.1%	16	191%
Ferro e aço	Intermed.	1,173.9	1.2%	24	4,448.26	1.9%	18	279%
Artigos manufaturados diversos	Consumo	1,838.9	1.9%	16	4,441.24	1.9%	19	142%
Fios Têxteis, tecidos, artigos confeccionados e prod. relac.	Consumo	1,655.8	1.7%	19	4,079.56	1.8%	20	146%
Máq. para escritório e máquinas autom. de processam. dados	Máquinas	3,451.9	3.6%	9	3,682.33	1.6%	22	7%
Produtos químicos inorgânicos	Intermed.	1,026.5	1.1%	29	2,830.61	1.2%	24	176%
Artigos de borracha	Consumo	1,034.5	1.1%	28	2,609.24	1.1%	25	152%
Artigos de vestuário e seus acessórios	Consumo	409.7	0.4%	40	2,199.30	1.0%	26	437%
Equipamentos metalúrgicos	Máquinas	1,228.0	1.3%	23	1,083.80	0.5%	37	-12%
Aparelhos fotográficos, equip./suprim. e de ótica; relógios	Máquinas	910.6	0.9%	30	656.60	0.3%	44	-28%
Outros 41 produtos		19,002.2	19.6%		37,119.1	16.2%		95%

Fonte: MDIC – comexstat.mdic.gov.br

Elaboração do autor

O quadro 5 relaciona os produtos de importação do Brasil, em ordem decrescente pelos valores médios anuais de 2017-2023. Os oito dos 10 produtos com maiores valores importações em 2017-2023 também estavam presentes entre os maiores valores em 1997-2003, com exceção de adubos e materiais e produtos químicos, que em 1997-2003 se situavam em 14º e 21º.

Quadro 6: Participação percentual média das seis regiões nas importações dos principais produtos da pauta brasileira, em 1997-2003 e 2017-2023, em valores de US\$ MM

Principais produtos de importação do Brasil por ordem de valores financeiros médios de 2017 a 2023	Participação por região/país nas importações nos dois períodos						
	período	Europa	China	EUA	Ásia	Resto do Mundo	América do Sul
Petróleo, produtos petrolíferos e materiais relacionados	1997-2003	7%	0%	3%	3%	58%	29%
	2017-2023	16%	0%	45%	5%	29%	4%
Máquinas e aparelhos elétricos, diversos, suas partes e peças	1997-2003	26%	29%	5%	34%	2%	3%
	2017-2023	13%	47%	5%	30%	3%	1%
Veículos rodoviários (incluindo veículos de almofada de ar)	1997-2003	32%	0%	8%	14%	4%	40%
	2017-2023	23%	11%	6%	18%	11%	32%
Adubos	1997-2003	54%	0%	14%	0%	28%	4%
	2017-2023	36%	10%	7%	1%	45%	2%
Produtos químicos orgânicos	1997-2003	40%	4%	34%	10%	6%	6%
	2017-2023	26%	30%	19%	16%	5%	4%
Máquinas em geral e equip. industriais e peças de máquinas	1997-2003	51%	2%	27%	12%	3%	5%
	2017-2023	39%	27%	16%	12%	4%	2%
Produtos farmacêuticos e medicinais	1997-2003	60%	2%	18%	5%	9%	6%
	2017-2023	59%	9%	16%	9%	5%	2%
Máquinas e equipamentos de geração de energia	1997-2003	35%	1%	47%	7%	3%	7%
	2017-2023	29%	11%	42%	10%	4%	3%
Equipam. telecom. e de gravação de som, apar. de reprodução	1997-2003	21%	9%	32%	27%	11%	1%
	2017-2023	5%	59%	5%	25%	5%	0%
Materiais e produtos químicos	1997-2003	39%	1%	38%	3%	8%	11%
	2017-2023	28%	20%	25%	14%	6%	7%
Plásticos em formas primárias	1997-2003	27%	0%	37%	10%	4%	22%
	2017-2023	21%	11%	29%	13%	9%	17%
Máquinas e aparelhos especializados para indústrias	1997-2003	60%	1%	22%	13%	3%	1%
	2017-2023	40%	22%	23%	12%	3%	1%
Metais não-ferrosos	1997-2003	29%	1%	20%	3%	8%	38%
	2017-2023	20%	9%	3%	6%	18%	43%
Instrumentos, apar. profissionais, científicos e de verificação	1997-2003	38%	4%	40%	13%	3%	2%
	2017-2023	33%	15%	25%	15%	11%	1%
Outro material de transporte	1997-2003	54%	0%	37%	2%	4%	2%
	2017-2023	24%	28%	23%	13%	12%	0%
Produtos metálicos	1997-2003	46%	4%	27%	12%	4%	6%
	2017-2023	35%	29%	12%	15%	4%	5%
Ferro e aço	1997-2003	49%	2%	13%	13%	9%	14%
	2017-2023	33%	37%	6%	18%	3%	3%
Artigos manufaturados diversos	1997-2003	33%	13%	25%	12%	3%	14%
	2017-2023	24%	41%	12%	13%	5%	6%
Fios Têxteis, tecidos, artigos confeccionados e prod. relac.	1997-2003	19%	5%	14%	35%	4%	21%
	2017-2023	8%	58%	4%	21%	3%	7%
Máq. para escritório e máquinas autom. de processam. dados	1997-2003	17%	6%	45%	24%	7%	0%
	2017-2023	6%	52%	10%	25%	7%	0%
Produtos químicos inorgânicos	1997-2003	29%	5%	29%	2%	18%	17%
	2017-2023	22%	14%	35%	4%	16%	9%
Artigos de borracha	1997-2003	36%	1%	18%	23%	2%	19%
	2017-2023	22%	27%	13%	28%	4%	6%
Artigos de vestuário e seus acessórios	1997-2003	14%	35%	6%	25%	3%	17%
	2017-2023	6%	51%	1%	34%	3%	7%
Equipamentos metalúrgicos	1997-2003	67%	1%	14%	15%	1%	2%
	2017-2023	43%	23%	11%	22%	1%	0%
Aparelhos fotográficos, equip./suprim. e de ótica; relógios	1997-2003	26%	13%	34%	19%	3%	5%
	2017-2023	22%	47%	12%	17%	1%	0%

Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

O Quadro 6 apresenta a participação percentual de cada uma das seis regiões/países nas importações de 25 dos principais produtos, em termo de valor financeiro. Em diversos destes produtos, a China registrou relevante aumento na participação percentual das compras totais do Brasil, entre 1997-2003 e 2017-2023. Dos 13 produtos nos quais a China se tornou o principal ou um dos principais fornecedores, em termos de valores financeiros, os Estados Unidos e, principalmente, a Europa registraram reduções em suas participações nas importações. Dos 11 produtos classificados como Máquinas, Equipamentos e Veículos, a China passou a ser o principal fornecedor em seis, sendo que, em diversas dessas Máquinas, apresentou percentuais próximos e até superiores a 50%.

Destaca-se que, em termos de tonelagem de produtos importados, nos últimos sete anos, de 2017 a 2023, a China forneceu 84% do volume das importações de máquinas e aparelhos elétricos, 78% dos equipamentos de telecomunicações e 71% das máquinas para escritório e de processamento de dados.

No sentido de mostrar como foi a evolução do crescimento das importações provenientes da China e seu crescente predomínio em diversos mercados de produtos adquiridos pelo Brasil, ao longo do período, esta seção analisa, com base em uma série de gráficos, as importações de três produtos de Máquinas e Equipamentos (que concentraram 17,2% das importações totais de 2017-2023), veículos rodoviários, com 7% desse total, três Produtos Industriais Intermediários (10% das importações) e quatro produtos Industriais de Consumo (que somaram 5,8% das importações). Os gráficos apresentam a evolução do valor financeiro, dos volumes importados em termos de milhares de toneladas e a evolução do valor médio anual por toneladas importadas, das principais regiões/países fornecedores para cada um destes produtos em destaque, conforme os critérios apresentados na introdução da seção 4.2. Os 11 produtos analisados a seguir somaram 40% dos valores das importações dos últimos sete anos da série.

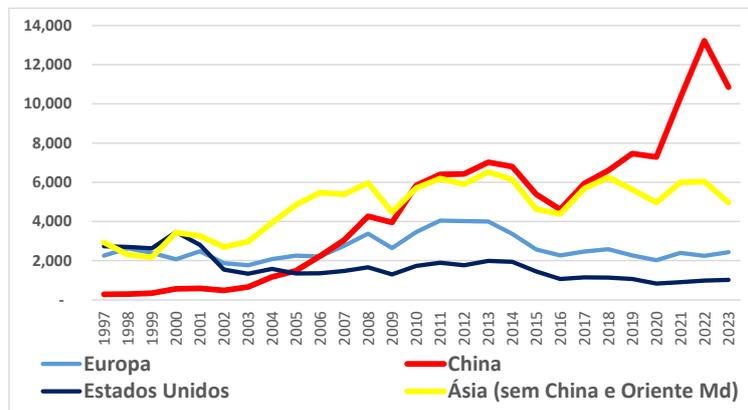
Ao analisar os gráficos, a seguir, pode-se perceber que para esses produtos, houve um forte predomínio das vendas da China, que apresentou significativa ascensão na segunda metade do período. É possível verificar também que, durante todo o período, os valores médios anuais, em dólares por toneladas, das mercadorias comercializadas com a China foram, predominante e destacadamente, menores ou entre os menores valores em relação a seus concorrentes.

6.1. Importações de Máquinas e Produtos Industriais Intermediários da China

6.1.1. Máquinas e aparelhos elétricos

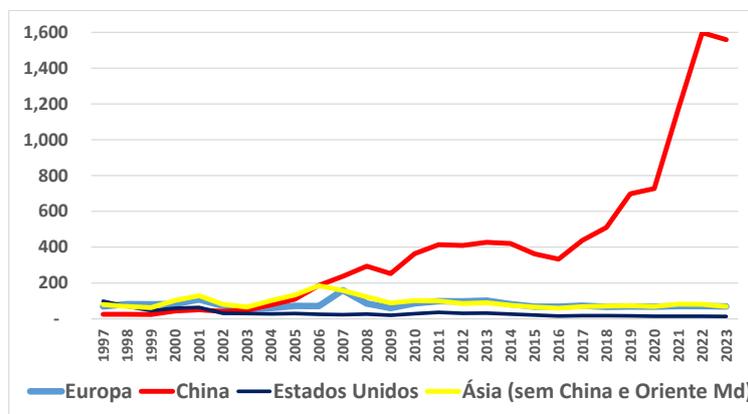
As importações de máquinas e aparelhos elétricos apresentou um pico de valor em 2013, com US\$ 20,8 bilhões, crescimento significativo principalmente a partir de 2020, representando 8,2% das importações totais de 2017 a 2023. Os gráficos 42 e 43 mostram um crescimento isolado das importações vindas da China, evidentemente o maior responsável pelo aumento total das importações do produto.

Gráfico 42: Importações de máquinas e aparelhos elétricos de quatro regiões/países - Valores em US\$ milhões corrigidos para 2023



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

Gráfico 43: Importações de máquinas e aparelhos elétricos de quatro regiões/países – volumes em milhares de toneladas

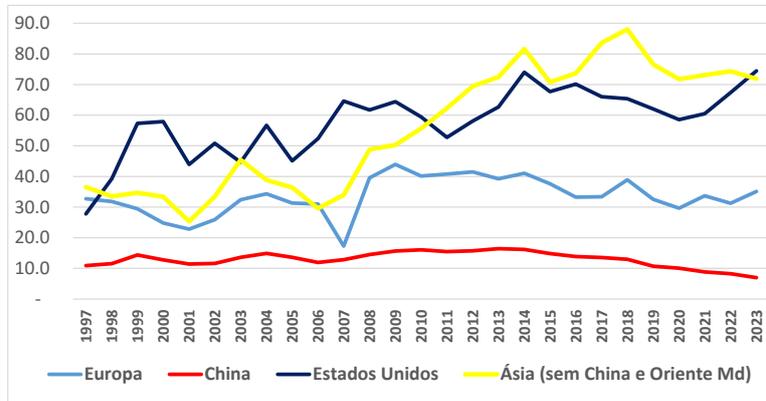


Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

No gráfico 44, apresenta os valores negociados, em US\$ milhões por milhares de toneladas, resultante da divisão dos valores totais negociados ao ano e as correspondentes

toneladas negociadas. Destacam-se os valores médios das importações de máquinas e aparelhos elétricos chineses, menores que os da Europa, EUA e Ásia ao longo do período.

Gráfico 44: Importações de máquinas e aparelhos elétricos – valores médios anuais por mil toneladas em US\$ milhões

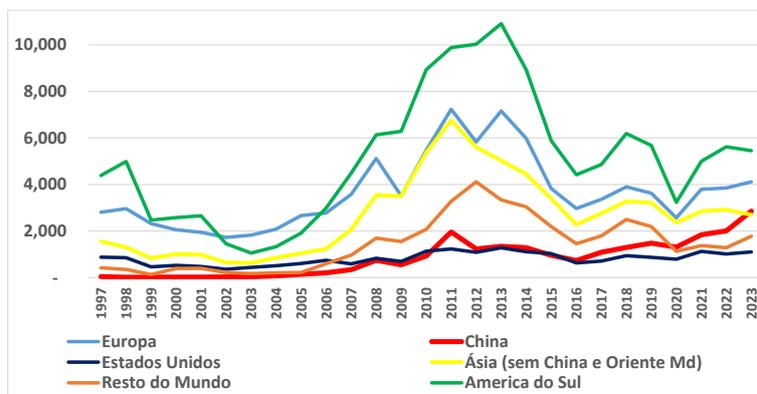


Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

6.1.2. Veículos rodoviários

No período analisado, o setor de veículos rodoviários apresentou uma fase de expansão dos valores de importação, de 2003 em diante, ano em somou US\$ 4,2 bilhões, até 2013, quando alcançou US\$ 30,3 bilhões, em valores corrigidos para 2023. A partir de então, foi reduzindo os valores, ao mínimo de US\$ 11,4 bilhões, em 2020, para se recuperar em 2023, quando somou US\$ 18 bilhões.

Gráfico 45: Importações de veículos rodoviários das seis regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023



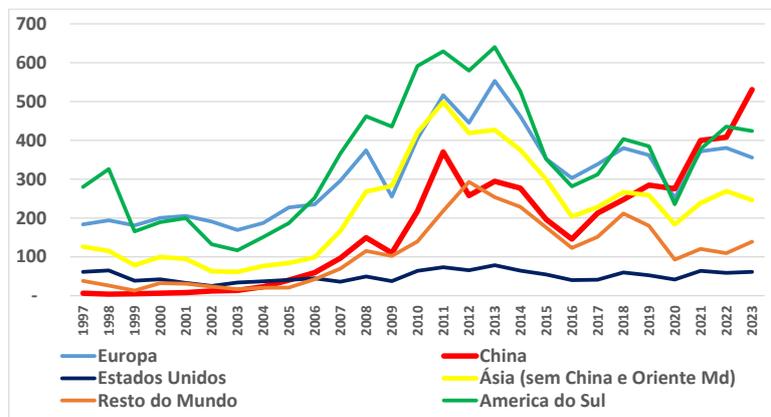
Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

No gráfico 45, com os valores importados de cada uma das seis regiões/países, destaca-se o crescimento das importações provenientes da América do Sul, de 2004 a 2013, valores que

nos anos posteriores não sendo reduzidos. Os valores das importações provenientes da China começam um crescimento em 2017, superando as vendas de veículos provenientes da Ásia (sem China e Oriente Médio) em 2023.

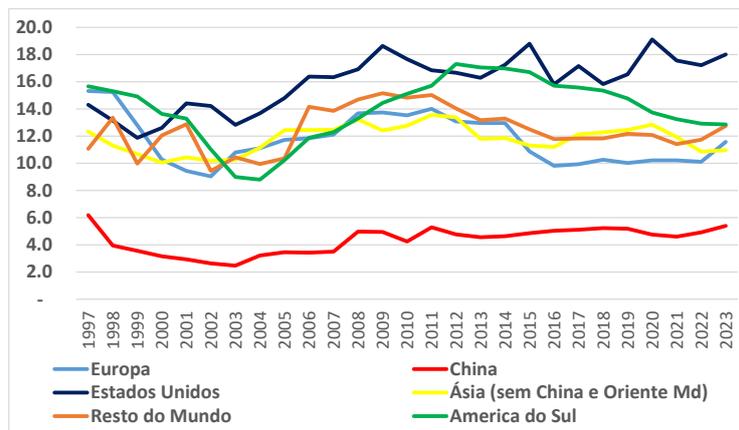
Contudo, o total anual de veículos importados da China em termos de toneladas não superando os volumes de veículos provenientes da Ásia, da Europa e da América do Sul, conforme mostrado no gráfico 46, passando a ser o maior fornecedor de veículos em termos de toneladas em 2023, apesar de, em termos de valores financeiros, conforme o gráfico 45, ainda estar abaixo de duas outras regiões concorrentes – Europa e América do Sul.

Gráfico 46: Importações de veículos rodoviários das seis regiões/países – volumes em milhares de toneladas



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

Gráfico 47: Importações de veículos rodoviários das seis regiões/países – valores médios anuais por mil toneladas em US\$ milhões



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

O gráfico 47 apresenta as curvas de valores médios anuais por toneladas de veículos importados das seis regiões/países. A evolução destes valores indica que as importações da

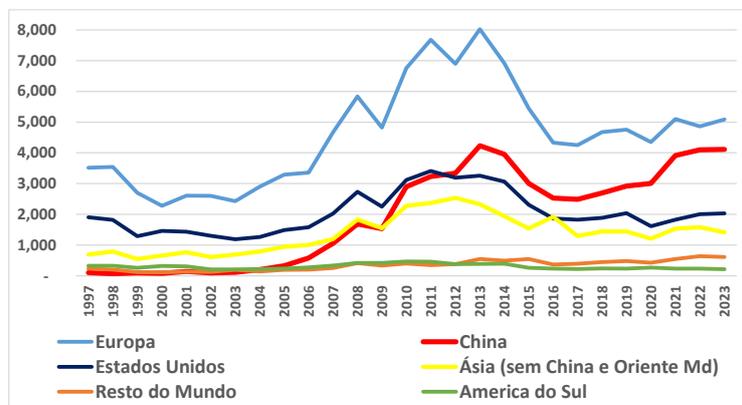
China apresentaram valores nítida e destacadamente inferiores aos dos importados das outras regiões/países. Tais valores baixos, refletem preços menores que a concorrência, podendo ter induzido a um aumento da participação dos veículos chineses no mercado brasileiro.

6.1.3. Máquinas em geral e equipamentos industriais e peças de máquinas

As importações de máquinas em geral e equipamentos industriais e peças de máquinas somaram 5,3% das importações totais de 2017 a 2023. Começar a aumentar em 2004, com US\$ 5,5 bilhões, alcançando o ápice em 2013, com US\$ 18,8 bilhões, para, nos anos seguintes se reduzir e se estabilizar nos três últimos anos, em pouco acima de US\$ 13 bilhões.

O gráfico 48 mostra que a China, a partir de 2010, ultrapassou a Ásia e, em 2013, os Estados Unidos, em termos de volumes financeiros importados, se aproximando dos valores adquiridos da Europa. As importações da Europa, entre 2010 e 2014, chegaram a concentrar 42% do mercado – US\$ 36,3 bilhões num mercado total de US\$ 85,7 bilhões, nestes cinco anos.

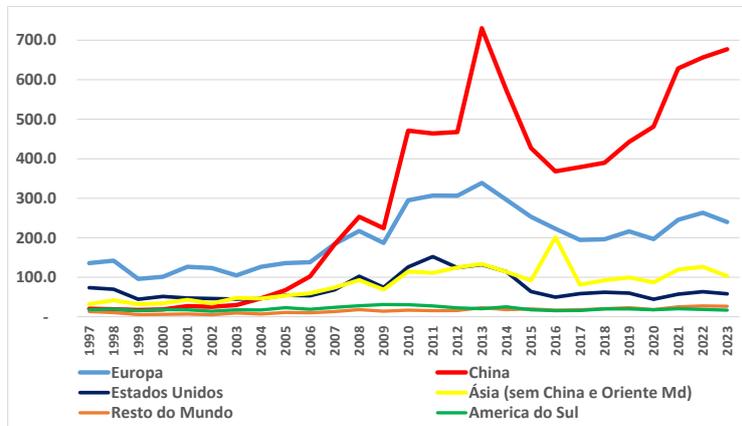
Gráfico 48: Importações de máquinas em geral e equipamentos industriais e peças de máquinas das seis regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

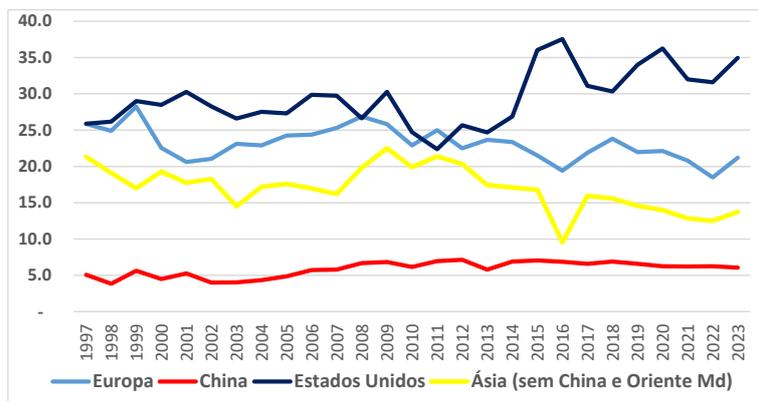
Contudo, pelo gráfico 49, que apresenta os dados em termos de volumes de tonelagem das importações, a China havia se tornado o principal fornecedor já em 2008, com volumes de tonelagem de máquinas importadas de 2010 a 2023 somando mais de 50% do total – 7.157 mil em um total de 14.065 mil toneladas. O gráfico 50 apresenta os valores médios por tonelada, com as importações da China apresentando valores médios destacadamente inferiores aos das importações provenientes das outras três maiores regiões/países de origem desta categoria de máquinas, equipamentos e peças.

Gráfico 49: Importações de máquinas em geral e equipamentos industriais e peças de máquinas das seis regiões/países – volumes em milhares de toneladas



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

Gráfico 50: Importações de máquinas em geral e equipamentos industriais e peças de máquinas das quatro principais regiões/países – valores médios anuais por mil toneladas em US\$ milhões

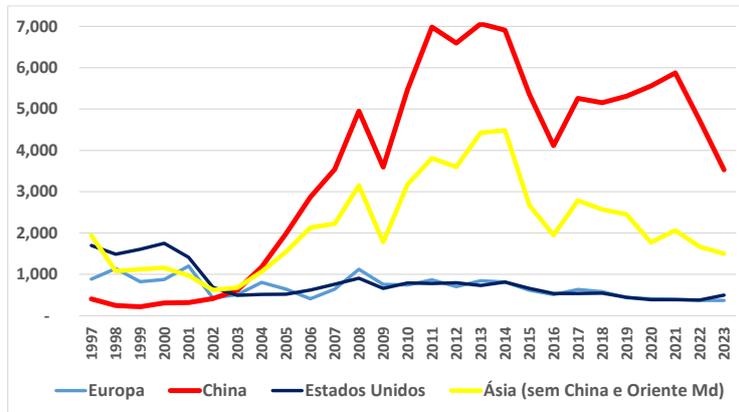


Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

6.1.4. Equipamentos de telecomunicações e de gravação e reprodução de som

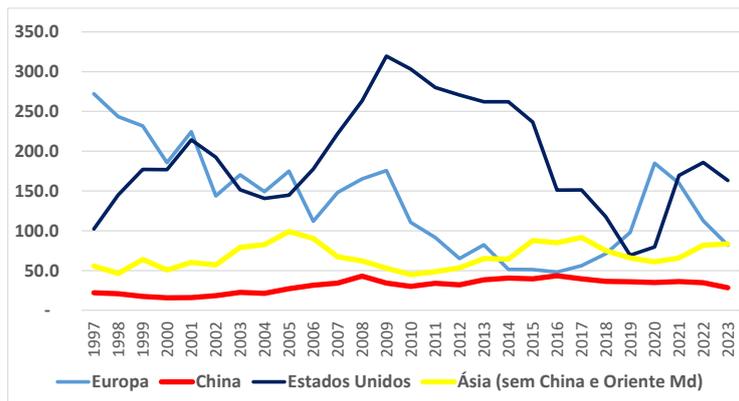
As importações de equipamentos e telecomunicações e de gravação e reprodução de som aumentaram de US\$ 2,5 bilhões anuais, em 2002 e 2003, para o patamar de US\$ 13 bilhões entre 2011 e 2014, para em seguida se reduzir e, em 2023, registrar US\$ 6,2 bilhões. Como mostrado no gráfico 51, o mercado de importados desses equipamentos tem sido crescentemente liderado pelos produtos chineses desde 2004. Entre 2011 e 2023, as importações chinesas somaram US\$ 72,4 bilhões, 56% das aquisições totais, de US\$ 130 bilhões.

Gráfico 51: Importações de equipamentos de telecomunicações e de gravação e reprodução de som de quatro regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

Gráfico 52: Importações de equipamentos de telecomunicações e de gravação e reprodução de som de quatro regiões/países - valores médios anuais por mil toneladas em US\$ milhões



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

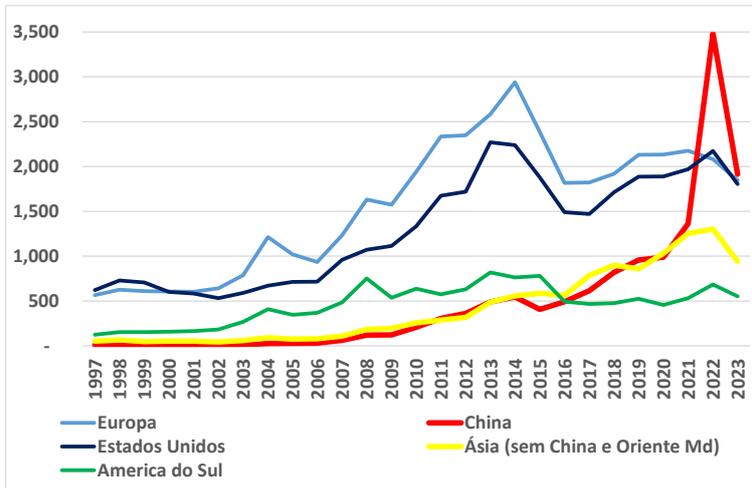
Mais um produto do segmento de Máquinas importadas, no qual a China apresentou, durante todo o período, valores médios, em dólares por toneladas, nitidamente inferiores aos dos produtos, deste mesmo segmento, adquiridos de outras regiões/países, conforme ilustrado no gráfico 52.

6.1.5. Materiais e produtos químicos

Pelo gráfico 53, em termos de valores financeiros, Europa e Estados Unidos eram destacadamente os maiores fornecedores até 2021. As importações da China e da Ásia (sem China e Oriente Médio) começam a crescer em 2010 até que, em 2022 as aquisições

provenientes da China apresentam grande crescimento, superando os valores importados dos dois antes maiores fornecedores.

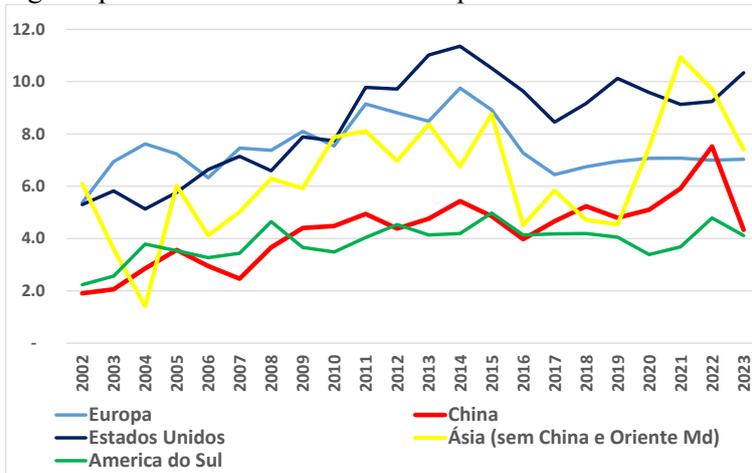
Gráfico 53: Importações de materiais e produtos químicos de cinco regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br

Elaboração do autor

Gráfico 54: Importações de materiais e produtos químicos de cinco regiões/países - valores médios anuais por mil toneladas em US\$ milhões



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br

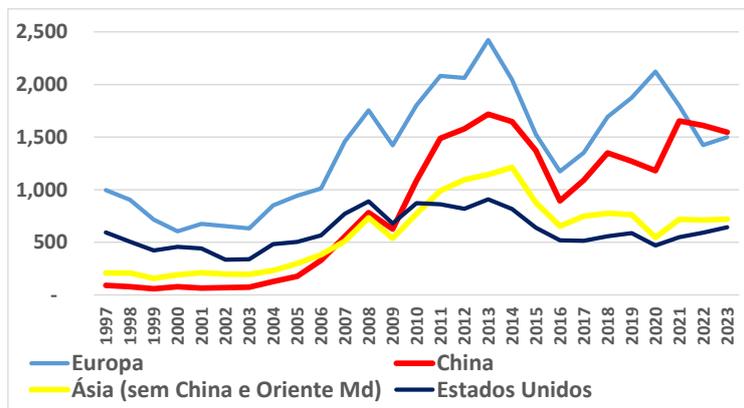
Elaboração do autor

Conforme mostrado no gráfico 54, da mesma forma que observado nas importações de Máquinas e Equipamento, tratadas nos itens 5.1.1 a 5.1.4, as importações chinesas, juntamente com as compras provenientes da América do Sul, de materiais e produtos químicos, apresentaram os menores valores de US\$ por toneladas adquiridas.

6.1.6. Produtos metálicos

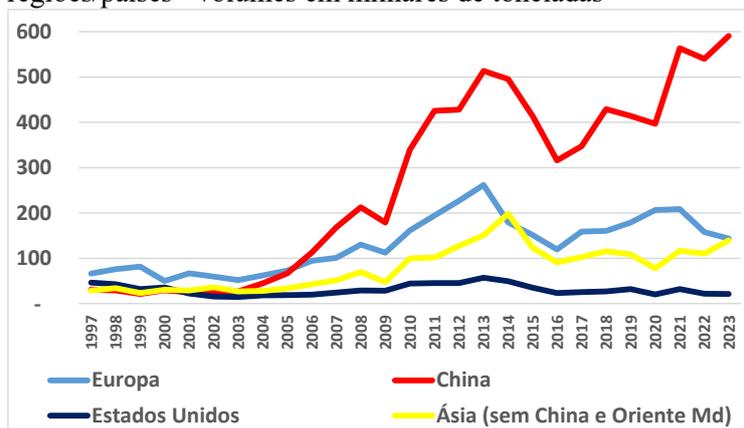
Pelo gráfico 55, em termos financeiros, as importações da China começam a crescer em 2005, superam as vendas da Ásia, em 2007, as dos Estados Unidos, em 2010, e em 2022 superam as compras provenientes da Europa. Contudo, em termos de volume em toneladas importadas, a China já era o maior fornecedor de produtos metálicos desde 2006 (gráfico 56).

Gráfico 55: Importações de produtos metálicos de quatro regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

Gráfico 56: Importações de produtos metálicos de quatro regiões/países - volumes em milhares de toneladas

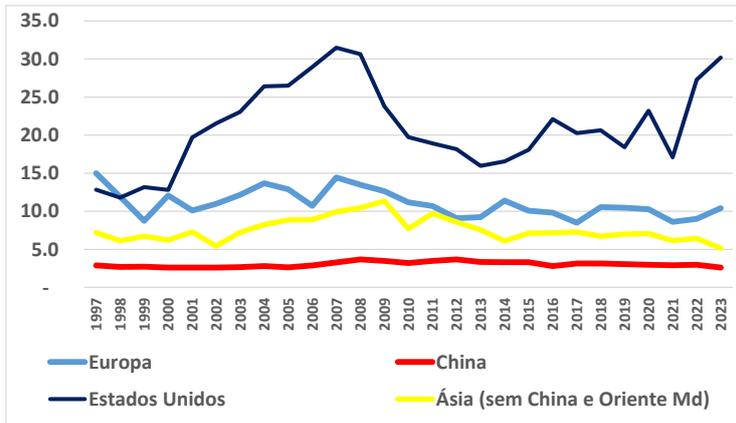


Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

Durante todo o período, os valores médios por tonelada das importações chinesas se situaram constantemente bem abaixo dos valores médios das importações provenientes das outras fontes de fornecimento, como mostrado no gráfico 57. Destaca-se que a participação de mercado da China, em termos financeiros, que em 1997 a 2003 era de 4% a 5%, começa a

aumentar, para alcançar 25% em 2011, patamar que se estabilizou até 2020, para voltar a aumentar e alcançar 32% a 34% nos últimos três anos.

Gráfico 57: Importações de produtos metálicos de quatro regiões/países - valores médios anuais por mil toneladas em US\$ milhões

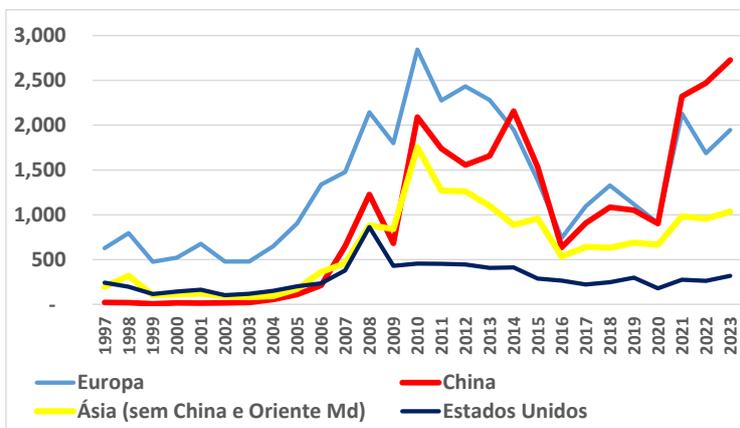


Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

6.1.7. Ferro e aço

Pelo gráfico 58, em 2007 as importações de ferro e aço provenientes da China começaram a aumentar, em termos de valores financeiros, superando as compras vindas da Ásia (sem China e Oriente Médio) e dos Estados Unidos. Neste mesmo ano, os valores médios por tonelada das importações da China passam ao registrar os menores níveis, em relação aos concorrentes, assim permanecendo até o final do período analisado, conforme o gráfico 59.

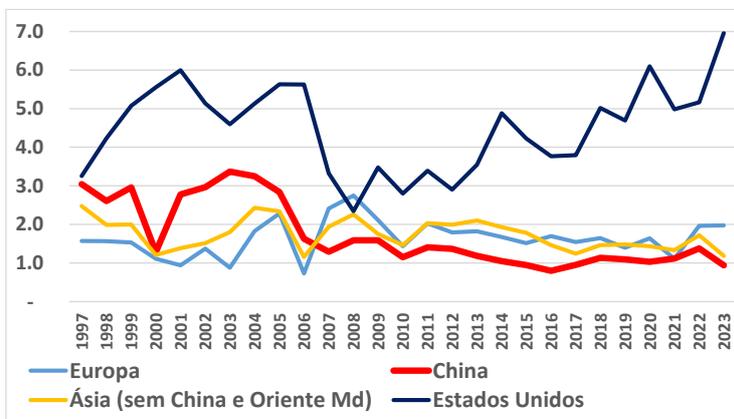
Gráfico 58: Importações de ferro e aço de quatro regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

As importações de ferro e aço registraram um aumento considerável entre os anos 2006 e 2010, saindo de um nível de US\$ 1 bilhão à US\$ 2 bilhões, para elevar-se a US\$ 8 bilhões neste último ano. Neste período, as vendas provenientes da Ásia (sem China e Oriente Médio), China e, principalmente Europa se elevaram e concentraram as vendas externas deste produto. Contudo, entre os 2014 e 2023, a China veio a superar as vendas provenientes da Europa, em termos de valores financeiros, período em que manteve seus valores médios anuais por tonelada negociada inferiores aos valores das vendas de seus principais concorrentes, Ásia e Europa.

Gráfico 59: Importações de ferro e aço de quatro regiões/países - valores médios anuais por mil toneladas em US\$ milhões



Fonte: MDIC – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

6.1.8. Impactos positivos das importações de insumos produtivos da China – Máquinas e Equipamentos e Produtos Industriais Intermediários – sobre a competitividade brasileira

Conforme abordado, o Brasil passou a importar da China uma variada gama de produtos, entre estes destacando-se máquinas e equipamentos e produtos industriais intermediários analisados nas seções 5.1.1 a 5.1.7. Nestes dois segmentos de insumos produtivos, as crescentes e dominantes importações provenientes da China apresentaram valores médios em dólares por tonelada nitidamente inferiores aos provenientes das outras regiões/países, principalmente com relação aos valores médios apresentados pelos produtos importados da Europa e dos EUA, conforme os dados apresentados nos gráficos 44, 50, 52, 54, 57 e 59. As três categorias de máquinas e as três categorias de produtos industriais intermediários, destacados nos gráficos, são utilizados nos processos produtivos industriais e de diversos outros setores da economia. As importações destes produtos somam, respectivamente, 17,2% e 7,7%, ou seja, praticamente 25% das importações totais.

Estes valores médios dos produtos chineses, continuamente inferiores em relação aos produtos do mesmo segmento provenientes das outras regiões/países, muito possivelmente, contribuíram para o aumento da participação da China na pauta de importações brasileiras destes recursos produtivos, conforme mostram os gráficos 42/43, 48/49, 51, 53, 55/56 e 58 mostram, em todos, evoluções predominantemente crescentes em termos de valores financeiros totais e de volumes, em milhares de toneladas, caracterizando seu predomínio paulatino sobre tais importações.

Importações a preços muito competitivos geram indiscutíveis efeitos negativos sobre as empresas nacionais que concorrem ou potencialmente poderiam concorrer, diretamente no Brasil ou em mercados de seus parceiros mais tradicionais, na comercialização destes produtos. Contudo, é possível inferir, também, que o acesso da economia brasileira, inclusive de empresas industriais, a recursos produtivos importados adquiridos da China a valores (preços) médios notadamente inferiores aos valores praticados pelos fornecedores mais tradicionais, como os provenientes da Europa e dos Estados Unidos, pode estar gerando impactos positivos, através da redução de custos da estrutura produtiva e dos insumos de produção, em linha com o que argumentou Altemani, em seu artigo tratado na revisão da literatura¹³.

6.2. Composição das importações de Produtos Industriais de Consumo e os quatro produtos que a China passou a ser o principal ou um dos principais fornecedores

Sobre os valores importados de Produtos Industriais de Consumo, em dólares corrigidos para 2023, estes evoluíram, conforme o gráfico 17, de um patamar médio de US\$ 10 bilhões, entre 1997 e 2004, para mais do que triplicarem em sete a dez anos, alcançando um nível máximo em torno de US\$ 32 bilhões, entre 2011 e 2014. Nos anos seguintes vão sendo reduzidas, para voltar e subir e novamente e se estabilizar, nos últimos três anos – período pós-pandemia – em torno de US\$ 29 bilhões. Ou seja, os valores praticamente triplicaram nos últimos anos, em relação aos 10 anos iniciais, antes do comércio com a China ter adquirido relevância na pauta do comércio internacional do Brasil.

¹³ Conforme trechos destacados na seção 1.2. acima, do Referencial Bibliográfico, sobre o artigo de Altemani de Oliveira: “(...) o Brasil, por sua vez, concentra as importações provenientes da China em produtos eletroeletrônicos e em máquinas e aparelhos mecânicos que, parcialmente, estão sustentando a retomada do desenvolvimento industrial brasileiro”; no mesmo sentido, o artigo de Altemani cita trecho de publicação de “*Sennes e Barbosa (2011, página 133)*”, no qual destaca que a China seria um ‘fornecedor de insumos baratos que elevam a competitividade dos produtos brasileiros (tanto para o próprio mercado doméstico como para exportação)’.”

Comparando com o expressivo aumento dos valores das exportações no período, as importações de Produtos Industriais de Consumo oscilaram em torno de 6% a 12% do total das exportações, sendo que de 2017 a 2023 se estabilizaram em torno de 9% das vendas externas.

6.2.1. Composição das importações de Produtos Industriais de Consumo: farmacêuticos e outras quatro categorias de produtos somam 91% das importações, de 1997 a 2023

Para um melhor entendimento das importações dos Produtos Industriais de Consumo nos últimos anos, o quadro 7 apresenta o peso percentual dos 11 itens no Grupo, no período 1997 a 2023. É evidenciado o destaque de produtos farmacêuticos e medicinais, com 41%, cujas origens das importações foram predominantemente da Europa, como mostrado no gráfico 60.

Quadro 7: Participação percentual dos 11 itens dos Produtos Industriais de Consumo no total importações, no período de 2017 a 2023, últimos sete anos do período pesquisado

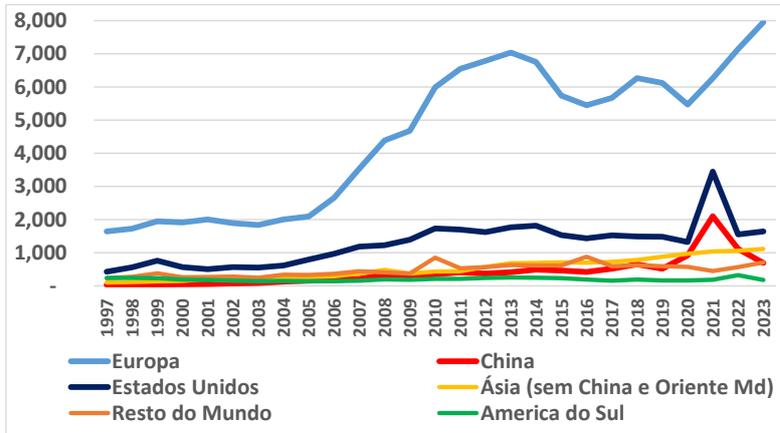
Os 11 itens do grupo Produtos Industriais de Consumo, entre os 66 itens do CUCI Divisão	Peso %
Produtos farmacêuticos e medicinais	41.1%
Artigos manufaturados diversos	16.8%
Fios Têxteis, tecidos, artigos confeccionados e produtos relacionados	15.5%
Artigos de borracha	9.9%
Artigos de vestuário e seus acessórios	8.3%
Móveis e suas partes; roupas de cama, colchões, suportes de colchão, almofadas e semelhantes	3.1%
Artigos de viagem, bolsas e artefatos semelhantes	1.7%
Calçados	1.6%
Construções pré-fabricadas; sanitários, canalização, aquecimento e iluminação, acessórios	1.4%
Manufaturas de cortiça e madeira (exceto mobiliário)	0.3%
Couro, couro e peles finas vestidas	0.2%

Fonte: MDIC – comexstat.mdic.gov.br

Elaboração do autor

O valor das importações de produtos farmacêuticos e medicinais elevaram-se de um patamar de US\$ 3 bilhões, nos primeiros anos do período, para US\$ 12,5 bilhões nos últimos três anos, aumentando em mais de quatro vezes.

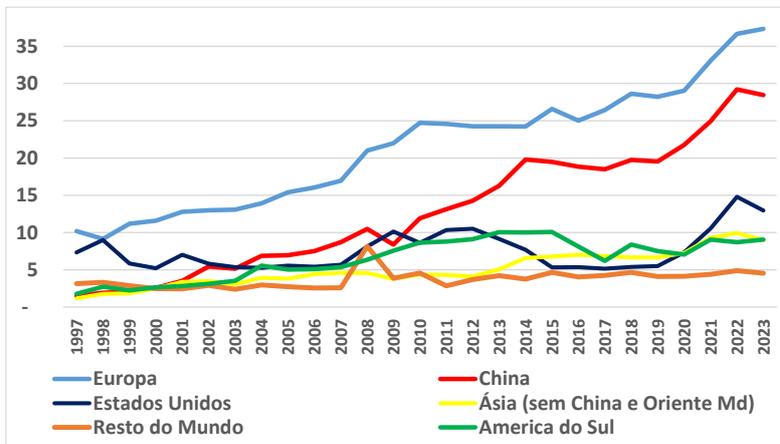
Gráfico 60: Importações de farmacêuticos e medicinais das seis regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

Apesar do destaque dos produtos farmacêuticos e medicinais provenientes da Europa, em termos de valores, as importações deste item provenientes da China apresentaram tendência crescente, desde 2002, que se acentuou a partir de 2011, conforme o gráfico 61.

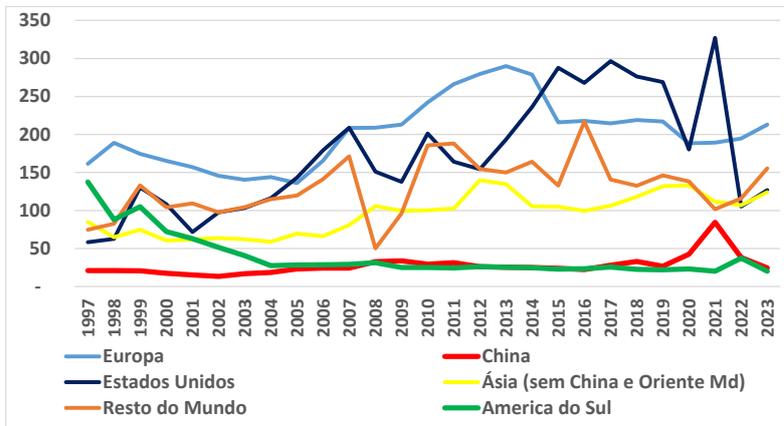
Gráfico 61: Importações de farmacêuticos e medicinais das seis regiões/países – volume em milhares de toneladas



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

Pelo gráfico 62, é observável que o valores médios anuais por tonelada de produtos farmacêuticos e medicinais provenientes da China foram os menores, durante todo o período, junto com as importações da América do Sul. Contudo, foram as importações chinesas que apresentaram destacada tendência crescente em termos de volumes importados, subindo de duas mil toneladas nos primeiros anos para 28 mil toneladas em 2023, apesar das importações provenientes da Europa ainda predominarem na pauta destas compras brasileiras.

Gráfico 62: Importações de farmacêuticos e medicinais das seis regiões/países - valores médios anuais por mil toneladas em US\$ milhões



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br

Elaboração do autor

6.2.2. Produtos Industriais de Consumo que a China passou a ser o principal ou um dos principais fornecedores, junto com o restante da Ásia

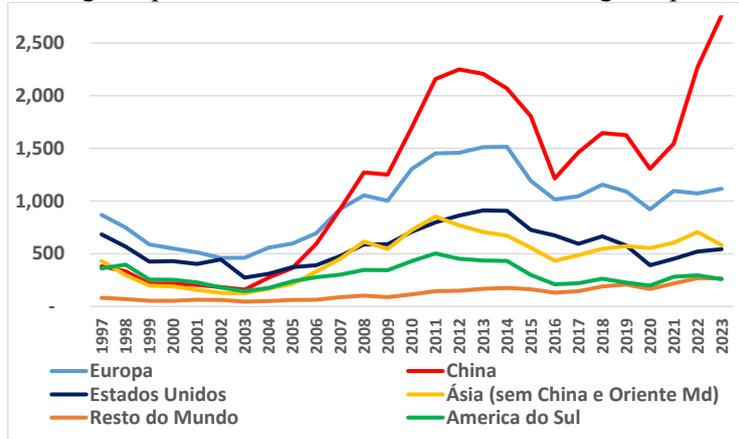
Com relação aos outros quatro itens dos Produtos Industriais de Consumo, que concentraram 50% das importações deste Grupo entre 1997-2023 - artigos manufaturados diversos, artigos de borracha, fios têxteis e tecidos e artigos de vestuário -, a China apresentou curvas crescentes de vendas a partir de 2004 e passou a ser o principal ou um dos principais importadores.

Nestes quatro itens, a China passou a apresentar um predomínio nas importações, em termos de valores e, principalmente, com relação aos volumes comercializados, apresentando, também, os menores ou entre os menores valores médios por tonelagem importada, entre os concorrentes, conforme a divisão dos valores financeiros pelos volumes. Possivelmente, a atratividade dos preços chineses, relativamente mais baixos, conforme os resultados obtidos pela pesquisa, pode ter sido um fator que reforçou a expansão das importações totais chinesas.

6.2.2.1. Artigos manufaturados diversos

Desde 2008, a China havia superado a Europa em termos de importações de artigos manufaturados diversos, mantendo uma evolução crescente até 2012, como mostrado no gráfico 63. Posteriormente, as importações de artigos manufaturados diversos registraram acentuada queda, em especial as chinesas, mas voltando a subir fortemente em 2022 e 2023. Apesar do ajuste sofrido em 2012-2016, o predomínio das vendas chinesas a partir de 2017 foi crescente. No período 2017-2023, a China concentrou 41% dos valores de importações desse item.

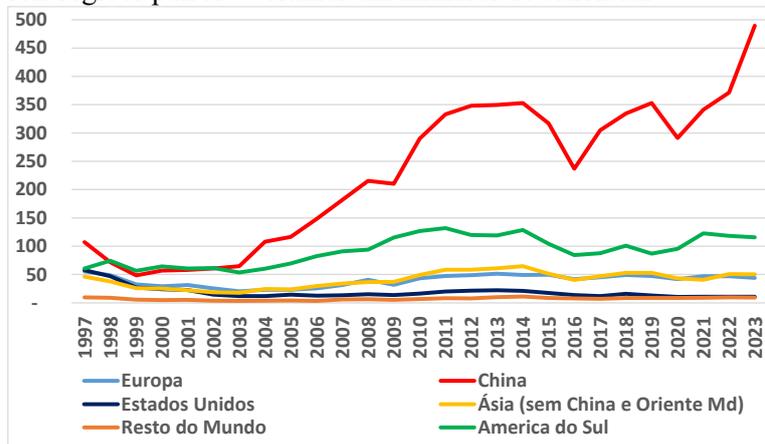
Gráfico 63: Importações de artigos manufaturados diversos das seis regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br / Elaboração do autor

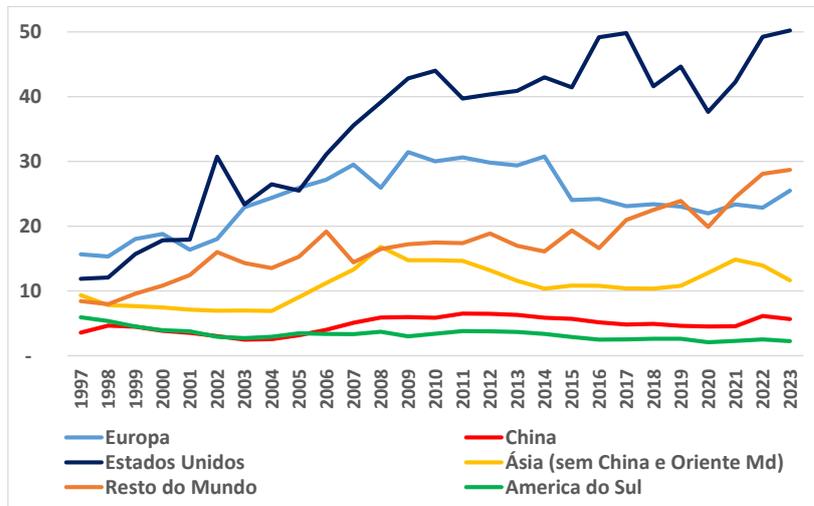
Em termos de volume, o predomínio das importações chinesas é mais evidente, pois apresenta uma curva predominantemente crescente, apesar das oscilações, como mostrado no gráfico 64. A título de ilustração, entre 2017 e 2023, o volume de vendas da China somou 62% do volume total importado no período.

Gráfico 64: Importações de artigos manufaturados diversos das seis regiões/países - volumes em milhares de toneladas



Este fluxo continuamente crescente, indica o aumento da predominância dos produtos chineses neste segmento de importações, e pode ter sido motivado pelo fator preço dos produtos chineses. O gráfico 65 mostra que o valor médio anual por tonelada dos produtos chineses é bem inferior aos dos produtos europeus, só superando a média dos valores dos produtos importados da América do Sul.

Gráfico 65: Importações de artigos manufaturados diversos das seis regiões/países - valores médios anuais por mil toneladas em US\$ milhões

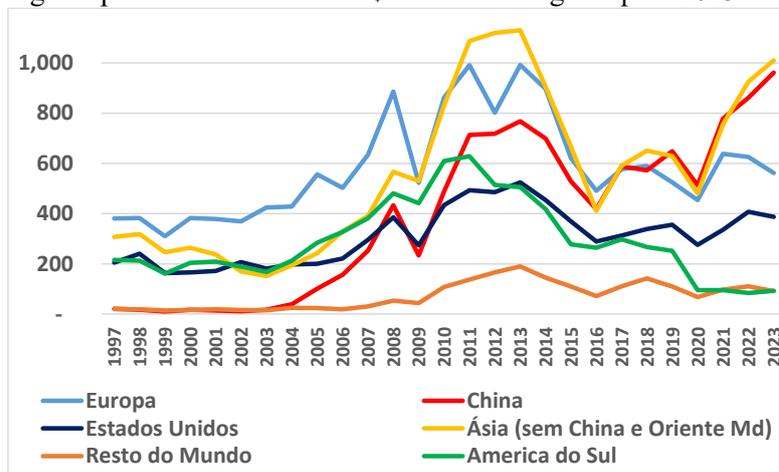


Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

6.2.2.2. Artigos de borracha

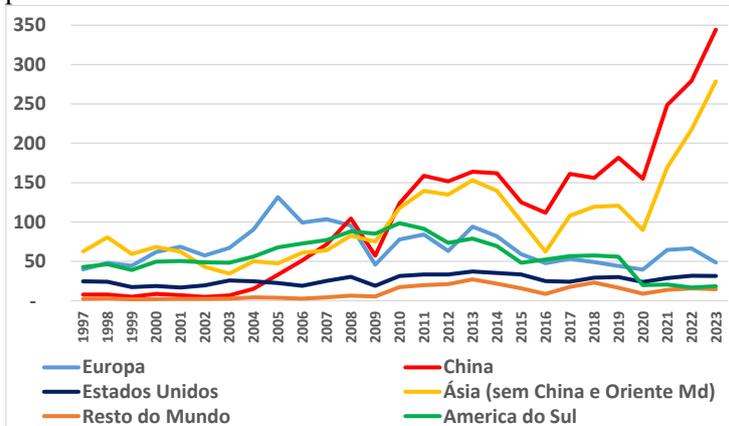
Nas importações de artigos de borracha, os produtos da Ásia (sem China e Oriente Médio) é que se destacaram, superando as importações da Europa a partir de 2011, como mostrado no gráfico 66. As importações da China também foram predominantemente crescentes, desde 2005. Entre 2016 e 2020, os valores importados da Europa, China e Ásia oscilaram em níveis próximos, para depois, em 2021 a 2023, as importações da Ásia e da China superarem as europeias. Contudo, em termos de volume, as importações da China já haviam superado os produtos de borracha provenientes da Europa e da Ásia desde 2011, mantendo-se superior até 2023, como mostrado no gráfico 67.

Gráfico 66: Importações de artigos de borracha das seis regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

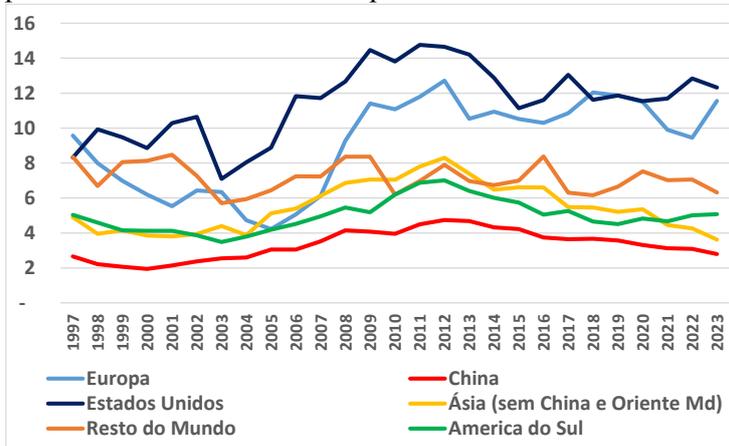
Gráfico 67: Importações de artigos de borracha das seis regiões/ países - volumes em milhares de toneladas



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

A evolução crescente dos valores e, destacadamente, dos volumes de importações chinesas, também nos produtos de borracha, também foi acompanhado por relativamente baixos valores médios por tonelada importada da China.

Gráfico 68: Importações de artigos de borracha das seis regiões/ países - valores médios anuais por mil toneladas em US\$ milhões

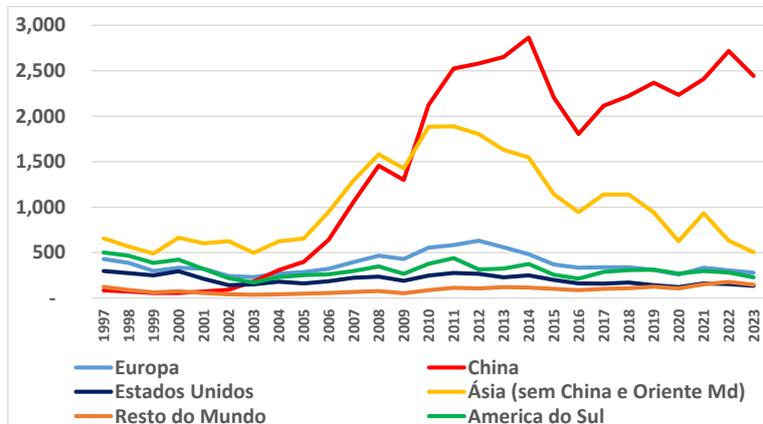


Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

6.2.2.3. Fios têxteis, tecidos e artigos confeccionados e artigos de vestuário

As importações de fios têxteis, tecidos e artigos confeccionados (“têxteis”) e de artigos de vestuário (“vestuário”) são vinculadas, pela proximidade e interseção de seus mercados.

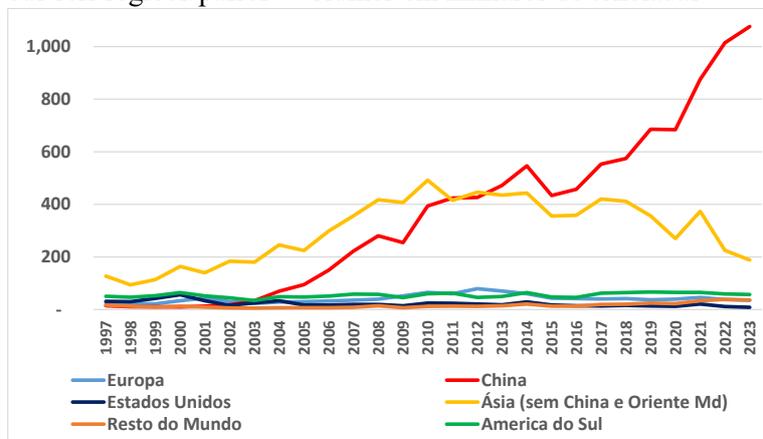
Gráfico 69: Importações de têxteis, tecidos e artigos confeccionados das seis regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

Sobre as importações de têxteis, os valores financeiros totais registraram evolução abaixo da média, aumentando 2,5 vezes entre 1997-2003 e 2017-2023. Apesar disso, nos últimos sete anos, a China passou a concentrar, em média, 58% dos valores financeiros totais destas importações, enquanto as importações da Ásia (sem China e Oriente Médio), que nos primeiros anos da série eram os líderes, registraram constante queda a partir de 2010, conforme o gráfico 69. Em termos de volumes importados de produtos têxteis (gráfico 70), as 16 mil toneladas de produtos fornecidos pela China, em 1997-2003, aumentaram para 781 mil toneladas, em média, nos últimos sete anos, tendo as importações deste país representado 62% do volume total, enquanto as importações da Ásia foram reduzidas para 25%.

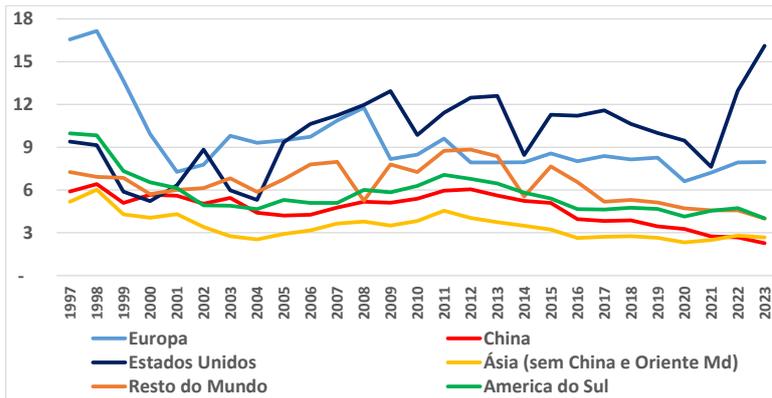
Gráfico 70: Importações de têxteis, tecidos e artigos confeccionados das seis regiões/países - volumes em milhares de toneladas



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

As importações chinesas de produtos têxteis passaram a liderar este mercado, apesar da concorrência de outros países asiáticos, que apresentaram valores médios anuais de importação por tonelada menores que os, já relativamente baixos, valores médios por tonelada dos produtos chineses, ao longo de praticamente todo o período, conforme observável no gráfico 71.

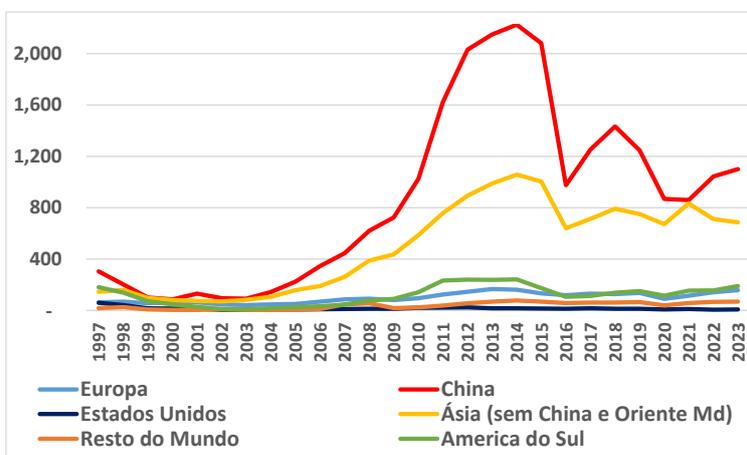
Gráfico 71: Importações de têxteis, tecidos e artigos confeccionados das seis regiões/países - valores médios anuais por mil toneladas em US\$ milhões



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br / Elaboração do autor

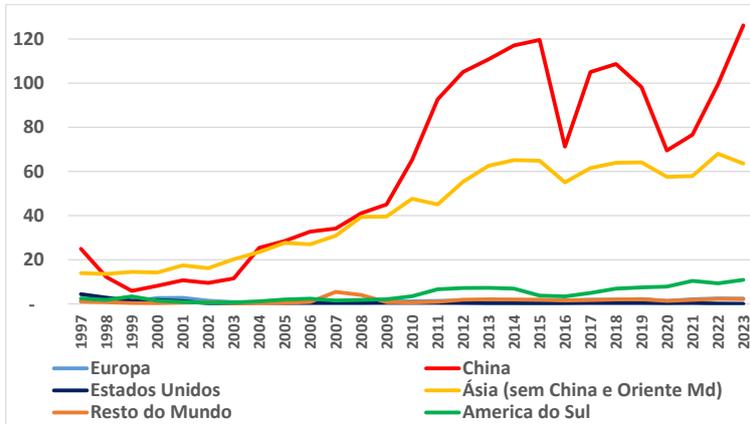
Com relação às importações de artigos de vestuário, também é observável o predomínio das vendas chinesas, acompanhadas também, em segundo plano, pelas importações de outros países asiáticos, como mostrado nos gráficos 72 e 73. Os valores financeiros e os volumes totais foram multiplicados em mais de cinco vezes, entre 1997-2003 e 2017-2023, sendo que a China e o restante da Ásia concentraram 83% dos valores financeiros e 94% dos volumes importados, nos últimos sete anos.

Gráfico 72: Importações de artigos de vestuário das seis regiões/países - valores em US\$ milhões corrigidos para 2023



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br
Elaboração do autor

Gráfico 73: Importações de artigos de vestuário das seis regiões/países - volumes em milhares de toneladas

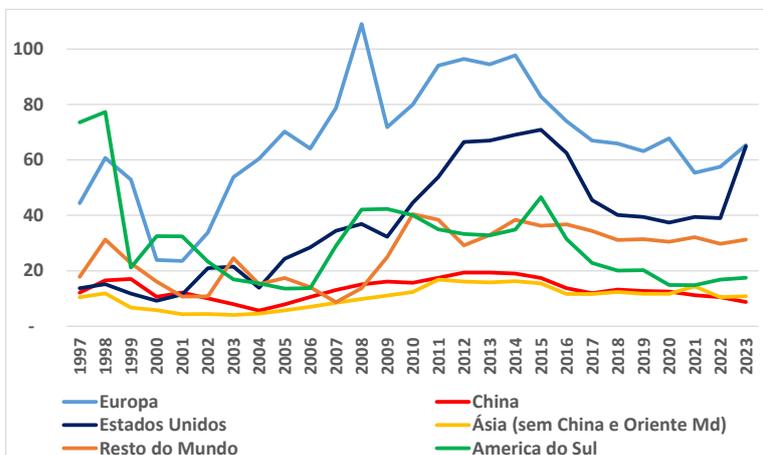


Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br

Elaboração do autor

Também neste produto, as importações chinesas e do resto da Ásia apresentaram os menores valores médios anuais por tonelada importada em todo o período analisado, o pode ter refletido na predominância das importações destes países para o mercado brasileiro, como mostrado no gráfico 74.

Gráfico 74: Importações de artigos de vestuário das seis regiões/países - valores médios anuais por mil toneladas em US\$ milhões



Fonte: MDCI – comexstat.mdic.gov.br

Elaboração do autor

6.2.2.4. O aumento de importações de fios têxteis, tecidos e artigos confeccionados e das exportações de fibras têxteis e a queda das exportações de fios têxteis do Brasil

É possível traçar uma relação entre o crescimento das importações dos dois produtos analisados acima – produtos têxteis e artigos de vestuário – com a expressiva queda no valor

das exportações brasileiras de Fios Têxteis, Tecidos e Artigos Confeccionados, de 46%, entre 1997-2003 e 2017-2023, conforme a tabela 2 e o gráfico 38. As exportações da indústria de Fibras Têxteis e Resíduos registrou um crescimento real nas vendas de 1.195%, conforme a tabela 2, sendo que a China passou a ser um dos maiores compradores juntamente com a Ásia, como ilustrado no gráfico 37.

Uma possível conexão entre as importações e exportações destes produtos, é que as maiores vendas de fibras têxteis do Brasil para a China estariam alimentando com matérias primas sua indústria de produtos têxteis e as decorrentes maiores vendas destes produtos, com maior valor agregado, para o Brasil. O aumento da produção chinesa estaria aumentando a concorrência externa, dentro do Brasil, neste segmento e afetando negativamente as exportações brasileiras de fios têxteis e tecidos. Este seria um exemplo de impacto negativo das relações comerciais com a China sobre um setor da indústria brasileira.

Deve-se levar em conta que, com o aumento das relações comerciais com a China e o significativo aumento dos valores exportados do Brasil para este país, a ampliação destas relações comerciais podem ter induzido, como contrapartida, ao aumento das importações provenientes deste país, tendência que, certamente, foi reforçada pelos relativamente valores médios por tonelada dos produtos chineses.

7. CONCLUSÃO

Através dos levantamentos feitos pela presente pesquisa, foi possível chegar a certas conclusões sobre a evolução da balança comercial brasileira ao longo do período de 1997 a 2023 e os efeitos do grande aumento das relações comerciais do Brasil com a China, e que, algumas delas, confirmam apontamentos da literatura sobre o assunto.

A primeira e mais evidente é que a China foi o maior responsável pelos crescentes e destacados superávits comerciais, iniciados em 2015 e que alcançaram sua máxima histórica de US\$ 98,8 bilhões em 2023, sendo 52% do superávit esse ano vindo das relações com o gigante asiático. As exportações para a China foram destaque: em 2016, a China passou a superar até mesmo o total exportado para toda a Europa, despontando a partir de então como o principal comprador do Brasil.

Além disso, desde a crise de 2008, as relações comerciais do Brasil com Estados Unidos e Europa já apresentavam uma tendência deficitária, o que significou uma reversão no histórico da relação com os países desenvolvidos do Ocidente. Isso fez com que a aproximação com a China passasse a ser ainda mais importante.

Nos anos posteriores a 2009, houve uma intensificação da tendência, já existente, de aumento das exportações de agropecuários e da indústria extrativa. Esse aumento se direcionou em grande parte à China, mas também para o restante da Ásia e ao Resto do Mundo. Por outro lado, chama a atenção que as exportações de agropecuária para a Europa, que se elevaram até 2008, posteriormente foram se reduzindo, o que reforça a tese de Altemani sobre a perda de protagonismo das relações comerciais com os países desenvolvidos.

Foi observado, também, que o superávit comercial com a China se concentrou no grande aumento das exportações de dois produtos agropecuários e de dois produtos da indústria extrativa, os quatro concentrando 48% do valor das exportações totais entre 2017 e 2023. Em relação a isso, conforme o trabalho do IPEA de 2022, tratado no item 2.4, há uma busca de cooperação entre os dois países no sentido de aumentar a diversificação da pauta de exportação de produtos da agropecuária.

Como exemplo da força concentrada das exportações brasileiras em determinados produtos, destaca-se as exportações de sementes e frutos oleaginosos (soja) que continuaram com forte ritmo de expansão, acumulando um crescimento de 777% do começo para o final do período. Sendo que a China, de 2017 a 2023, teria concentrado 74% das exportações desse

produto, que somou 13,8% do total de exportações. Entretanto, sobre a concentração das exportações em commodities, principalmente agrícolas, o artigo de Altemani chama atenção para o fato de que a capacidade agrícola brasileira foi possibilitada também pelas máquinas e insumos industriais, de forma que o agronegócio representasse uma conexão entre a agricultura e a indústria. Ou seja, a capacidade industrial do Brasil teria sido essencial para viabilizar uma expansão da produção agrícola, da magnitude da ocorrida nestes 27 anos.

As exportações brasileiras de Máquinas, Equipamentos e Veículos apresentaram, entre 2004 e 2008, uma nítida tendência de expansão, mais do que dobrando de US\$ 24 para US\$ 58 bilhões. Porém, tais exportações passaram a registrar consecutivas quedas nos anos subsequentes. Esta evolução parece estar em linha com o que Sugimoto e Diegues comentam sobre o “Efeito China”, que, no período anterior à crise de 2008, teria possibilitado a América do Sul adquirir produtos industriais brasileiros com as reservas obtidas com as exportações para a China. Porém, nos anos subsequentes à crise, o “Efeito China” teria gerado impacto inverso, em função da maior capacidade ociosa da indústria chinesa e o aumento da concorrência direta dos produtos chineses nos mercados que os produtos brasileiros, anteriormente, encontravam mais espaço para suas exportações. Pelos dados levantados na pesquisa, houve uma nítida redução das exportações dos cinco itens de Máquinas, Equipamentos e Veículos que o Brasil, no período de 2004 a 2008, havia apresentado destacado crescimento de vendas externas. Foram verificadas, a partir de 2009, quedas das exportações destes produtos com maior conteúdo tecnológico, para a Europa, o Resto do Mundo e, especialmente, para a América do Sul.

Nas importações, a China se tornou também um importante parceiro, passando a ser o principal fornecedor de máquinas e equipamentos e se aproximando da Europa nas importações de produtos industriais intermediários e de consumo. Como fator de reforço desse comércio, chamou a atenção a redução gradual dos custos de frete e seguro das importações provenientes da China, que caiu de 11% em 1997 para 4% em 2019, se aproximando dos custos do comércio com as outras regiões, o que facilitou as transações com o Brasil.

A China, de maneira geral, vendeu suas mercadorias pelos menores valores médios anuais por tonelada ao longo de praticamente todo o período, o que pode estar relacionado diretamente aos seus crescentes valores e volumes de venda ao longo do tempo. Sobre esse assunto, Altemani destaca que o acesso a máquinas, equipamentos e insumos produtivos chineses, menos custosos, teria elevado a competitividade dos produtos brasileiros. O dinamismo do crescimento das vendas chinesas fez com que o país passasse a registrar participações próximas ou acima de 50% das importações de diversos itens do grupo de

máquinas e equipamentos. Chamou ainda mais atenção, o significativo crescimento do volume de vendas em toneladas de diversas máquinas e produtos industriais intermediários chineses.

Um outro possível efeito negativo sobre a indústria foi o impacto do comércio da China relacionado ao setor têxtil. Se por um lado, as exportações de fibras, produto mais básico do setor, aumentaram para US\$ 3,2 bilhões ao longo de todo o período, as exportações de fios têxteis e tecidos, que tinham se elevado no período de 2004 a 2008 para US\$ 2 bilhões, reduziram para US\$ 869 milhões nos últimos anos. Ou seja, houve uma redução da venda de um produto com maior valor agregado e aumento de um com menor valor. Completando esse quadro, foi também verificado um grande aumento, de US\$ 2,4 bilhões, das importações de fios têxteis e tecidos provenientes principalmente da China e da Ásia, ao longo do período analisado, significando uma perda adicional de mercado nesse setor.

Em suma, as exportações direcionadas aos parceiros tradicionais – Europa, Estados Unidos e América do Sul – principalmente de produtos industriais, foram fortemente reduzidas nos anos posteriores a crise de 2008 e não voltaram a se recuperar. O significativo aumento das exportações de commodities para a China foi responsável por gerar o necessário saldo comercial positivo e crescente, nos últimos anos, para ajudar na manutenção da estabilidade da economia, mais do que compensando as perdas.

Pode-se concluir que as grandes e crescentes exportações de commodities agropecuárias e da indústria extrativa para a China induzem o Brasil a não criar barreiras no sentido de evitar o aumento das importações provenientes do país asiático. Além disso, foi possível confirmar nos gráficos da pesquisa referentes ao valor médio anual por tonelada, que a China seria muito competitiva na produção de produtos industriais em geral.

É possível que, as volumosas importações de produtos industriais da China – de máquinas, equipamentos e de produtos industriais intermediários de consumo – conforme alertaram Sugimoto e Diegues, estejam gerando impactos negativos em diversos setores da indústria de transformação brasileira, mas, de certa forma, estas estão relacionadas à manutenção do mercado das grandes exportações do Brasil para a China.

Além disso, destacam-se dois fatores positivos para a indústria brasileira, neste complexo comercial Brasil-China, que se formou há praticamente 20 anos: por um lado, a grandiosidade das exportações de commodities do Brasil para a China e, secundariamente, para o restante da Ásia e Resto do Mundo, demandam uma infraestrutura à altura, abrangendo uma estrutura industrial e tecnológica de porte; e, por outro lado, o acesso a máquinas, equipamentos

e produtos industriais intermediários chineses relativamente mais baratos gerou uma redução dos custos de produção nacionais. Dois pontos que Altemani já havia abordado em seu artigo de 2016. Os resultados da pesquisa, que vão até 2023, reforçam as teses de que o complexo comercial Brasil-China teria gerado aumentos na produtividade e na demanda interna da indústria brasileira, como também cooperado, em decorrência dos crescentes superávits, para a estabilidade econômica.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Artigos:

- ACIOLY, Luciana; PINTO, Eduardo Costa; CINTRA, Antonio Macedo. **As relações Bilaterais Brasil – China: A ascensão da China no sistema mundial e os desafios para o Brasil**, IPEA, Diretoria de Relações Econômicas e Políticas Internacionais (Dinte/IPEA), 2011. Disponível em: https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/comunicado/110408_estu dochinaipeamre.pdf
- ALTEMANI DE OLIVEIRA Henrique. **Brasil-China: uma parceria predatória ou cooperativa?** Revista tempo do mundo. Rtm. v.2. n.1, jan. 2016. Disponível em: https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/rtm/160331_rtm_vol2_n_1_brasil_china_uma_parceria.pdf
- BASTOS, E. K. X. **Termos de troca, ganhos de comércio e crescimento da renda interna bruta real no Brasil de 2001 a 2014**. Carta de conjuntura. Brasília: IPEA: 2015. Disponível em <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/5188>
- COSTA PELLA, Antônio Fernando. **Relações Comerciais entre Brasil e China a Partir dos Anos 2000: Uma Análise do Conteúdo Tecnológico**. 2019. Disponível em <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/res/article/view/7389/pdf>
- DE CONTI, B.; BLIKSTAD, N. **Impactos da economia chinesa sobre a brasileira no início do século XXI: o que querem que sejamos e o que queremos ser**, 2017. (Texto para discussão, n. 292). Disponível em <https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/3512/TD292.pdf>
- RODRIK, D. **Premature deindustrialization**. *Journal of Economical Growth*, n. 21, pp. 1-33, 2016.
- SARTI, F.; HIRATUKA, C. **Desempenho recente da indústria brasileira no contexto de mudanças estruturais domésticas e globais**. In. CARNEIRO, R., BALTAR, P.; SARTI, F. Para além da política econômica. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2018.
- SUGIMOTO, Thiago Noronha; DIEGUES, Antônio Carlos. **A China e a desindustrialização brasileira: um olhar para além da especialização regressiva**. *Nova Economia*. v.32, n.2, p. 477-504, 2022. Disponível em <https://www.scielo.br/j/neco/a/4W7mJxXpMyg6kctGRprzfxC/?format=pdf&lang=pt>
- WEI, Li; MI, Zhou; CHUNHE, Kou; NONNENBERG, Marcelo José Braga; LIMA, Uallace Moreira; BISPO, Scarlett Queen Almeida; ARAUJO, Mateus; PEDROSA, Fernanda. **China-Brazil Agricultural Trade Research**, DINTE, IPEA; Março, 2022. Disponível em <https://www.ipea.gov.br/portal/publicacao-item?id=b66e1ff8-3b21-4987-8862-c7c4b1f0e81f&highlight=WyJjaGluYSIsImNoaW5hJ3MiLCJjaGluYScullo=>

Sites:

- **Estatísticas de Comércio Exterior em Dados Abertos.** <https://www.gov.br/mdic/pt-br/assuntos/comercio-exterior/estatisticas/base-de-dados-bruta>
- **U.S. Bureau of Labor Statistics.** <https://www.bls.gov/cpi/data.htm>